

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

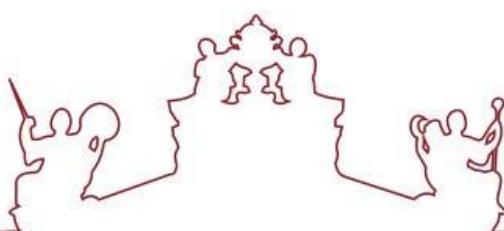
**Ser pai: as relações na vivência da parentalidade - um estudo
qualitativo**

Emanuel Martins Parente Canhoto Botas

Orientador(es) | Constança Maria Pinto

Évora 2020





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

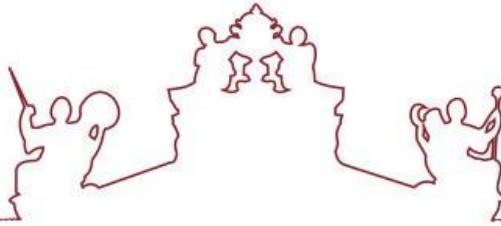
Ser pai: as relações na vivência da parentalidade - um estudo qualitativo

Emanuel Martins Parente Canhoto Botas

Orientador(es) | Constança Maria Pinto

Évora 2020





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora) ´

Vogais | Constança Maria Pinto (Universidade de Évora) (Orientador)

Maria da Graça Santos (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2020



Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família, em especial aos meus avós maternos, que foram e são mais do que pais, que me proporcionaram condições ótimas e irrepreensíveis para ser a pessoa que sou hoje e sempre me incentivaram a esforçar-me ao máximo e a dedicar-me à Universidade para poder fazer o que mais gosto, concluir o curso de Psicologia e, assim, poder auxiliar os outros a reinventar-se e, conseqüentemente, a valorizar a própria existência; e à minha mãe, que sempre foi o pilar da minha vida, a minha melhor amiga e companheira, que nunca deixou de me atender uma chamada, por mais que soubesse que isso implicaria confrontar-se com os meus problemas, e que lutou com todos os recursos que tinha para conseguir sobreviver à doença que a fez perder a esperança e a vontade de viver, para também, acredito eu, poder testemunhar a conclusão do meu percurso académico, que nunca seria possível se ela não me ajudasse a converter os receios e as lágrimas em força e no desejo de superação e excelência. Infelizmente, esta foi uma batalha que não conseguiu vencer, pelo que este trabalho, mais do que simbolizar uma realização que pode disfrutar e aplaudir, como fez em cada uma das minhas conquistas, independentemente da sua relevância, é uma homenagem sentida, que ainda assim nunca fará jus a tudo o que a minha mãe foi, é e sempre será na minha vida e, especialmente, no meu coração. Obrigado por tudo mãe, nunca te esquecerei, serás sempre a minha referência e a pessoa da minha vida.

À minha namorada, Leonor, o que de melhor a passagem pela Universidade de Évora me proporcionou, agradecer por todo o apoio, amor e amizade, por me ajudar a dar valor ao que na vida verdadeiramente importa, por me ensinar, através das nossas diferenças, a compreender o que para mim era incompreensível, a adotar outras perspetivas da vida e do mundo, que me enriqueceram e me ajudaram a ser cada vez mais altruísta, compreensivo, ponderado e a pôr os meus princípios e crenças à prova. Por ser um verdadeiro exemplo de resiliência e otimismo, e por confiar em mim quando eu mais precisava, afirmando, de uma forma espontânea, “és a pessoa mais inteligente que conheço, sei que consegues tudo”.

Agradeço também à minha irmã e aos meus primos, que são como meus irmãos, por me darem a alegria de assumirem como parte da sua própria identidade os princípios que procurei transmitir-lhes, uma vez que em função disso, e embora sendo mais novos, demonstraram confiar plenamente em mim, mesmo quando as responsabilidades eram tantas que pareciam incomportáveis e incompatíveis com a entrega deste trabalho. Neste sentido, quero também agradecer à minha madrinha, que apesar de muitas vezes ficar triste por eu

não lhe atender as chamadas, ainda que compreendendo, por saber que isso era consequência da minha necessidade de dedicação ao e priorização do meu percurso académico, sempre me transmitiu que por mais dificuldades que a vida me trouxesse, tinha de as encarar com naturalidade, uma vez que acreditava que as minhas capacidades me permitiriam superar qualquer desafio.

Ao meu amigo João, um especial agradecimento, quer por ter contribuído para o meu percurso académico, tanto nos trabalhos em que colaborámos, como através dos conselhos que me deu e a tranquilidade que me transmitiu; quer por potenciar o meu autoconhecimento, mesmo que isso implicasse um grande esforço do ponto de vista emocional, e ser a pessoa que nunca duvidou das minhas capacidades, prevalecendo no meu pensamento uma frase que disse e me deu o impulso que me faltava para acreditar que na vida não há impossíveis, “tu sempre achaste que tinhas que trabalhar mais que os outros, mesmo sendo mais talentoso do que eles. Sempre confiaste mais no teu trabalho, do que no teu talento”.

À minha amiga Francisca, quero agradecer a paciência e a capacidade de me fazer sentir que a conclusão da dissertação, embora implicando um processo moroso e complexo, simbolizaria o reconhecimento merecido de tantos anos de dedicação e sacrifício; e à minha amiga Catarina e a outras pessoas conhecidas, agradecer o facto de me terem contactado sempre que tiveram questões ao longo do seu percurso académico, salientando que o faziam porque me viam como um exemplo de sucesso.

À minha orientadora, a Professora Doutora Constança Biscaia, por toda a paciência, compreensão, disponibilidade e orientação, mesmo quando o meu investimento, devido às diversas circunstâncias da vida, não era o esperado; e por me ter repreendido nos momentos certos, o que, contrariamente ao que eu pensava, não se baseava na crença de que eu não me queria empenhar, mas sim, no conhecimento, e, conseqüentemente, nas expectativas que tinha relativamente à minha capacidade de trabalho.

Um agradecimento diferente, mas tão ou mais importante, ao meu pai, que me inspirou a crer explorar esta temática, sobretudo para o tentar compreender melhor. Ele que, mesmo que possivelmente não saiba, é a pessoa que mais influência tem na minha vida. Considero que a realização deste trabalho, ajudou-me quer a conseguir aprofundar essa compreensão, quer a fomentar o meu desejo de ser pai.

Um agradecimento a todos aqueles com quem me cruzei ao longo do meu percurso académico, aos meus colegas de turma, inclusive os que realizaram trabalhos comigo, mas também aos mais competitivos, dedicados e respeitadores, que contribuíram para que cada dia constituísse uma nova oportunidade de explorar as minhas capacidades e acentuaram o desejo de querer ser o melhor, independentemente da subjetividade que está associada a essa conceção; aos meus professores, quer pela qualidade e quantidade de conhecimentos essenciais que me transmitiram, quer pela exigência requerida, que implicou que em muitas situações encontrasse recursos que não pensava ter; e ao meu orientador de estágio, o Dr. Paulo Simões, que contribuiu para que eu me confrontasse com os meus defeitos e as minhas falhas, o que, conseqüentemente, ajudou a que me reencontrasse e a ter mais consciência de quem sou, quais são os meus objetivos e o que devo fazer para os alcançar.

Um Grande Obrigado em particular à equipa de enfermagem do serviço de Obstetrícia do Hospital Sousa Martins, constituída por colegas de trabalho da minha mãe que se voluntariaram para lhe prestar os melhores cuidados nos últimos dias de vida, procurando que os mesmos não fossem tão dolorosos, a nível físico, cognitivo e emocional, mesmo que isso implicasse que esses profissionais se confrontassem com a própria dor, demonstrando que não viam a minha mãe como uma colega, mas sim como uma amiga e uma profissional ímpar que, como muitos me confidenciaram, sempre foi incansável; e todos os familiares, amigos e conhecidos que estiveram presentes na última homenagem em que a minha mãe esteve fisicamente presente, contribuindo para que tivesse uma despedida digna e merecida. Cada uma destas pessoas incentivou-me sobremaneira a concluir o meu percurso académico, salientando que foi algo que a minha mãe sempre desejou e, sobretudo, que não houve um único dia em que ela não manifestasse o orgulho que sempre teve em mim e partilhasse com eles as minhas vitórias. A frase mais marcante foi a do meu primo Francisco, que entre lágrimas e soluços me disse, “primo, acaba a tese para depois virmos dizer à tia que já acabaste”.

Um “Obrigado” ainda para Aquele a quem chamo de Amigo, de quem tendo a afastar-me quando as circunstâncias não são as mais favoráveis, mas que perceciono que nunca me abandona e que, possivelmente, me inspirou a realizar este trabalho sob a influência da famosa frase de Dale Carnegie, “Trabalha Duro e em Silêncio. Deixa que o Teu Sucesso faça Ruído”, que escrevi na parede do meu quarto e me ajudou a manter o foco.

Resumo

Ao longo das últimas décadas, verificou-se um aumento significativo do interesse e, conseqüentemente, do estudo da paternidade, potenciados sobretudo pela ocorrência de mudanças sociais que contribuíram para que o papel do pai dentro da estrutura familiar se fosse modificando, especialmente no que concerne às características e qualidade da relação estabelecida com os filhos. A experiência de ter e criar filhos é predita e influenciada por múltiplos fatores, dos quais se salienta a componente relacional, a natureza e as especificidades dos diversos relacionamentos que o pai estabelece ao longo da sua existência. O presente estudo tem como objetivo perceber o que é ser pai, quais os significados atribuídos a este evento do ciclo de vida, as suas implicações e como a paternidade é desempenhada, aprofundando a percepção que os pais têm do impacto das relações passadas e atuais na vivência deste fenómeno. Foram realizadas entrevistas narrativas a 8 pais e, posteriormente, procedeu-se à análise temática da informação recolhida. Concluiu-se que, atualmente, os pais estão mais presentes na vida dos filhos, sendo mais afetuosos e envolvendo-se com os mesmos em mais atividades, o que contribui para que estabeleçam com eles uma relação de amizade, com características únicas; e que enquanto a relação com a esposa e a relação com os próprios pais se assumem como os fatores que mais influenciam o desempenho da paternidade, as relações com os amigos são as que mais se alteram em função desta vivência. Estas evidências corroboram a convicção de uma paternidade gradualmente mais consciente e participativa.

Palavras-chave: paternidade; relações significativas; ciclo de vida; entrevista narrativa; análise temática

Abstract

Over the past few decades, there has been a significant increase in interest and, consequently, in the study of paternity, which has been enhanced mainly by the occurrence of social changes that have contributed to changing the role of the father within the family structure, especially with regard to the characteristics and quality of the relationship established with the children. The experience of having and raising children is predicted and influenced by multiple factors, of which the relational component, the nature and the specificities of the various relationships that the father establishes throughout his existence are highlighted. The present study aims to understand what it means to be a father, what are the meanings attributed to this life cycle event, its implications and how paternity is performed, deepening the perception that parents have of the impact of past and current relationships on experience of this phenomenon. Narrative interviews were conducted with 8 fathers and, subsequently, the thematic analysis of the collected information was carried out. It was concluded that, nowadays, parents are more present in their children's lives, being more affectionate and being involved with them in more activities, which contributes to establishing a friendship relationship with them, with unique characteristics; and that while the relationship with the wife and the relationship with the parents themselves are assumed to be the factors that most influence the performance of paternity, the relationships with friends are the ones that change the most due to this experience. This evidence corroborates the belief in a gradually more conscious and participatory paternity.

Keywords: paternity; significant relationships; life cycle; narrative interview; thematic analysis

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico.....	4
1.1 O papel do pai.....	4
1.2 Determinantes da Parentalidade: O Modelo de Belsky.....	6
1.2.1 Características do pai.....	8
1.2.2 Características dos filhos.....	9
1.2.3 Características dos contextos.....	11
1.3 A componente relacional da paternidade.....	13
1.3.1 Influência entre a paternidade e a conjugalidade.....	14
1.3.1.1 <i>Teoria dos sistemas familiares de Bowen.....</i>	15
1.3.2 Influência entre a paternidade e a relação com os próprios pais.....	17
1.3.3 Influência entre a paternidade e a relação com amigos e outros significativos.....	20
Capítulo 2 – Estudo Empírico.....	23
2.1. Método.....	23
2.1.1. Objetivos.....	23
2.1.2. Participantes.....	23
2.1.3. Instrumento.....	25
2.1.4. Procedimentos.....	26
2.1.4.1. <i>Recolha de dados.....</i>	26
2.1.4.2. <i>Análise de dados.....</i>	28
2.2. Resultados e Discussão.....	30
2.2.1. A vivência da conjugalidade.....	31
2.2.1.1. <i>A qualidade da relação conjugal como elemento facilitador.....</i>	31
2.2.1.2. <i>Os filhos como fator unificador.....</i>	32
2.2.1.3. <i>Diferença e complementaridade de papéis.....</i>	32
2.2.2. Os pais como <i>modelos</i> de referência.....	33
2.2.2.1. <i>Padrões seguidos e reajustados.....</i>	33
2.2.2.2. <i>A compreensão da experiência enquanto filho.....</i>	38
2.2.2.3. <i>Diferenças intergeracionais geradas por mudanças sociais.....</i>	38
2.2.3. A identificação com o estatuto.....	39
2.2.3.1. <i>A validade das experiências alheias.....</i>	39
2.2.3.2. <i>A seletividade das amizades.....</i>	40

2.2.4.	Vivência dos filhos.....	42
2.2.4.1.	<i>Simbolismo, motivos e interpretações existenciais.....</i>	42
2.2.4.2.	<i>Principais desafios/preocupações.</i>	44
2.2.4.3.	<i>Funções do pai, características e qualidade da relação.</i>	49
2.2.4.4.	<i>Adaptação às características dos filhos.</i>	54
2.2.4.5.	<i>Prevenção e/ou resignificação de situações adversas concretas.</i>	55
2.2.4.6.	<i>Emoções e pensamentos emergentes.</i>	56
	Considerações finais	57
	Referências	60
	Anexos	78

Índice de Tabelas

Tabela 1	24
----------------	----

Índice de Figuras

Figura 1 - Rede Temática.....	30
-------------------------------	----

Índice de Anexos

Anexo A – Apresentação do estudo e consentimento informado

Anexo B – Introdução à entrevista

Anexo C – Tabela de temáticas 1: P1 a P4

Anexo D – Tabela de temáticas 2: P5 a P8

Introdução

Ao longo das últimas décadas, a parentalidade tem sido uma das principais temáticas de interesse da comunidade científica em geral e da Psicologia em particular, uma vez que se a reprodução se constitui o meio que assegura a continuidade da espécie humana, a forma como os pais desempenham o seu papel é determinante em como essa continuidade ocorre. Se, inicialmente, o foco era a díade mãe-filho, surgindo o pai essencialmente como provedor de sustentabilidade financeira, instrutor moral e educativo, e promotor da socialização; gradual e lentamente, o estudo da família e das suas dinâmicas modificou-se positivamente, começando a ser mais abrangente e exaustivo, o que permitiu concluir que a díade pai-filho, durante vários séculos apenas analisada enquanto fator que facilitava ou dificultava a maternidade, tem afinal características próprias e assume-se como altamente significativa e estruturante para os elementos que a constituem (Belsky, 1981).

Esta descoberta, acentuou a convicção de que o papel que pai e mãe desempenham é distinto, variando em termos de funções, qualidade e quantidade de tempo partilhado com os filhos, daí que a contribuição de cada um para o seu desenvolvimento seja ímpar e essencial. Por sua vez, a diversidade de estímulos proporcionados aos filhos, assume-se complementar, fomentando que esse desenvolvimento seja rico, dinâmico e congruente com as expectativas, crenças e desejos dos pais (Hofferth, Pleck & Vesely, 2012).

A parentalidade pode definir-se como o conjunto de tarefas que compete aos pais realizar, de forma a promover o desenvolvimento físico, psicológico e social dos filhos (Barroso & Machado, 2010). Consiste na providência de cuidados e oportunidades para assegurar a sua sobrevivência (Hoghughi, 2004) e potenciar que, ao longo das sucessivas fases do processo de desenvolvimento, ocorra uma transição gradual em termos de responsabilidade existencial, que a dependência que os filhos têm dos pais, dê lugar a uma maior autonomia e independência, para que os próprios consigam assegurar a sua sobrevivência e a de outros, nomeadamente a dos próprios filhos (Maccoby, 2000).

No entanto, embora muitas vezes desejada, esperada e praticada de uma forma aparentemente natural, óbvia e sem necessidade de linhas de orientação, a parentalidade é altamente complexa, sendo influenciada por múltiplos fatores, antes e após o início da

sua vivência (Raby et al., 2015), dos quais se destacam as relações significativas estabelecidas ao longo do ciclo de vida (Belsky, 1984).

Existem evidências consistentes de que a parentalidade experienciada enquanto filho, que tem uma influência transversal no percurso de vida (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington & Bornstein, 2000; Fraley, Roisman & Haltigan, 2013; O' Connor, 2002); a qualidade e as características da relação com a companheira/cônjuge (Raby et al., 2015); e outras experiências interpessoais, inclusive com amigos e colegas, influenciam o desejo de, a competência para e o nível de satisfação ao desempenhar o papel de pai (Belsky, 1984).

A necessidade crescente de se estudarem e examinarem os determinantes do envolvimento paterno é significativamente potenciada pelo facto de a paternidade culturalmente ser menos roteirizada e determinada do que a maternidade, o que também tem condicionado o desenvolvimento de modelos exclusivamente centrados no papel do pai e contribuído para a emergência dos relativos ao papel da mãe ou de ambos (Daly, 1995; Marsiglio, 1993).

O objetivo do presente trabalho é precisamente perceber o que é ser pai, quais os significados atribuídos a este evento do ciclo de vida, as suas implicações e como a paternidade é desempenhada, aprofundando a percepção que os pais têm do impacto das relações passadas e atuais na vivência deste fenómeno.

Inicialmente será abordado o papel do pai, explicitando a sua conceção contemporânea, nomeadamente em termos de funções e da relevância do seu envolvimento para o desenvolvimento dos filhos. De seguida, o foco irá incidir na influência de fatores com maior especificidade na paternidade, mais concretamente, as características do pai, as características dos filhos e as características contextuais, compreendidos em função do Modelo Social-Contextual dos Determinantes da Parentalidade de Belsky (1984), em virtude de ser o que reúne maior consenso e se coadunar com os interesses de estudo. Por último, será abordada a componente relacional do ser pai, explorando os mecanismos pelos quais esta vivência pode ser influenciada por e pode influenciar outras relações, nomeadamente, a relação conjugal, a relação com os próprios pais e a relação com os amigos e outros significativos.

É ainda importante mencionar que o termo família será sempre utilizado para fazer referência à estrutura familiar tradicional ocidental, heterossexual e biparental, sendo que esta decisão não está associada a qualquer tipo de estereótipo, consistindo apenas numa adaptação aos limites relativos à extensão do trabalho; e que o termo “pais” será utilizado para fazer referência a pai e mãe, distinguindo-se assim do termo “pai”, que faz apenas referência ao género masculino, as únicas exceções dizem respeito a circunstâncias em que surgem comparações entre pais e mães e nas secções “Resultados e Discussão” e “Considerações finais”, uma vez que está a ser feita alusão aos participantes no estudo. Acresce salientar, que ainda que o foco seja o pai, em diversos momentos a referência a este não é diferenciada, em função da maioria da literatura não fazer distinção entre pai e mãe, referindo-se sempre à parentalidade no geral, inclusive quando emprega o termo “pais”.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1.1 O papel do pai

Durante séculos, as definições de parentalidade foram significativamente influenciadas por suposições referentes a um papel crítico da mãe relativamente aos cuidados dos filhos, a inadequação e desinteresse do pai na prestação dos mesmos, e o facto de este estar incumbido exclusivamente de tarefas de outra índole, embora também fundamentais para a sobrevivência familiar, como as respeitantes à garantia da consolidação dos valores respeitados e inabaláveis (Parke et al., 2005).

As profundas mudanças e transformações económicas, sociodemográficas e culturais, resultantes de movimentos sociais durante o séc. XX, potenciaram a transformação da identidade e do lugar ocupado pela mulher, quer na sociedade (Badinter, 1985; Rocha-Coutinho, 2003), com destaque para o aumento substancial das mulheres em diversos contextos laborais (Parke et al., 2005; Pleck & Masciadrelli, 2004), quer na família, contribuindo para a alteração da sua estrutura tradicional e das suas dinâmicas no início do séc. XXI (Holden, 2014; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004).

A definição de parentalidade gradualmente começou a assentar na ideia de partilha de tarefas e responsabilidades relativamente aos filhos no que respeita a diversos domínios, como o financeiro, o doméstico e a prestação de cuidados (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Deutsch, 2001; Parke, 1996; Torres, 2004), contribuindo para que a conceção do que é ser pai se alterasse substancialmente, atribuindo-se ao mesmo um papel altamente complexo e multifacetado, que potenciará uma parentalidade mais igualitária (Doherty, Kouneski & Erikson, 1998; Montesinos, 2004; Parke, 2000; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005). Estas premissas contribuíram para a introdução de novas práticas institucionais, das quais se salienta a licença de paternidade, fundamentada no argumento de que o pai pode e deve estar mais presente no início da vida dos filhos (Pleck, 1984).

Na contemporaneidade, predomina então, a crença de um pai ativo, envolvendo-se voluntariamente e demonstrando, até, desconforto, quando percebe que está a ser excluído da vida dos filhos. Um pai mais participativo, flexível, sensível, compreensivo, aberto ao e promotor do diálogo, que valoriza e promove a interação, em quem

predominam sentimentos de transcendência e responsabilidade, que concede mais liberdade e, sobretudo, mais presente (Balanchó, 2004). Privilegiando relações com os filhos através de contacto direto, próximo e por opção, o que, conseqüentemente, potencia uma maior realização pessoal (Villamizar & Rosero, 2005). O envolvimento do pai tende a ser uma dimensão estável, contudo, poderá variar ao longo do ciclo de vida, em função de fatores relacionados com os filhos, como as suas necessidades; com o próprio, em função da sua experiência individual, inclusive enquanto pai; ou situacionais, como um acontecimento de vida traumático (Hwang & Lamb, 2002).

Winnicott (1969) salienta que um pai mais presente pode ser uma condição altamente benéfica para os filhos, uma vez que se poderá constituir como o seu primeiro objeto de contemplação, a primeira representação que têm da integração no mundo, contribuindo para reconhecer a sua própria existência. Isto sucede quando potencia o desenvolvimento da maturidade emocional do filho (inicial e gradualmente desenvolvida na relação com a mãe), o que ocorre quando demonstra capacidade para sobreviver aos ataques que este lhe dirige, transmitindo que se constitui uma fonte de suporte fiável e segura. O que, por sua vez, se revela fundamental, tendo em consideração que alguns comportamentos são justamente executados pelo filho com o intuito de testar a resposta providenciada. A função essencial do pai, enquanto cuidador, é promover a integração pessoal e a constituição do *self* do filho. Conseguir-lo, simboliza realizar suficientemente bem o seu papel, sobretudo quando desempenhada de forma espontânea, autêntica e integrada.

Pleck (1983) identificou quatro funções do pai que considera influenciar o desenvolvimento dos filhos, nomeadamente, o suporte económico, uma forma de envolvimento indireto fundamental, possibilitando o acesso dos filhos à saúde, educação e bens materiais, e na qual, por vezes, os pais se escudam para se isentarem de outras responsabilidades, inclusive as associadas à segunda função, o suporte emocional, baseado na demonstração de emoções, interesse e apoio relativamente a questões afetivas e sociais, e que se assume fundamental para um ajustamento positivo dos filhos; o suporte prestado à esposa, através da divisão e participação nas tarefas domésticas e relacionadas com o filho, acreditando-se que os comportamentos executados e o desempenho em tarefas destes âmbitos poderão constituir modelos de referência para os filhos (Pleck, 1984); e a administração do relacionamento concreto com os filhos, nomeadamente, em termos de funções desempenhadas, como a transmissão de princípios e valores e o ensino

de um repertório comportamental, transmitido através do que diz, faz e a congruência entre ambos, e das atividades que realizam juntos, como o estudar e o brincar (Lamb, 1981).

Segundo Parke e colegas (2002), é a partir do brincar que o pai tende a começar a influenciar, de uma forma mais significativa, a vivência dos filhos, uma vez que esta atividade tem um papel crucial no seu desenvolvimento psicológico, cognitivo, social e motor, ao possibilitar que descubram o mundo, criem a própria identidade, construam o sentimento de justiça, se superem, desenvolvam uma capacidade adaptativa, ensaiem papeis e testem os seus limites, o que, por sua vez, fomenta a capacidade de autorregulação cognitiva e emocional (McDowell, Kim, O'Neill & Parke, 2002)

A influência paternal no que concerne ao relacionamento com o filho, compreende três componentes distintas, nomeadamente, a interação, que remete para o contacto e auxílio direto entre pai e filho, por meio do cuidado e atividades partilhadas; a disponibilidade, que respeita ao potencial do pai para interagir com o filho, mesmo que estejam a realizar tarefas distintas; e a responsabilidade, a consciência das necessidades dos filhos e a capacidade de efetivamente estar disposto a e conseguir satisfazê-las, que é considerada a mais importante (Lamb, 1987; Lamb, Pleck & Levine, 1985)

As especificidades da relação pai-filho, evidenciam que a contribuição do pai para o desenvolvimento dos filhos é única (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Parke, 2002; Rohner, 1998). O objetivo do pai, deve ser sempre enriquecer o universo do filho, transmitir-lhe que a relação entre ambos se deve alicerçar no princípio de construir com o outro (Winnicott, 1969).

1.2 Determinantes da Parentalidade: O Modelo de Belsky

Segundo Belsky (1980), no campo da parentalidade, o termo determinante remete para todo e qualquer fator demográfico e psicológico que contribua para a predição de comportamentos parentais, salientando que os determinantes que influenciam os diferentes tipos de prestação de cuidados, mais e menos assertivos, são os mesmos. O autor, recorrendo ao Modelo Ecológico desenvolvido por Bronfenbrenner (1979), procurou estruturar os conflitos existentes no seio familiar, concluindo que os mesmos

poderão resultar e/ou acentuar-se quando os pais permitem que os aspetos negativos da sua própria história de vida (desenvolvimento ontogénico) prevaleçam, e existem fatores geradores de stress no ambiente externo à família, nos contextos onde os seus elementos se envolvem e estabelecem inúmeras e diferentes relações (Belsky & Vondra, 1989).

Em função destas descobertas, emergiu o Modelo Social-Contextual dos Determinantes da Parentalidade (Belsky, 1984), centrado nas variáveis sociológicas e de personalidade, que estariam subjacentes e, conseqüentemente, prediriam os comportamentos e padrões parentais, sendo estas: as origens ontogénicas e os recursos psicológicos dos pais; as características dos próprios filhos; e as especificidades contextuais, relativas quer aos contextos em que pais e filhos interagem, quer aos contextos específicos em que cada um se envolve. Ainda que cada um destes determinantes tenha um impacto próprio, concreto e relevante, a sua influência é distinta. Considera-se que as características do pai são o que tem maior peso (o que se apoia na perspetiva que defende que a maioria se constitui antes da paternidade e, conseqüentemente, da interação com o filho), seguindo-se os fatores contextuais e, por último, as características dos filhos.

Este modelo é consensual com a perspetiva de Cicchetti e Lynch (1993) no que concerne à etiologia dos maus tratos na infância, mais concretamente no que respeita a considerar a qualidade da parentalidade como resultado da interação entre fatores potenciadores de risco e fatores de compensação/proteção. Uma parentalidade negativa, caracterizada pela negligência, permissividade e/ou agressividade, seria o resultado de um desequilíbrio a favor dos fatores de risco. Por outro lado, uma parentalidade positiva, caracterizada pela atenção, estimulação, promoção do raciocínio, disciplina consistente e a não restrição excessiva, que tende a fomentar o desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais importantes, locus de controlo interno, orientação pró-social e a capacidade de persuadir, envolver, cooperar com e proporcionar interações calorosas a familiares e amigos, o que, conseqüentemente, potencia o sentimento de realização pessoal e uma autoestima positiva, seria o resultado da prevalência de fatores de proteção. Uma parentalidade construtiva surge assim, quando há uma descentração pessoal, uma sincronização com as necessidades do filho, permitindo que este alcance resultados desenvolvimentais desejados e valorizados, dos quais se salientam a segurança emocional, a independência comportamental, a competência social e a realização intelectual (Belsky, Lerner & Spanier, 1984).

1.2.1 Características do pai.

Belsky (1984) salienta que a personalidade do pai assume um papel central no que respeita à filtragem das influências socioculturais sobre a paternidade, mediando os seus efeitos no funcionamento psicológico individual. O impacto de situações temporárias em que emergem emoções negativas como raiva e/ou tristeza, ou mesmo de experiências emocionais mais duradouras de vitimização, impotência ou constrangimento emocional em determinados relacionamentos, é potenciado ou atenuado pela personalidade, que, assim, ajuda a determinar como o pai interpreta e se adapta aos restantes, inclusive com o próprio filho (Conger, Belsky & Capaldi, 2009; Vondra, Sysko & Belsky, 2005).

Segundo Van Bakel e Riksen-Walraven (2002), a maturidade psicológica, a empatia e a inteligência são qualidades englobadas no construto de diferenciação psicológica. Estes autores mencionam a existência de um continuum que varia de diferenciação psicológica e maturidade, a perturbação psicológica e doença mental, explicando que, em função de um pai ter mais e melhores recursos psicológicos, tende a ter uma maior capacidade para compreender a perspetiva do filho, evitando realizar atribuições negativas aos seus comportamentos desadequados e, conseqüentemente, a estar mais motivado para lhe proporcionar mais e melhores cuidados.

Por outro lado, quando a personalidade do pai é pouco estimulante e/ou percecionada como instável, ou se verifica psicopatologia paternal, o desenvolvimento dos filhos poderá ficar condicionado e/ou comprometido, em função de não lhes ser proporcionado um ambiente saudável e bem estruturado. O impacto é mais acentuado quando o pai não consegue desempenhar alguns dos papéis que seriam da sua responsabilidade; quando o próprio filho assume a responsabilidade de prestar determinados cuidados ao pai, verificando-se assim uma alteração à ordem natural do cuidar; e/ou quando os filhos são e/ou se sentem rejeitados.

Contudo, mesmo quando a personalidade do pai não é favorável ao desenvolvimento positivo dos filhos, este não fica necessária, definitiva e irremediavelmente determinado, em função da personalidade do pai se desenvolver e se poder modificar positivamente ao longo do tempo, (McCrae & Costa, 2008; Srivastava, John, Gosling, & Potter, 2003), o que também é potenciado pela vivência dos filhos, inclusive pela emergência de diferentes preocupações relativas aos mesmos; e de outros

fatores mediarem o impacto da personalidade do pai, inclusive a relação estabelecida com figuras significativas com uma personalidade mais estável, como a mãe ou os irmãos (Belsky, 1984).

1.2.2 Características dos filhos.

As evidências relativas à influência que as características individuais dos filhos têm na paternidade, são baseadas na comparação de comportamentos paternos dirigidos ao mesmo filho e/ou aos vários filhos (Karakar & Coleman, 2005), que determinarão em larga escala o seu desenvolvimento (Feinberg & Hatherington, 2001; Kowal & Kramer, 1997). A paternidade diferencial constitui assim, um dos fatores que se acredita contribuir para que, mesmo os irmãos que são criados no mesmo contexto, tenham um processo de desenvolvimento distinto, por mais que física e psicologicamente sejam semelhantes (Deater-Deckard et al., 2001).

Contudo, o foco é o que está na gênese das variações comportamentais do pai, mais concretamente, as características estáveis e as propensões comportamentais dos filhos (Karakar & Coleman, 2005). De acordo com a extensa literatura existente, o temperamento, definido como um conjunto de comportamentos e reações típicos (Putnam, Sanson e Rothbart, 2002), é a característica dos filhos que mais facilita ou dificulta o desempenho do papel de pai (Bates, 1980). Despoleta cognições, emoções e comportamentos, que podem ser comuns, face a comportamentos habituais dos filhos; ou específicos, quando relativos a comportamentos e/ou reações particulares e/ou inesperados, e/ou quando estão presentes outros fatores de stress. Isto irá influenciar as respostas dos filhos que, por sua vez, irão reforçar ou punir os comportamentos do pai, e assim sucessivamente. Sanson, Hemphill e Smart (2002) referem que embora o temperamento tenda a manter-se relativamente estável ao longo da infância, poderá modificar-se em função de determinados fatores e/ou ser expresso de formas distintas.

As crianças que tendem a ser mais acessíveis em termos de cuidados, fáceis de acalmar, sociáveis, flexíveis, afetuosas e com capacidade de autorregulação desenvolvida, tendem a ser alvo de comportamentos mais apoiantes e, conseqüentemente, a ter uma relação mais próxima com o pai (McBride, Schoppe & Rane, 2002). Por outro lado, crianças que tendem a ser mais inquietas e requisitam constantemente determinados recursos e/ou mais recursos do que os que o pai considera que seriam

necessários e adequados, poderão tender a evocar menos comportamentos de ajuda e/ou mesmo a suscitar comportamentos paternais hostis e insensíveis (Belsky, 2008; Goldberg, Clarke-Stewart, Rice & Dellis, 2002; McBride et al., 2002). Quando isto se verifica, o desenvolvimento dos filhos tende a ser substancialmente mais intenso, desafiante e exigente do ponto de vista emocional (Mcbride et al., 2002).

Para além de características altamente complexas e específicas, como o temperamento, também as características naturais, imutáveis e mais facilmente observáveis, como o género, a idade e a aparência dos filhos, podem influenciar a forma como o pai desempenha o seu papel (Karakar & Coleman, 2005).

Relativamente ao género, o pai tende a aceitar mais facilmente a irritabilidade e afeto negativo por parte de rapazes e a timidez por parte das raparigas, em função dos estereótipos de género, segundo os quais os rapazes devem ter maior permissividade e ser mais extrovertidos (Putnam et al., 2002); a adotar comportamentos menos hostis quando tem filhas, sobretudo se as considerar atraentes (Elder, Van Nguyen & Caspi, 1985); a demonstrar maior dedicação, interesse e envolvimento relativamente aos rapazes, em função de perceberem que os mesmos devem ter mais semelhanças consigo, uma crença apoiada nos papéis sociais e, mais tarde, familiares, que se espera que enquanto homens desempenhem; e a ter maior necessidade de proteger as filhas, sobretudo no que respeita aos relacionamentos amorosos, o que se justifica pela crença enraizada de que as mulheres são mais frágeis e pelo facto de o companheiro amoroso da filha ser, pelo menos no imaginário do pai, percebido como o seu principal rival no que respeita à pertença, ainda que simbólica, da filha, sendo que quanto mais vincado o sentimento de posse do pai relativamente à mesma, mais acentuado o sentimento de perda quando esta encontra um companheiro (Lamb, 1987).

No que respeita à idade, segundo Pleck (1983), o envolvimento tende a ser superior quando os filhos são mais pequenos, quer por ainda necessitarem dos pais para os auxiliar a dirigir os comportamentos; quer por ao longo do ciclo de vida, os próprios filhos irem interagindo mais com outras figuras de referência, como os pares e/ou os próprios irmãos, em função de terem interesses e/ou realizarem atividades comuns. Já ao nível da atratividade física, a paternidade acompanha a tendência social, na medida em que tende a ser dada mais atenção às crianças mais atraentes (Hildebrandt & Cannan, 1985; Hildebrandt & Fitzgerald, 1978).

Segundo Stern e Karraker (1989), embora prevaleça a crença de que os filhos têm de se adaptar ao tipo de paternidade que o pai lhes quer proporcionar e/ou proporciona, é imperial perceber que é necessário que a própria paternidade se adeque à individualidade dos filhos, às suas necessidades e características, cuja influência se acumula ao longo do seu desenvolvimento e que contribuem para que cada relação pai-filho seja inigualável (Karraker & Coleman, 2005; Lewis & Lamb, 2003).

1.2.3 Características dos contextos.

Segundo Vygotsky (1984) existem dois fatores que constituem a força motriz do desenvolvimento da criança, mais concretamente, os adultos e o contexto sociocultural em que está inserida, sobretudo em função da forma como este influencia a parentalidade nas suas diversas dimensões.

A paternidade é concebida como uma forma social de exteriorização da identidade masculina, uma vez que padrões, estereótipos, crenças e papéis socioculturalmente estabelecidos, que variam de cultura para cultura, são interiorizados, enriquecidos pela experiência pessoal concreta, as experiências alheias e a capacidade de reflexão individual e coletiva, e, posteriormente, manifestados de forma consciente e/ou inconsciente (Rodríguez, Pérez & Salguero, 2010).

Segundo Beck-Gernsheim (2003) e Velásquez (2008), a reprodução e, conseqüentemente, a paternidade, constituem a emancipação da identidade masculina, o que Muldoworf (1973) procurou sintetizar em função do significado cultural desta vivência, afirmando:

ser pai é sentir-se homem, é dizer, passar por um processo de dupla encarnação: a que adota os modelos parentais interiorizados pelo sujeito e a que adota os modelos socioculturais prevalentes. Sentir-se pai é, pois, satisfazer uma tripla exigência relativa ao estatuto do homem numa dada sociedade: amor à sua mulher, amor ao seu filho e assumir o seu papel social e profissional, que é um dos elementos determinantes no estatuto da masculinidade (p. 136).

Ter filhos representa assim uma confirmação da virilidade do homem, a capacidade de viver, mas também de contribuir para o aparecimento de novas vidas e, conseqüentemente, obter prazer através de novos afetos, daí que ser pai seja uma das

experiências com significado mais profundo e intenso do seu ciclo de vida (Montesinos, 2004), o que está patente nas palavras de Nozick (1992), “ter e criar filhos dá substância à nossa vida. Tê-lo feito significa ao menos ter feito isso. Os próprios filhos formam parte da nossa substância” (p. 24). O autor acrescenta que os filhos são considerados a criação mais importante da existência de um pai, inclusive por serem significados como uma oportunidade privilegiada e ímpar para o seu aprimoramento, para tentar reproduzir uma versão otimizada, e em muitos casos desejada, de si próprio. Desta forma, um filho encerra em si a possibilidade de um pai lutar contra o tempo, desafiar a própria morte, garantir que, no momento em que a sua existência termina, apenas termina fisicamente, uma vez que continuando a exercer a sua influência na vida dos filhos, consegue fazer perdurar a sua influência no mundo (Montesinos, 2002). Contudo, a procriação assume diferentes conotações e significados em função da cultura de origem e das características e experiências individuais, daí que nem todos os homens desejem ser pais e os que são, o sejam por motivos intrínsecos e/ou mantenham uma relação de idealização com os próprios filhos (Mora, Otálora & Recagno-Puente, 2005).

A cultura também influencia significativamente as atribuições realizadas pelo pai, relativamente a considerar a qualidade da paternidade mais dependente das características dos filhos ou da própria capacidade para cuidar (Bornstein et al., 1998); as suas expectativas, que a par das realizações anteriores dos filhos, determinam o desempenho mínimo esperado (Goodnow, 2002); e os valores que procura transmitir aos filhos, sendo que enquanto as sociedades ocidentais tendem a inculcar valores com orientação mais individualista, nomeadamente, a independência, autoconfiança e conquista individual (Triandis, 1995; Triandis, Bontempo, Villareal, Asai & Lucca, 1988), as culturas orientais tendem a prezar características mais coletivistas, como interdependência, cooperação e colaboração (Harrison, Wilson, Pine, Chan & Buriel, 1990). As diferenças culturais inevitavelmente existem, estando sobretudo relacionadas com diferentes objetivos, estratégias e modelos de socialização; contudo, também se verifica a existência de semelhanças entre culturas no que concerne à relação pai-filho, mais concretamente ao nível das dimensões e tarefas estruturais (Keller, Borke, Yovsi, Lohaus & Jensen, 2005).

É possível falar de uma influência recíproca entre paternidade e cultura, uma vez que se a paternidade se alicerça na cultura, incorporando os seus modelos e significados, que inclusive influenciam os processos psicológicos que conduzem à tomada de decisão;

a cultura garante a sua própria continuidade ao ser expressa e perpetuada através da paternidade (Bornstein, 2009, 2012; Bornstein & Lansford, 2010).

Em termos de contextos específicos, a literatura destaca o contexto laboral do pai como o que tem uma influência mais invariável na relação pai-filho entre as diferentes culturas. Segundo Kohn (1963) este contexto pode influenciar a paternidade de três formas distintas, nomeadamente, em função: dos valores vigentes, sendo que no caso de o pai estar total ou parcialmente moldado pelos e/ou ser apologista dos mesmos, tenderá a implementá-los na relação com o filho, inclusive para se verificar uma maior congruência nas diversas esferas da vida; da satisfação que despoleta, que quando elevada, apresenta uma correlação negativa com o desempenho de uma paternidade negativa; e do investimento que requer e/ou lhe é direcionado, sendo que quando o pai dedica demasiado tempo ao emprego, geralmente demonstra mais irritabilidade, impaciência, interage menos e demonstra um menor envolvimento com e conhecimento dos filhos (Crouter & McHale, 2005; Perry-Jenkins, Repetti e Crouter, 2000), o que, por sua vez, implica uma responsabilidade acrescida para a esposa e contribui para que a mesma tenda a assumir-se como o elo de ligação entre o pai e os filhos (Crouter et al., 1999).

1.3 A componente relacional da paternidade

Segundo Cowan (1991) as transições significativas no ciclo de vida, das quais se destaca a da conjugalidade para a parentalidade, podem definir-se como processos humanos que variam em durabilidade, mas que geralmente conduzem a profundas mudanças internas, que influenciam o sentido de si, da própria existência e do mundo; e externas, sobretudo no que respeita aos relacionamentos, papéis e ao repertório comportamental, promovendo assim uma reorganização pessoal e social. Desta forma, constituem-se altamente exigentes e desafiantes, podendo em muitos casos, gerar uma apreensão acentuada, que tende a ser despoletada, sobretudo, pelo desconhecimento à priori, daí que todas as fontes de apoio e orientação sejam consideradas imprescindíveis.

Ao estudar a paternidade, deve ser dada especial ênfase à sua componente relacional (Nudler & Romaniuk, 2005; Rojas, 2000), uma vez que as relações de diferente natureza que o pai estabelece, nomeadamente, com os próprios pais, a esposa, outros

familiares, amigos, colegas, vizinhos e até pessoas com quem contacta esporadicamente e/ou de quem conhece apenas algumas experiências, sobretudo as vivenciadas enquanto pais (Chorvat, 2006; Coltrane, 1996), não só influenciam o desejo de ter filhos, como influenciam a e são influenciadas pela vivência da paternidade, que poderá alterar as suas características (Bost, Cox, Burchinal & Payne, 2002; Katz-Wise, Priess & Hyde, 2010; Mitnick, Heyman & Smith Slep, 2009).

1.3.1 Influência entre a paternidade e a conjugalidade.

A parentalidade implica inúmeros e intermináveis desafios, daí que mesmo quando é desejada, despoleta ambivalência no que concerne a comportamentos, pensamentos e, sobretudo, sentimentos e emoções, especialmente pelo receio de não estarem reunidas todas as condições necessárias para conseguir realizar todas as mudanças e assumir todas as responsabilidades que daí advêm, e/ou a incerteza relativamente a se os filhos nascerão e ao longo da vida serão saudáveis (Falceto & Waldemar, 2009).

Uma das consequências da transição para a parentalidade, tende a ser o desinvestimento, ainda que em grau variável, no seio do casal, justificado pela perda de exclusividade entre os cônjuges (Perren, Von Wyl, Burgin, Simoni & Von Klitzing, 2005) e uma reorganização de prioridades. Assumindo o filho especial protagonismo, a satisfação de necessidades relacionadas com o mesmo é primordial e tem de ser integral, mesmo que isso seja sinónimo de remeter o cônjuge para segundo plano, sobretudo no que concerne à atenção e dedicação que lhe são direcionadas, o que, por sua vez, poderá contribuir para que a parentalidade seja percecionada como fonte de insegurança. Este desinvestimento, pelo menos numa fase inicial, tende a verificar-se, principalmente, por parte da mulher, uma vez que geralmente se assume como a principal provedora de cuidados aos filhos. Por sua vez, isto contribui para que os mesmos sejam percecionados pelo pai como seus competidores, relativamente aos quais é preterido, o que gera um desconforto acentuado, particularmente quando são rapazes (Falceto & Waldemar, 2009). Contudo, o aumento ou a diminuição da satisfação no seio do casal, também está significativamente dependente de outros fatores, dos quais se destaca a maior ou menor congruência entre as expectativas e os papéis relativos que o cônjuge desempenha (Belsky, Rovine & Fish, 1989; Cowan & Cowan, 2000).

Salienta-se, porém, que mesmo quando se verifica uma redução da satisfação conjugal, a estabilidade conjugal, que se pode definir como a consolidação da união do casal, a probabilidade de o casal permanecer junto, tende a ser superior à de casais que não têm filhos. Neste sentido, a parentalidade também acaba por aproximar os pais, sobretudo quando os filhos são percebidos como uma criação e uma responsabilidade de ambos (Belsky, Lang, Rovine, 1985; Cowan et al., 1985; Cowan & Cowan, 2000).

Ainda assim, a maioria dos estudos ressalta que é capital que a relação conjugal seja satisfatória para que o desempenho da função parental também o seja (Hintz & Baginski, 2012), até porque é através da negociação com a parceira, da partilha de expectativas e desejos entre os membros do casal, que se potencia ou inibe o desejo de ser pai (Rodríguez et al., 2010), daí a ênfase atribuída à qualidade desta relação ainda antes do nascimento dos filhos (Menezes & Lopes, 2007). Acresce que por mais que a paternidade implique profundas mudanças e a perda de alguma liberdade, tal como a conjugalidade, estes dois marcos do ciclo de vida têm uma contribuição determinante para os homens se sentirem amados, reconhecidos e que correspondem na plenitude aos pergaminhos da identidade de género (Falceto & Waldemar, 2009).

1.3.1.1 Teoria dos sistemas familiares de Bowen.

Para abordar a relação entre a conjugalidade e a parentalidade, Bowen, Andolfi e De Nichilo (1991) concetualizaram uma perspetiva sistémica do funcionamento familiar, que contempla quatro elementos fundamentais, nomeadamente: a) a triangulação; b) as relações intergeracionais; c) a idealização da figura parental; e d) a pertença.

A ocorrência da triangulação depende dos níveis de tensão e ansiedade entre dois elementos da tríade (os pais), que quando elevados, despoletam a procura de uma aliança com o terceiro elemento (o filho), com o intuito de fazer prevalecer as convicções pessoais relativamente ao objeto de conflito, que pode ser o próprio filho.

As relações intergeracionais são contempladas neste modelo, em função de a parentalidade implicar a implementação das crenças, mitos e rituais provenientes da família de origem de cada membro do casal, o que poderá ser fonte de segurança, quando são semelhantes, gerando concordância; ou de conflito, quando são substancialmente distintos e/ou incompatíveis.

Por idealização da figura parental, entende-se a crença de cada elemento relativamente a como o outro deveria desempenhar o papel parental de forma ideal, podendo verificar-se frustração quando as expectativas são defraudadas, o que ocorre, sobretudo, quando um determinado padrão parental é percebido como o único aceitável e não está a ser colocado em prática pelo outro. Esta idealização poderá ser decorrente de uma de duas situações antagónicas. Por um lado, quando os laços e a identificação com a família de origem são muito fortes, havendo uma dificuldade acentuada em separar o atual papel de pai, do vivenciado enquanto filho; por outro, quando há uma tentativa de encontrar no outro a representação de uma figura parental desejada que se percebe não se ter tido, sendo que essa projeção poderá mesmo ter influenciado significativamente a escolha do parceiro.

Por último, a pertença, que diz respeito à percepção que os pais têm relativamente à sua integração e identificação com a família nuclear, sendo algo que, entre outros fatores, depende de como são geridas a triangulação, as relações intergeracionais e a idealização da figura parental. Quanto maior a capacidade de individuação de cada pai, que se pressupõe que se tenha desenvolvido gradualmente no seio da respetiva família de origem, maior o sentimento de pertença à família nuclear (Hintz & Baginski, 2012).

As evidências relativamente à influência entre a conjugalidade e a parentalidade são irrefutáveis, sendo que segundo Grych (2002), o pressuposto base é que, apesar das dinâmicas conjugais serem distintas das dinâmicas parentais, a estabilidade ou instabilidade numa destas relações, facilmente se repercute para a outra, ainda que a relação conjugal tenha mais influência na parentalidade do que o inverso, independentemente da valência das emoções e sentimentos predominantes. O intercâmbio comportamental dos pais assume-se mesmo como um dos principais meios que potenciam a influência do ambiente imediato no crescimento psicológico da criança (Bronfenbrenner, 1992).

Quando a relação conjugal é satisfatória, predominando emoções positivas, harmonia e proximidade (Menezes & Lopes, 2007), prevalece uma visão de parentalidade apoiada e partilhada (Cox, Owen, Lewis & Henderson, 1989), que tende a potenciar mais atenção, disponibilidade, sensibilidade e flexibilidade dos pais para atender às necessidades dos filhos, com quem estabelecem um vínculo forte e seguro ao longo do tempo (Howes & Markman, 1989). Estas evidências vão ao encontro do postulado pelo

modelo do transbordamento, segundo o qual, a alta qualidade afetiva da relação conjugal tende a ser transferida, a transbordar, para a relação pai-filho (Erel & Burman, 1995; Goldberg e Easterbrooks, 1984).

Por outro lado, quando no seio do casal predomina a discórdia, o distanciamento emocional e a falta de sentido de cooperação (Menezes & Lopes, 2007), os pais podem experimentar emoções e sentimentos e manifestar comportamentos negativos na relação ou simplesmente evitar relacionar-se com os filhos, o que poderá ser percebido pelos mesmos como um comportamento de rejeição e/ou abandonico (Osborne & Fincham, 1996).

Considerando a influência no sentido inverso, concluiu-se que a existência de conflitos conjugais poderá ser potenciada pela rejeição infantil e o baixo envolvimento parental (Buehler & Gerard, 2002; Webster-Stratton & Hammond, 1999). De uma forma cíclica, quando isto se verifica e os conflitos conjugais são muito desgastantes para os pais, estes tendem a desempenhar a parentalidade de uma forma mais inconsistente e, conseqüentemente, menos eficaz (Fauber & Long, 1991), uma vez que os próprios recursos poderão estar esgotados (Goldberg & Easterbrooks, 1984).

As associações entre a elevada qualidade conjugal e uma parentalidade positiva, e entre conjugalidade conflituosa e práticas parentais desajustadas, são, assim, apoiadas pela maioria dos estudos (Erel & Burman, 1995; Fincham & Hall, 2005). Contudo, não reúnem total consenso, como evidenciado pelo modelo compensatório, segundo o qual, para compensar a baixa qualidade afetiva da relação conjugal, os pais tendem a ser mais carinhosos e a ter mais comportamentos positivos relativamente aos filhos (Amato, 1986; Belsky, 1984; Belsky, Youngblade, Rovine, & Volling, 1991); e pelo modelo da compartimentalização, que salienta que os pais têm capacidade para estabelecer uma diferenciação entre a relação com o cônjuge e a relação com os filhos (Krishnakumar & Buehler, 2000).

1.3.2 Influência entre a paternidade e a relação com os próprios pais.

Uma conceção amplamente difundida e geralmente aceite, é a de que a natureza e qualidade da paternidade, serão resultado, principalmente, da parentalidade experienciada enquanto filho, sobretudo por parte do próprio pai, uma vez que ser pai está inerentemente

associado a ser homem, havendo uma tentativa permanente de identificação com o gênero (Serbin & Karp, 2003). Diversas teorias, nomeadamente, a Teoria do Apego de Bowlby (1969), a Teoria Ecológica de Bronfenbrenner (1960) e a Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977), e correntes teóricas, mais concretamente, as relativas ao estudo da personalidade (Elder et al., 1985) e do curso de vida (Elder, 1981), embora considerem a existência de diferentes mecanismos pelos quais se processa, apoiam a existência dessa associação, considerando que as experiências vivenciadas com os próprios pais, contribuem para a formulação de padrões de interação, construídos com base nas concepções, modelos e representações relativamente ao papel de pai, e que orientarão a relação com os próprios filhos (Hintz & Baginski, 2012).

As evidências encontradas em alguns estudos retrospectivos, mesmo quando realizados com algum distanciamento temporal, corroboram esta associação, concluindo, por um lado, que uma elevada qualidade do relacionamento com os pais, principalmente com o próprio pai, especialmente nas etapas mais precoces do desenvolvimento, potencia o futuro desempenho de uma paternidade positiva, uma vez que favorece a aquisição de competências necessárias e essenciais para ter sucesso no estabelecimento de relações proximais de desenvolvimento (Caspi & Elder, 1988; Conger et al., 2009; Hofferth et al., 2012; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008). A prática de uma paternidade assertiva é então potenciada por existir uma identificação com as experiências positivas enquanto filho, permitindo que as mesmas sejam modeladoras (Bronfenbrenner, 1960).

Por outro lado, a vivência de experiências negativas enquanto filho, poderá traduzir-se numa maior dificuldade em enfrentar os desafios que emergem enquanto pai (Falceto e Waldemar, 2009), existindo diversas evidências de que os pais que maltratam, foram vítimas de negligência e/ou outras formas de violência por parte dos próprios pais na infância (Pears & Capaldi, 2001; Whipple & Webster-Stratton, 1991), interiorizando-as como válidas (Bower-Russa, Knutson & Winebarger, 2001; Deater-Deckard, Lansford, Dodge, Pettit & Bates, 2003).

Já os estudos prospetivos, embora corroborem estas associações, sobretudo no que respeita à transmissão intergeracional de uma parentalidade positiva (Chen & Kaplan, 2005), concluíram que, geralmente, a parentalidade de uma geração, apenas prediz a parentalidade da geração seguinte num grau que varia de modesto a moderado (Belsky, Jaffee, Sligo, Woodward & Silva, 2005; Hops, Davis, Leve & Sheeber, 2003). Salientam

que não tem de existir necessariamente uma relação de causa-efeito, sobretudo no que respeita à transmissão de uma parentalidade negativa (Pears & Capaldi, 2001), o que é sintetizado por Kaufman e Zigler (1987), que afirmam “Ser maltratado coloca alguém em risco de se tornar abusivo...o caminho entre esses pontos está longe de ser direto e inevitável” (p.190).

A justificação para esta variância de resultados, poderá ser a utilização de medidas padronizadas de autorrelato, que podem dificultar a obtenção de resultados precisos, em função das especificidades da memória do ser humano, mais concretamente, da sua incrível capacidade de seletividade de informação, que pode excluir, inconscientemente, experiências infantis dolorosas (Bowlby, 1969) ou mesmo omiti-las ou distorcê-las em função das circunstâncias de vida atuais (Belsky, 1980; Kaufman & Zigler, 1989; Van Ijzendoorn, 1992), até porque as recordações englobam sempre uma componente de julgamento e/ou interpretação. Os erros ao nível da memória relativos a experiências negativas, embora originalmente involuntários, poderão ser mantidos por desejos conscientes, nomeadamente, o de ter um percurso de vida mais positivo (Hardt & Rutter, 2004).

Esta conclusão vai ao encontro de evidências consistentes, que sustentam que um importante fator que influencia o desejo de ser pai, é a possibilidade de os homens proporcionarem aos filhos uma relação diferente, em maior ou menor grau, da que tinham e/ou têm com os próprios pais. Muitos homens não se limitam a incorporar ou retomar certos modelos e padrões parentais, ressignificam-nos e constroem-nos de uma forma própria, com o intuito de excluir práticas que não consideram corretas e introduzir e/ou manter aquelas com que se identificam, fazendo assim prevalecer os seus ideais em detrimento de modelos conhecidos com que não concordam parcial ou totalmente (Wagner, 2003).

Bronfenbrenner (1960) procura explicar através de que mecanismos esta mudança intergeracional se processa, referindo que quando a parentalidade é caracterizada pela falta de envolvimento, existe um fraco sentido de identificação dos filhos com os pais, não havendo abertura e motivação para ser modelados por eles, o que poderá então potenciar que adotem um estilo parental distinto, com o intuito de proporcionar aos filhos condições excecionais que os mesmos gostariam de ter experienciado (Snarey, 1993). Isto remete para o que Egeland e Jacobvitz (1984) denominaram de descontinuidade legal,

definida como a ruptura com os padrões parentais experienciados, e que se verifica sobretudo com pais que vivenciaram uma parentalidade desadequada e desempenham o papel de pai de uma forma positiva, o que é potenciado pelo vivenciar de relacionamentos próximos ao longo do seu ciclo de vida, que se constituíram e/ou constituem experiências emocionais corretivas, que fomentam a introspeção, uma revisão profunda do modelo de funcionamento do eu e do outro (Belsky & Pensky, 1988).

Desta forma, a partir de reflexões sobre a própria individualidade, sobre as suas experiências e aprendizagens pessoais, vão construindo o desejo de ser pai, que deve estar presente antes e depois de se concretizar (Rodríguez et al., 2010). Isto refuta o pressuposto inicial de que o objetivo dos filhos era ser um pai exatamente igual ao próprio pai, por supostamente perceberem que essa se constituía a única via que permitiria perpetuar na plenitude o seu legado (Radin, 1981).

Este conjunto de evidências, contribuiu para emergir e ser apoiada a hipótese, de que mais do que querer ser um pai como o próprio pai, os filhos querem ser semelhantes a um pai que admirassem, respeitassem e com quem conseguissem manter uma relação positiva e realizadora (Mussen & Rutherford, 1963; Sears, Maccoby & Levine, 1957), sendo que a subjetividade relativamente a essa representação idílica, pode ajudar a justificar a enorme variabilidade e especificidade das relações pai-filho (Belsky, 2008).

Independentemente da hipótese apoiada, há uma única certeza: a parentalidade experienciada, influencia, em maior ou menor grau, a paternidade praticada. Por seu lado, a experiência da paternidade, poderá contribuir para reinterpretar a experiência enquanto filho, especialmente em fases mais precoces do desenvolvimento, em função de uma maior compreensão e/ou identificação com a forma de pensar e/ou com os comportamentos dos próprios pais (Conger et al., 2009).

1.3.3 Influência entre a paternidade e a relação com amigos e outros significativos.

Ainda que os próprios pais e a esposa se assumam como as figuras que mais influenciam o desempenho da paternidade, as relações com os restantes elementos da rede social do pai, como outros familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, e até mesmo desconhecidos com quem interage esporadicamente e/ou de cujas experiências tem

conhecimento, também poderão fornecer diretrizes importantes para orientar a criação dos filhos (Cochran & Walker, 2005).

Segundo Crockenberg (1988), a influência destes elementos manifesta-se sobretudo na forma de apoio social, que pode ser definido como a ajuda emocional, instrumental e/ou informativa que providenciam aos pais. O apoio emocional caracteriza-se pelo amor e aceitação interpessoal, pelas expressões de empatia e encorajamento transmitidas aos pais, quer diretamente, através de verbalizações, quer indiretamente, através de comportamentos amigáveis de integração, cooperação e reconhecimento, com o intuito de que os mesmos se sintam compreendidos e confiem na sua capacidade para realizar um parentalidade assertiva, mesmo, e sobretudo, quando confrontados com adversidades; o apoio instrumental caracteriza-se pela ajuda concreta no que respeita a tarefas infantis e relacionadas com o domicílio, permitindo uma redução do número de encargos e a atenuação de responsabilidades de que os pais estão incumbidos; e o apoio informativo refere-se à providência de informações, a partilha de conselhos e/ou outras informações relacionadas com o cuidado dos filhos e a parentalidade em geral, funcionando como guias comportamentais (Mitchell & Trickett, 1980). É importante estabelecer uma distinção entre apoio social, que diz respeito sobretudo a estes três tipos de apoio prestados, que influenciam o estado psicológico do seu recetor; e a rede pessoal, que remete mais para as características do conjunto de ligações (estrutura) e tipos de trocas entre o recetor e os membros da sua rede (conteúdo) (Crockenberg, 1988).

Cada rede social tem um maior ou menor potencial de mudança, que depende de uma diversidade de fatores, incluindo os acontecimentos significativos do ciclo de vida, como o nascimento de um filho, que influencia substancialmente a quantidade e direção de iniciativas sociais dos progenitores, no sentido de identificarem e se aproximarem de quem consideram que os irá auxiliar no desempenho das funções parentais. A utilização da palavra iniciativa em detrimento de escolha, justifica-se pelo facto de os pais poderem incluir ou excluir elementos da sua rede em determinados momentos da sua vivência, sem que, neste último caso, isso implique necessariamente abdicar dos mesmos de uma forma permanente (Cochran & Walker, 2005).

As últimas décadas foram profícuas na expansão do conhecimento relativo à estrutura e conteúdo das redes sociais dos pais. Larner (1990) concluiu que relativamente às relações com familiares, embora ocorram algumas mudanças em termos de dinâmicas,

sendo privilegiado o contacto com os familiares mais próximos, estruturalmente não tendem a ocorrer mudanças drásticas, sendo que a maioria permanece mesmo inalterada, sobretudo quando fomentam e reforçam valores parentais valorizados. Por outro lado, em termos de amizades, os pais tendem a ser mais seletivos, abdicando das que são consideradas incongruentes com e/ou prejudiciais ao desempenho da paternidade, mantendo as que consideram ser mais significativas em termos pessoais e/ou familiares e investindo nas que percecionam que eventualmente o possam vir a ser (Bost et al., 2002; Parke & O'Neil, 2000).

A aproximação de e a interação com outros casais que têm filhos, independentemente de previamente se constituírem, ou não, elementos da rede social dos pais, é natural e pode ser fundamental, inclusive por possibilitar o confronto com novos e/ou diferentes padrões de parentalidade, que mesmo podendo despoletar algum desconforto, quer quando são considerados errados, quer quando são percecionados como mais adequados do que aqueles que são implementados pelos próprios, contribuem para o processo de identificação, aprendizagem e aprimoramento do ser pai (Hintz, Dellazzana-Zanon & Baginski, 2015), precisamente o objetivo que está na génese da iniciativa para procurar, identificar, iniciar e manter novos relacionamentos significativos (Cochran & Walker, 2005).

Capítulo 2 – Estudo Empírico

2.1.Método

2.1.1. Objetivos

O objetivo do presente trabalho é perceber o que é ser pai, quais os significados atribuídos a este evento do ciclo de vida, as suas implicações e como a paternidade é desempenhada, aprofundando a percepção que os pais têm do impacto das relações passadas e atuais na vivência deste fenómeno.

Pretende-se aprofundar o conhecimento da relação que os pais mantêm com os respetivos filhos, nomeadamente em termos de presença, interação, funções assumidas pelo pai e desempenho das mesmas, procurando perceber se existe uma associação entre estas características e o significado atribuído à paternidade, a existência de filhos e as mudanças que tal acarreta. Existe ainda interesse em analisar o impacto das características dos filhos na forma como os pais desempenham o seu papel, explorando as que assumem uma influência mais significativa.

Tendo em consideração a relevância da componente relacional no ser-se pessoa e no ser-se pai, considera-se fundamental analisar as relações mais significativas estabelecidas pelos pais ao longo da vida, considerando-se as pessoas mais próximas e, conseqüentemente, com maior capacidade de os influenciar, nomeadamente os próprios pais, os amigos e a pessoa com quem partilha na plenitude esta experiência, a mulher. O objetivo é compreender se e como é que as características de cada uma destas relações se repercutem na relação pai-filho/filha, bem como se a própria experiência da paternidade altera a natureza, qualidade e características destas relações.

2.1.2. Participantes.

No presente estudo participaram 8 pais, selecionados em função da sua disponibilidade para pensar aprofundadamente e elaborar uma narrativa sobre a própria experiência da paternidade; de terem pelo menos um filho que se encontre numa idade de transição para a jovem adultez ou no início da idade adulta, uma vez que se considera que nestas fases, a relação pai-filho estabelecida, já tem características relativamente estáveis, potenciadas sobretudo durante a infância e a adolescência, e que os filhos começam a

construir gradualmente a sua independência relativamente aos pais; e de estarem casados e coabitarem com a mãe dos respetivos filhos.

Com o intuito de manter o anonimato e facilitar a leitura da informação, cada pai será identificado com a letra P, abreviatura de “participante”, seguido de um determinando número, que lhe corresponderá sempre, e determinado em função da ordem cronológica de realização das entrevistas. Assim, atendendo ao número de participantes, essa designação considera de P1 a P8.

Para aprofundar o conhecimento sobre e a compreensão do que é referido por cada pai, considerou-se pertinente fazer a sua caracterização de uma forma simples e concisa, englobando quer as suas características individuais, quer as dos respetivos filhos, o que está representado na tabela 1.

Tabela 1

Caracterização dos participantes.

Participante	Idade	Profissão	Habilitações literárias	Idade, género e número de filhos
P1	62	Técnico Superior	Licenciatura	1 filha, com 31 anos, e 1 filho, com 28 anos
P2	59	Engenheiro Civil	Licenciatura	3 filhas, com 29, 24 e 14 anos, respetivamente, e 1 filho, com 14 anos, sendo estes dois gémeos
P3	55	Mecânico	8º ano	1 filho, com 25 anos, e 1 filha, com 19 anos
P4	52	Engenheiro Agrário	Bacharelato	2 filhos, com 22 e 21 anos, respetivamente
P5	57	Aplicador de caleiras	8º ano	1 filho, com 24 anos, e 1 filha, com 13 anos
P6	54	Escriturário	12º ano	1 filho, com 21 anos
P7	55	Agricultor	9º ano	2 filhas, com 24 e 18 anos, respetivamente

2.1.3. Instrumento.

Para compreender como a experiência da paternidade é vivenciada em função da forma como influencia e é influenciada por outras relações, foram realizadas entrevistas narrativas, um método de recolha de informação não estruturado (Jovchelovich & Bauer, 2002), que assenta no pressuposto de que o ser humano não adota uma postura passiva perante o mundo e as experiências, reconhecendo a sua legitimidade em interpretar e partilhar a própria história de vida (Passeggi, Nascimento & Oliveira, 2016), sendo que as temáticas emergentes dependem do conteúdo dos discursos e dos objetivos dos investigadores (Lira, 2012).

Esta metodologia tem como intuito compreender de que forma as interpretações contribuem para gerar mudanças em crenças e valores que orientam os comportamentos dos sujeitos (Muylaert, Junior, Gallo, Neto & Reis, 2014), ajudando a perceber como é que as ações são motivadas, projetadas, executadas e acedidas (Embree, 2011; Weller, 2009). Assim sendo, pretende veicular conteúdos a partir dos quais se transmite a subjetividade experienciada relativamente a determinados eventos ou situações (Muylaert et al., 2014), possibilitando assim o acesso à forma como são representados individualmente (Jovchelovich & Bauer, 2002), daí ser mais apropriada e utilizada em estudos qualitativos, com um número reduzido de sujeitos (Creswell, 2014).

Segundo Clandinin (2006) os seres humanos contam histórias sobre a sua vida, com o intuito de criar significados e de obter recursos que os auxiliem, sendo que a partir do momento em que uma história é narrada, não pode ser recuperada, uma vez que o mundo já a conhece assim (King, 2003). Ao narrar a sua história, os autores estão a garantir que a sua vivência sai da esfera privada para a esfera pública, possibilitando que a experiência de vida finita, se torne infinita, prevalecendo no tempo. O que se pretende é que os sujeitos entrevistados produzam um discurso o mais natural e espontâneo possível (Jovchelovich & Bauer, 2002), uma vez que o importante é o que cada pessoa considera real e não os factos em si (Benjamin, 1975), assentando esta metodologia no pressuposto de que a realidade não poderá conceber-se sob o princípio de validade universal (Weller & Zardo, 2013). Mais do que recordar, os autores das narrativas têm

uma oportunidade única de pensar conteúdos que nunca tinham sido pensados, enriquecendo assim as suas cognições e percepções da vida e do mundo (Dutra, 2002).

Segundo Schraiber (1995) a narrativa constitui na sua essência a objetivação do pensamento, processo no qual os sujeitos tendem a confrontar-se com mecanismos que contribuem para a construção da sua identidade e da imagem que têm de si mesmos (Campos & Furtado, 2008; Creswell, 2014). Apraz então dizer que “a narração das experiências biográficas e da trajetória cotidiana é a forma de linguagem que mais se aproxima das situações que foram significativas para os informantes que as narram” (Weller & Zardo, 2013, p. 134).

A escolha desta metodologia justifica-se, assim, pelo facto de possibilitar uma exploração e, conseqüentemente, um conhecimento mais aprofundado do ser humano, (Connelly & Clandinin, 1990), assumindo especial relevância uma vez que “somos uma espécie cujo principal objetivo é contar ao outro sobre o esperado e as experiências que impediram o esperado, e fazemos isso através das histórias que contamos” (Bruner, 2002, p.8). Desta forma, a narrativa consiste quer num fenómeno, remetendo para a qualidade estruturada da experiência a ser estudada, quer num método, determinando o padrão de investigação para o seu estudo (Connelly & Clandinin, 1990). A investigação narrativa é tridimensional, sendo constituída por três espaços, nomeadamente o pessoal e social (interação); passado, presente e futuro (continuidade); e local (situação), o que remete para a presença permanente de uma componente relacional (Clandinin & Connelly, 2000).

2.1.4. Procedimentos.

2.1.4.1. *Recolha de dados.*

No que respeita ao processo de seleção, após terem sido estabelecidos os critérios de inclusão no presente estudo, tanto no que respeita ao casamento e coabitação com a mulher, como no que concerne à faixa etária dos respetivos filhos, foram abordados sujeitos conhecidos, mais concretamente sujeitos que já são pais, no sentido de averiguar a sua disponibilidade para intermediarem o contacto entre o investigador e sujeitos que fizessem parte das suas redes relacionais que também estivessem a experienciar a paternidade e fossem desconhecidos do investigador, ou seja, elegíveis para participar no presente estudo. Esta opção foi sustentada pelo facto de a literatura ser consistente no que respeita às redes sociais dos pais serem ricas em relações com outros pais, o que se

verificou. Após os sujeitos conhecidos se disponibilizarem para intermediar o contacto entre o investigador e os elementos das respetivas redes sociais elegíveis, e estes darem a quem intermediou o contacto o aval para, foram abordados pelo investigador, no sentido de lhes ser explicado o objetivo do estudo e o que a respetiva participação implicava, garantindo assim que o terceiro critério de seleção (pensar aprofundadamente e elaborar uma narrativa relativamente à própria experiência da paternidade) também fosse satisfeito. Quando considerado que o número de pais selecionados era adequado, no sentido de permitir um equilíbrio entre a quantidade e qualidade de informação recolhida, e uma análise exaustiva da mesma, deu-se por concluído o processo de seleção.

Após os pais serem contactados e aceitarem participar neste estudo, foram esclarecidos relativamente às condições e características do mesmo, com as quais concordaram, o que ficou documentado através da assinatura do consentimento informado (Anexo A).

As entrevistas narrativas foram realizadas nos contextos que reunissem condições que potenciasses maior abertura, atenção e disponibilidade por parte dos pais, para que os mesmos refletissem de uma forma mais profunda e exaustiva sobre a própria vivência da paternidade, sendo que dois pais foram entrevistados no seu contexto laboral e os restantes nas respetivas habitações. Foi elaborado um texto introdutório (Anexo B) com o intuito de elucidar os pais e orientar as narrativas, que começaram a ser elaboradas após ter sido colocada uma pergunta aberta, mais concretamente: *Pode falar-me da sua experiência enquanto pai?* Após a conclusão da narrativa, os pais foram informados de que assim que a informação em registo áudio fosse transcrita, poderiam ter acesso à mesma, com o objetivo de a eliminar, confirmar e/ou completar. Foi ainda disponibilizado o endereço eletrónico do investigador para que os participantes pudessem entrar em contacto no caso de novas recordações relevantes e/ou se surgissem novos pensamentos, sentimentos e/ou emoções relativos às situações, eventos e relações mencionadas. Tendo em conta que nenhum participante considerou necessário alterar a informação que emergiu durante as respetivas entrevistas, a recolha de informação foi realizada num único momento.

Concluída esta etapa, agradeceu-se a participação e os pais foram questionados relativamente à possibilidade de terem acesso à dissertação após a mesma ser concluída.

Aos pais que responderam positivamente, foi solicitado o endereço eletrónico ou outro meio de contacto pessoal através do qual pretendessem receber a informação.

2.1.4.2. *Análise de dados.*

A análise de dados qualitativa tem sido considerada, de uma forma unanimemente crescente, uma estratégia que potencia uma maior compreensão dos fenómenos e das suas dinâmicas. Entre os diversos tipos de análise de conteúdo, emerge a análise temática, definida como sensível, perspicaz e rica, possibilitando uma exploração mais exaustiva do texto (Attride-Stirling, 2001).

No presente trabalho, esta análise (Anexo C e Anexo D) foi realizada em função do modelo proposto por Attride-Stirling (2001), que considera que a análise temática pode ser organizada e apresentada como uma rede temática, que ilustra os principais temas presentes num determinado conjunto de informação, facilitando a sua estruturação e representação; e cuja escolha se deve ao facto de se considerar muito completo e refinado em termos procedimentais. Os dados recolhidos consistem em evidências, exemplos, que se considera representar os temas que emergem, ou seja, têm como intuito apoiar determinadas ideias, conceções e conclusões.

Desta forma, procura-se explorar e estabelecer conexões entre as declarações explícitas e os significados implícitos relativamente ao discurso dos sujeitos. O estabelecimento de uma rede de temáticas ocorre através da identificação de temas salientes em diferentes níveis, nomeadamente: (i) temas básicos, formados com base em premissas de uma ordem mais baixa, sendo que cada um individualmente, diz pouco sobre o texto como um todo; (ii) temas organizadores, de ordem intermédia, que consistem em conjuntos de temas básicos, agrupados para resumir princípios mais abstratos e reveladores do conteúdo do texto, dando significados a e fornecendo indicadores de um tema mais amplo; e (iii), no caso do presente estudo, um tema global, que se encontra no núcleo da rede temática, que dá sentido à informação do texto como um todo, funcionando assim como um princípio conclusivo ou final da análise, ou seja, é um macro tema que resume e compreende agrupamentos de temas de ordem inferior e suportado pelos dados, potenciando uma interpretação do texto de onde os mesmos são retirados. Desta forma, uma rede temática é desenvolvida a partir da periferia (temas básicos) até ao centro (tema global), funcionando os temas organizadores como ponte. Pretende-se que a ilustração

através de uma rede temática facilite a divulgação para o investigador e a compreensão para o leitor.

No que respeita aos procedimentos analíticos, pode considerar-se que existem três grandes estágios, mais concretamente: (a) a redução ou discriminação do texto; (b) a exploração do texto; e (c) a integração da exploração. Em cada um destes estágios, a interpretação realizada adquire um maior nível de abstração, algo que é realizado em diferentes etapas, seis no total, que se iniciaram após a pesquisa, e a recolha e transcrição de informação terem sido concluídas.

A primeira etapa realizada, consistiu na codificação do material, tendo como objetivo a redução dos dados. Foi (a) criada uma estrutura de codificação, com base em interesses teóricos e objetivos que orientam a pesquisa e/ou questões importantes que emergiram no próprio texto, e (b) dissecado o texto em função dessa estrutura, aplicando essa codificação aos dados textuais, a frações de texto gerenciáveis, mais concretamente excertos, de diferentes dimensões. Na segunda etapa, foram identificados os temas a partir dos segmentos de texto codificados, o que implicou (a) extrair argumentos salientes, comuns ou temas significativos dos segmentos de texto codificados e (b) refiná-los, com o intuito de serem suficientemente específicos, não repetitivos, e amplos, passíveis de encarnar em vários segmentos e, desta forma, conseguir identificar um conjunto mais gerenciável de temas, que resumem o texto de uma forma mais sucinta. A terceira etapa diz respeito à construção da rede temática, o que implica (a) a organização de temas, em função do conteúdo dos dados e/ou motivos teóricos, (b) a seleção de temas básicos, (c) a reorganização em temas de organização, (d) a dedução do tema global, (e) a ilustração com uma rede temática e (f) a verificação e refinação da rede. De seguida foram realizadas, as restantes três etapas, nomeadamente, a descrição e exploração da rede temática, que envolve, respetivamente, descrever o conteúdo suportando com segmentos textuais e explorar e identificar padrões subjacentes; o resumo da rede temática, que consiste na análise dos temas emergentes; e a interpretação de padrões, que consiste em explorar os temas significativos, conceitos, padrões e estruturas que emergiram no texto em função da teoria relevante.

A realização da análise temática permitiu identificar o “Ser pai” como o tema global, a partir de quatro temas organizadores, nomeadamente: a vivência da conjugalidade, caracterizado por três temas básicos, mais concretamente, (a) a qualidade

da relação conjugal como elemento facilitador, (b) os filhos como fator unificador e (c) a diferença e complementaridade de papéis; os pais como modelos de referência, que engloba três temas básicos, mais especificamente, (a) padrões seguidos e reajustados, (b) a compreensão da experiência enquanto filho e (c) as diferenças entre gerações geradas por mudanças sociais; a identificação com o estatuto, que abarca dois temas básicos, (a) a validade das experiências alheias e (b) a seletividade das amizades; e a vivência dos filhos, que emerge com base em seis temas básicos, nomeadamente, (a) simbolismo, motivos e interpretações existenciais, (b) principais desafios/preocupações, (c) funções do pai, características e qualidade da relação, (d) adaptação às características dos filhos, (e) prevenção e/ou ressignificação de situações adversas concretas e (f) emoções e pensamentos emergentes.

2.2. Resultados e Discussão

A rede temática que emergiu está representada na Figura 1, sendo que a leitura da mesma deverá ser realizada no sentido horário, em função da sequência em que os temas organizadores, e respectivos temas básicos, serão analisados, devendo iniciar-se no tema organizador “A vivência da conjugalidade”, mais especificamente no tema básico “A qualidade da relação conjugal como elemento facilitador”.

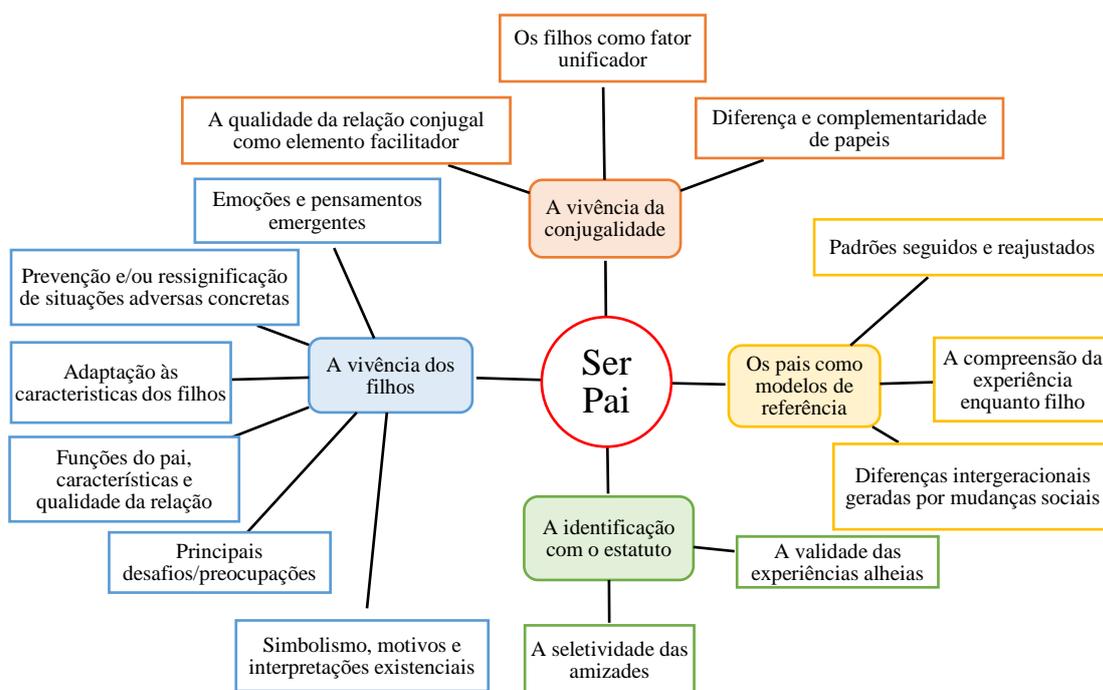


Figura 1 - Rede Temática

A vivência da conjugalidade emerge como resultado da dupla valência que esta assume, sendo que por um lado, constitui-se como um fator que orienta e, conseqüentemente, enriquece e facilita o papel desempenhado pelo pai e, por outro, é enriquecida e consolida-se com a chegada dos filhos; os pais como modelos de referência emerge devido aos progenitores se assumirem como as figuras que mais influenciam o desempenho dos próprios filhos enquanto pais, sobretudo através dos comportamentos que lhes direcionaram e as experiências que lhes proporcionaram durante a infância e a adolescência; a vivência dos filhos engloba os diversos fatores que determinam a natureza e qualidade da relação que os pais estabelecem com os filhos; e a identificação com o estatuto representa a forma como os pais procuram assumir-se enquanto tal, as mudanças que consideram necessário realizar e as informações que consideram importante reter, para cimentar a sua identidade e melhorar o seu desempenho enquanto pai.

Os modelos paternos influenciam a forma como os filhos interagem diretamente com os próprios filhos, as decisões que tomam em relação aos mesmos, o que, por sua vez, influencia a forma como se relacionam com a própria esposa, e desempenham um papel poderoso no tipo de informação que consideram válida aprender para se identificarem enquanto pais. Assim, a coexistência e interligação entre estes diversos fatores, afloram o que se constitui na plenitude *ser pai*.

2.2.1. A vivência da conjugalidade.

2.2.1.1. *A qualidade da relação conjugal como elemento facilitador.*

Tal como referido por Erel e Burman (1995), quando existe uma alta qualidade afetiva na relação conjugal, que resulta de uma grande proximidade do casal, fomentada através da ajuda e que o auxilia a ultrapassar as adversidades; e o pai percebe que a maternidade é desempenhada de uma forma articulada com a paternidade, esta é desempenhada de uma forma substancialmente mais positiva, “problemas toda a gente tem, mas sempre tivemos capacidade para os ultrapassar (...) foi precisamente essa capacidade de resiliência que procurámos passar aos miúdos (...) sem dúvida nenhuma que a nossa proximidade facilitou o desempenho do papel de pai” (P1), “havendo sintonia e equilíbrio na relação com ela (...) faz com que o meu desempenho enquanto pai seja mais correto” (P3), “se a gente não se desse bem (...) ia-se refletir na relação também com o miúdo (...) as coisas têm que estar mesmo interligadas” (P6).

Essa articulação manifesta-se sobretudo em termos de congruência com a esposa no que respeita às decisões tomadas em relação aos filhos, “embora nem sempre concordando um com o outro, sempre que um tomava uma posição relativamente a um dos nossos filhos, o outro não vinha discordar dessa posição” (P1),

porque se isso acontecer, eles podem tender a optar por ir por um dos lados, e conseguem controlar a situação, porque se alguém consegue dar a volta às questões, são eles. Nós optamos por falar em privado e manifestar se concordamos com a forma como ambos nos expressámos (...) Fazê-lo à frente dos miúdos poderia debilitar a nossa autoridade e prejudicar a forma como interagimos em família (P2).

2.2.1.2. Os filhos como fator unificador.

Por outro lado, ter filhos contribui para fortalecer a união do casal (Cowan & Cowan, 2000), sobretudo quando estes são percecionados como uma criação e responsabilidade comum, “o nascimento dos filhos, claro que une mais o casal, porque é fruto dos dois” (P8), “têm que ser os dois a agir em função de um objetivo comum” (P4), “antes vivíamos só os dois e depois veio o filho, e todas as atenções foram para o filho. E se calhar, pelo menos nas primeiras fases, comecei a dar-lhe mais atenção a ela por causa do filho” (P6).

Por seu lado, P7 afirma que se verificou, sobretudo, uma maior aproximação em termos familiares

sempre fomos muito amigos um do outro (...) não posso dizer que o ser pai contribuiu para que a nossa relação fosse melhor ou pior (...) não é só pelos filhos que nos vamos unir mais, unimos é mais enquanto família, com eles também

Desta forma, poderá ser fomentada a perceção de pertença (Hintz & Baginski, 2012).

2.2.1.3. Diferença e complementaridade de papéis.

É inequívoco que pais e mães interagem de formas e assumem papéis diferentes relativamente aos filhos, sendo que se os pais assumem um papel de maior autoridade e controlo e estão mais presentes no que respeita à socialização (Belsky, 1981), as mães

são mais complacentes e assumem maior responsabilidade pelas tarefas de cuidar e relacionadas com a casa (Parke et. al, 2005),

houve alturas em que foi, de facto, preciso pôr travão e tomar medidas drásticas, que não agradaram nada aos miúdos (...) a esposa era mais frágil e não tomava essas medidas com um grau de severidade que a situação exigia, aí tinha de ser eu (P1).

Contudo, essas diferenças acabam por se complementar, inclusive devido à diversidade de estímulos proporcionados (Hofferth et al., 2012) e, conseqüentemente, contribuir para uma parentalidade mais assertiva,

a mãe é aquela que consente, que faz o outro lado, embora esse seja um papel que eu gosto que ela faça (...) que seja ela a colmatar aqueles exageros que o pai tomaria (...) permite chegar ao meio termo (...) logicamente que em determinados aspetos, a mãe interage com eles de forma diferente, está mais perto, mas isso é sobretudo na lide da casa, na alimentação, na questão da roupa. O pai acaba por ser mais aquele que tenta vigiar mais os estudos, a relação deles com a escola, os amigos.

É a partir do reconhecimento das diferenças, que se fomenta a perceção da esposa como o elo de ligação com os filhos (Couter et al., 1999), “a minha esposa (...) faz a ponte entre mim e os meus filhos” (P2).

Tal como mencionado por Crouter e colegas (1999), a esposa emerge ainda como elemento que preenche algumas faltas dos pais, “foi a 200% de disponibilidade para com os miúdos, nomeadamente, em momentos da vida em que vivi fazes laborais mais intensas, que me obrigaram a estar longe de casa” (P1). A sua importância pode ser resumida nas palavras de P8, “as mulheres também fazem os homens, e as esposas fazem os homens”.

2.2.2. Os pais como *modelos de referência*.

2.2.2.1. *Padrões seguidos e reajustados.*

A relação com os pais constitui-se inequivocamente como a que mais influencia o desempenho do papel de pai (Serbin & Karp, 2003), “logicamente que são os pais, pai

e mãe, que são os principais influenciadores”, procurando, inclusive, transmitir valores que enquanto filho lhes procuravam transmitir e que eram desvalorizados,

aquilo a que eu na altura não dava importância, a igreja e a religião, os valores morais, hoje considero que acabo por ser eu a passá-los. Porque quero que os meus filhos cresçam com esses valores, que eu considero que são válidos, como o amor, a relação com o próximo, do respeito e do trabalho (P2).

Contudo, enquanto P2 considera que os pais determinam na íntegra a sua identidade pessoal e enquanto pai, “eu sou o conjunto do que era o meu pai e a minha mãe, da forma como me educaram”; os restantes pais consideram que apenas a influencia parcialmente. Procuram transmitir aos filhos o que os pais lhes transmitiram de positivo, “a ter respeito, a saber respeitar (...) aquilo que vemos fazer aos pais, é aquilo que depois tentamos fazer” (P8); corrigir as suas falhas, “na relação com os meus filhos eu vou tentar corrigir os erros que o meu pai teve comigo e tentar cometer os menos erros possíveis”(P3); e potenciar oportunidades que os próprios gostavam que lhes tivessem proporcionado, “há muito essa sensação, de que eu satisfação o meu filho se lhe der aquilo que eu na altura gostava de ter tido e não tive” (P2). Embora, tal como P2 refere, o impacto possa não ser o desejado, ilustrando com uma situação concreta, em que comprou uma mota de brincar à filha e ela não valorizou,

nesse momento em que comprei a mota, possivelmente estava a pensar mais em mim (...) na alegria que eu teria se o meu pai tivesse tido a possibilidade de me dar isso (...) com certeza eu quis projetar isso quando tive um filho (...) havia então um desajustamento entre aquilo que eu achava que era bom para a minha filha, e o que ela queria.

No fundo, o objetivo é proporcionar aos filhos condições ainda melhores do que aquelas que os próprios tiveram, sobretudo quando consideram ter passado por dificuldades

eu não tive uma bicicleta quando era pequenino, aos meus filhos isso nunca lhes faltou. Em vez de uma até tinham três ou quatro (...) ainda andei com as calças rotas e cosidas, ainda passei maus bocados, mas nunca permiti que os meus filhos passassem por isso (P5)

No entanto, este objetivo também prevalece quando consideram ter tido boas condições, “se nós estávamos bem, nós colocamos sempre a fasquia mais alta para os nossos filhos” (P4), “as coisas que eu considerava que poderiam ser melhores eu tentei mudar, como a questão de estar mais tempo com os meus filhos” (P8). Isto vai ao encontro do que é defendido por Rodríguez e colegas (2010), que afirmam que muitos pais não seguem escrupulosamente os modelos dos próprios pais, ressignificam-nos e constroem-nos de uma forma própria, com o intuito de excluir práticas com que não concordam e introduzindo e mantendo aquelas com que se identificam, com o intuito de proporcionar aos filhos as melhores condições possíveis ao seu processo de desenvolvimento (Snarey, 1993).

Apesar de a maioria dos pais referir a influência da mãe e do pai, muitos reconhecem que este se assume como a principal figura de referência (Serbin & Karp, 2003), como sintetizado nas palavras de P2, que refere que o pai foi “a pessoa que me deixou mais sinais”, independentemente da valência dessa influência. Há várias referências ao que os pais transmitiram de positivo, sobretudo em termos de princípios, um percurso de vida bem-sucedido e o reconhecimento de que eram alvo,

muito ou grande parte da minha vida ou da minha experiência tem a ver com a relação de proximidade que sempre tive com o meu pai (...) talvez a forma de estar na vida, a forma de ser dele, o percurso de vida dele, em termos profissionais, em termos de pai, por ser uma pessoa que além de ser reconhecida por mim, era também reconhecida pelas outras pessoas como sendo uma pessoa correta, séria e honesta. Ele comungava de determinados valores que eu absorvi e os tenho também como meus (P2).

Surgem ainda evidências de uma influência positiva ao nível dos comportamentos,

eu aproveitei muitos exemplos que o meu pai me deu, talvez em função disso até pudesse ter dado melhores exemplos do que aqueles que dei (...) nunca vi o meu pai com os copos, enquanto os meus filhos já me viram a mim (...) tal como também nunca vi o meu pai a fumar (P3).

O mesmo participante refere ainda, “os bons exemplos que ele me passou foram sobretudo em relação ao ser trabalhador, responsável, ter educação, ser honesto, ocupar um lugar na sociedade sempre da forma mais correta, embora essas formas também

nasçam muito connosco”, uma convicção que influenciou a forma de interagir com o filho, e que precisamente se acentuou pelo percurso de vida do mesmo

o meu filho tem muito a ver comigo e eu vejo que se calhar naquela fase dos 16, 17 anos, também não tive aquela conversa com ele que se calhar devia ter, e ele acabou por ter um caminho que eu considero correto (...) foi só necessário gerir minimamente porque a definição de como devia ser estava nele.

Com o intuito de ilustrar o que considera ser a contribuição do próprio pai para a forma como desempenha a paternidade, P4 recorda uma experiência que partilharam,

o meu pai vinha trabalhar aqui para o terreno à volta da minha casa, e lembro-me de o acompanhar. Como forma de reconhecimento, e sabendo que eu tinha uma banda, o meu pai ofereceu-me um órgão para eu poder tocar, nunca me esqueço. Essa é uma das situações de que melhor me recordo e que foi importante, evidencia alguns dos valores que quero e procuro transmitir aos meus filhos.

Por seu lado, P7 justifica a maior proximidade de pai com a questão da identificação de género (Serbin & Karp, 2003), “conversas entre homens sempre são diferentes. Embora a mãe sempre nos dê conselhos (...) entre homens é amizade, é um ombro amigo”.

P2 identifica e descreve diferentes razões para ter estabelecido relações distintas com o pai e com a mãe,

entre pai e mãe sempre fui uma pessoa que teve mais proximidade ao pai (...) a partir de uma certa idade, uma pessoa fica mais com a imagem de um deles, daquele com quem lidamos mais, de quem somos mais próximos ou de quem temos um feitio mais parecido (...) a partir dos meus 16 anos saía muitas vezes com o meu pai e com os amigos para lanchar (...) hoje tenho esse gosto de sair com os meus filhos, de conversar com eles, inclusive com as mais velhas, e demonstrar que eu estou presente (...) a minha avó é (...) uma pessoa que foi muito importante na minha vida. A mãe do meu pai, já que a mãe da minha mãe mantinha mais distanciamento (...) o facto de ter ficado muito cedo sozinha contribuiu para que o conceito de família ficasse pouco arraigado (...) o conceito de família da família da minha mãe sempre foi um pouco estranho, enquanto que da parte do meu pai, a família era muito grande, tinha um conceito de família

caracterizado por mais proximidade (...) esses conceitos vêm do meu pai e da família do meu pai, logicamente também daí a minha ligação mais próxima a esse lado.

Aos motivos relacionados com a vivência com o pai, salienta um, muito significativo, relativo à vivência com a mãe,

o meu irmão do meio (...) é mais mãe, ele tem uma relação muito mais próxima com a minha mãe (...) sobretudo numa fase inicial, uma vez que quando nasceu tinha problemas que implicavam mais cuidados de saúde e a minha mãe dava-lhe mais atenção. Talvez por ter que dar mais atenção ao meu irmão, dava-me menos atenção a mim, o que ao longo da vida se acentuou e que foi ficando no meu subconsciente. Para a minha mãe ele era “o menino”.

Contudo, o participante conclui a reflexão afirmando

em termos de pais, de amizade e de amor, isso é recíproco (...) tirando estas particularidades que contribuíram para que ao longo da vida eu fosse criando uma maior empatia e uma maior ligação emocional com o meu pai do que com a minha mãe.

Isto vai ao encontro do que é afirmado por (Hofferth et. al., 2012), segundo o qual a quantidade e qualidade do tempo partilhado é fundamental para gerar identificação por parte do filho, contribuindo, a par da identificação com os valores e princípios familiares vigentes, para uma maior proximidade, inclusive quando os mesmos são considerados positivos e sólidos, o que de certa forma lhes confere validade para serem retransmitidos (Belle, 1982).

Por outro lado, é feita referência, de uma forma concreta, à importância da mãe, embora por motivos distintos. No primeiro caso, devido ao facto de se ter assumido como a principal figura de referência,

o meu pai faleceu muito cedo, a minha mãe sim, foi quem me passou muito (...) tudo aquilo que eu tenho de bom, sobretudo os afetos, foram a minha mãe e os meus irmãos que me passaram. Sobretudo os afetos, os princípios e a educação (P5)

No segundo caso, em circunstâncias específicas,

quando o meu filho nasceu eu trabalhava ao pé da casa dos meus pais, a minha mãe começou a tomar conta dele quando a minha esposa ia para o trabalho. Então o meu filho estava ao pé da minha mãe e de mim, e eu dava-lhe assistência quando ela tratava da alimentação dele. Isso também me obrigou a ser mais participativo (P6).

2.2.2.2. *A compreensão da experiência enquanto filho.*

Por sua vez, a paternidade modificou a perspetiva de muitos pais, relativamente à sua experiência enquanto filhos (Conger et. al., 2009), como sintetizado nas palavras de P4,

só a partir do momento em que somos pais é que conseguimos avaliar a forma como os nossos pais nos educaram (...) ser pai ensina-nos, de certa forma, como é que fomos filhos, e de certa forma a compreendermos o que não compreendíamos na altura.

Isto vai ao encontro do que é dito por P2, “percebemos que coisas das quais andávamos a fugir e considerávamos que não queríamos para nós, são na realidade aquilo que queremos para nós (...) começam a ser tomadas como nossas, quase como se fossem do nosso ADN”.

P3, por seu lado, considera que a paternidade não influenciou a relação com os pais, “quando fui pai eu já tinha definido para mim o que é que o meu pai e a minha mãe são, eram e iam ser”.

2.2.2.3. *Diferenças intergeracionais geradas por mudanças sociais.*

A evolução do papel do pai entre gerações em função de mudanças que ocorreram na sociedade, foi mencionada por alguns pais, que consideram que atualmente criar os filhos é positivamente diferente, salientando diferentes motivos, nomeadamente económicos e de oferta, mais concretamente em termos educativos, “no meu tempo (...) os pais, conseguiram dar formação aos filhos à custa de um grande sacrifício (...) Hoje em dia (...) há um maior desafogo económico, até porque houve muito ensino que veio ter com as pessoas” (P1), o que corrobora o postulado por Parke e colegas (2005); e em função dos valores e padrões vigentes (Rodríguez, Pérez & Salguero, 2010),

todas as épocas os valores vão evoluindo e vão-se modificando (...) antigamente vivíamos numa sociedade mais fechada (...) só o facto de os filhos tratarem os pais por “tu”, dá uma maior aproximação do que estar a tratar os pais por “você”. Antigamente a relação pai-filho caracterizava-se mais pelo medo (...) Hoje em dia a relação pai-filho é mais uma relação de amigos (...) é mais próxima, embora o deva ser até uns determinados limites (...) os filhos devem ter sempre a noção da responsabilidade e de uma certa hierarquia, de um pai que têm que respeitar. Não por imposição, mas sim por gosto e por sentido de estar (...) com o meu pai tive sempre uma relação muito próxima (...) Se calhar o modelo de pai dele nessa época é o meu modelo de pai desta época (P4).

P3 vinca a questão da maior proximidade dos filhos comparativamente às gerações anteriores (Balanchó, 2004),

estou numa geração muito diferente comparativamente aos meus pais (...) acho que o meu pai foi para mim um pouco como o meu avô foi para ele, enquanto acho que eu já estou a ser um pai totalmente diferente daquilo que o meu pai era comigo (...) sobretudo no sentido de dar um acompanhamento à vida deles de outra forma (...) isso fui eu que introduzi.

P6 evidencia ainda a existência de questões que geram ambivalência (Falceto & Waldemar, 2009), afirmando que é

diferente, mas se calhar de uma forma negativa, essa questão dos recursos (...) na minha infância e na minha juventude, tudo o que tínhamos na mesa (...) a gente tinha de comer (...) nós qualquer coisinha que tínhamos era uma relíquia (...) conservávamos aquilo, enquanto a geração do meu filho já não, e aí falhámos. Quando ele tinha um carrinho se calhar estragava o carrinho porque sabia que logo a seguir tinha outro. Aí falhámos. É como em relação à comida. Por outro lado, esta questão de ter mais recursos também acaba por ser positiva.

2.2.3. A identificação com o estatuto.

2.2.3.1. A validade das experiências alheias.

Para além de influenciados pelos pais e pela própria esposa, os pais referem que a forma como desempenham o seu papel também é determinada por outros sujeitos, mais concretamente em função da experiência dos mesmos enquanto pais (Moraes, 2004).

Destacam-se os familiares “aprendi algumas coisas com algumas relações dos meus irmãos (...) foi um pouco a ver os meus sobrinhos a crescer e a serem criados que também me fui preparando para ser pai” (P5); conhecidos, “alguns dos tais amigos do meu pai, com quem eu convivi e que eu apreciava mais na sua forma de ser, na sua forma de estar ou no trato que tinham com os filhos, as esposas e as famílias” (P2); mas também os exemplos relacionados com os filhos de outros pais de que têm conhecimento,

conheci pais com filhos que foram autênticos dramas (...) tudo isso foi uma fonte de ensinamento. Uma pessoa, com base nas experiências vividas e conhecidas tem que tirar ensinamentos, os bons e os maus. Os bons para os seguir e os maus procurar evitá-los (...) Um pai chegou-me a dizer que se calhar preferia ver o filho ou filha morto, do que a levar a vida que estava a levar (...) a partir daí uma pessoa tem que ir tirando ilações e blindado os miúdos de forma a que essas situações nunca cheguem a acontecer.

Por outro lado, verifica-se unanimidade relativamente à paternidade não ser influenciada pelos amigos, como patente nas palavras de P2, “amigos e colegas tive sempre, mas no meu desempenho enquanto pai, não me trouxeram nada de novo”, em função de diferentes razões, nomeadamente, por considerarem que não se constituem modelos de referência, “não houve nenhum amigo que eu achasse que foi assim tão bom pai para eu pensar que devia ser como ele” (P3); por serem demasiado semelhantes aos próprios na forma de ser e de estar, “penso que os amigos não influenciaram muito a minha maneira de ser pai, porque quer dizer, os valores que eles têm são os valores que eu tenho” (P4); pela própria personalidade, “em relação a isto sou autónomo, até porque sou de ideias fixas, isto faz parte da minha natureza. Acho que não sou muito influenciável” (P7); ou por se considerar que se desempenha uma paternidade positiva e correta, “às vezes tento é dar conselhos (...) sempre disse que não havia de fazer certas coisas que eu via certos pais fazerem, é isso que tento fazer com os meus filhos” (P8).

2.2.3.2. A seletividade das amizades.

Por outro lado, os pais consideram que as relações com os amigos são as que mais se modificam em função da paternidade, afirmando

temos de optar entre o viver mais isolados, com a nossa família, com o núcleo familiar, esposa e filhos, ou ter essa capacidade de conseguir conjugar a família com as amizades (...) isso tem muito a ver com a nossa parceira, porque ela ajuda-nos e limita-nos nas nossas relações sociais, nos encontros sociais que podemos ter com outros casais com outros filhos (P2).

Assim, algumas amizades permanecem inalteradas, “o amigo que é amigo, que é verdadeiro amigo e que nos acompanhou na nossa mocidade, ainda mantém connosco aquela convivência pura” (P3), em função de diferentes motivos,

há determinados amigos, e até porque sempre morei e casei na mesma terra, que ficam sempre. Eles ao fim ao cabo são da minha idade e têm filhos mais ou menos da mesma idade dos meus. Todos vamos interagindo, eu vou interagindo com os meus amigos, os meus filhos vão interagindo com os filhos deles e isso permite manter este circuito de amizade. Claro que tendo filhos eles interagem uns com os outros e isso cria maior proximidade (P4).

Já P8, salienta que não se verificou nenhuma influência significativa ao nível das amizades previamente estabelecidas, uma vez que “não tinha amizades ruins”.

Contudo, outras amizades alteraram-se significativamente, em função de diferentes motivos, mais concretamente, a responsabilidade que os filhos implicam, “já não há aquela liberdade que havia (...) antes de casar e ter filhos (...) agora é diferente, apesar de haver alguma proximidade com os amigos, já não é para estar todos os dias com eles” (P4), e os pais considerarem que certos amigos não são boas influências, “há outros amigos que a gente teve e considerou realmente amigos, mas que ao longo da vida vamos analisando (...) percebemos que alguns deles (...) não são as pessoas ideais para estar a lidar connosco” (P3), “tive alguns amigos que passaram muito mal (...) e se não nos separarmos deles vamos ficar iguais” (P5).

Não obstante, algumas amizades que se perderam ou alteraram, foram restabelecidas precisamente quando a paternidade começou a ser uma vivência comum, “Quando fui pai afastei-me ligeiramente de alguns amigos, embora mais tarde nos voltássemos a relacionar, numa fase em que eles também já tinham sido pais, porque voltámos novamente a ter uma maior sintonia” (P3).

Alguns pais referem que, para além de mudanças nas relações de amizade previamente existentes, também surgiram novas amizades ou pelo menos potenciais amizades, referindo “há sempre a tendência a procurar pessoas que estão mais ou menos no mesmo barco que nós, que também já têm família, com quem por vezes combinamos encontrar-nos por causa dos miúdos, para eles poderem brincar” (P5), “ter filhos também contribui para conhecermos pessoas novas, mesmo que isso não implique que as consideremos nossas amigas” (P6), “em função da escola, começou a haver uma maior comunicação com os pais e as mães de outras crianças (...) cá fora se calhar não falávamos, porque não tínhamos formas de construir esses relacionamentos” (P7). Estas afirmações vão ao encontro do postulado por Bost e colegas (2002), segundo os quais as amizades são as relações mais voláteis, sendo apenas investidas quando consideradas benéficas e/ou não prejudiciais para o desempenho do papel de pai.

2.2.4. Vivência dos filhos.

2.2.4.1. *Simbolismo, motivos e interpretações existenciais.*

É unânime considerar que ter um filho se constitui um marco significativo do ciclo de vida, tal como defendido por Montesinos (2004), que afirma que ser pai é umas das experiências mais impactantes para um homem. Os pais procuraram descrever o significado desta vivência, afirmando “uma pessoa não está habituada a alguém que lhe chame “pai”” (P8), daí que um filho mude o seu sentido da vida, sobretudo em função da responsabilidade que daí advém (Lamb, 1987), que implica a perda de parte da liberdade (Falceto & Waldemar, 2012) e a necessidade de ser mais altruísta, como mencionado por Balancho (2004). Isto é sintetizado nas palavras de P1, “ser pai implica ficar responsável por uma vida nova, um ser humano, com tudo o que isso implica em termos de cuidado, higiene, saúde, educação”; e P3, “conheço pessoas da minha idade que não têm filhos (..) têm um sentido diferente de ver a vida (...) vivem uma vida mais egoísta”.

Por seu lado, alguns pais realizaram interpretações mais autorrefentes, afirmando perceber os filhos como os seus representantes no mundo, que possibilitam que a sua influência prevaleça mesmo após o término da própria existência, o que se constitui realizador, tal como defendido por Montesinos (2004) e sintetizado nas palavras de P2,

considero que grande parte da minha herança, da minha forma de poder perdurar na vida, é dando aos meus filhos os meus valores, a minha forma de estar e a minha forma de ser. Se isso for reproduzido, eu continuo cá.

P3 sintetiza esta ideia, “sente-se um prazer muito grande porque temos alguém que nos vai representar”.

Já P5 salienta que os filhos são também percecionados como uma oportunidade de criar uma versão otimizada de si mesmo, tal como referido por Nozick (1992), inclusive em termos de realizações, referindo que o objetivo é “fazer deles aquilo que muitas vezes nós não conseguimos ser”.

Desta forma, embora considerem que o *ser pai* é uma experiência altamente exigente, daí que “nem toda a gente consegue ser pai e ser um bom pai” (P6), é unânime que

é uma experiência pela qual toda a gente deveria passar (...) é uma das experiências mais bonitas (...) não há nada que não muda em nós mesmo em termos de vida, em termos de pensamentos, muda tudo (...) é algo totalmente diferente (...) os sentimentos que uma pessoa tem por ele, de dizer que está ali e que é algo nosso, obriga a mudar tudo, até o próprio cérebro (...) mas é bom, é bom, é muito bom” (P5).

P8 resume na perfeição o significado da paternidade, “quando se tem um filho, fica-se outro homem”.

A perceção dos pais é sucintamente resumida por P3, “o ser pai é no fundo uma chatice que dá muito gozo, derivado a todas estas situações, que sendo bem vistas e bem espremidas são interessantíssimas”. Isto evidencia que ter e criar filhos dá substância à vida dos pais (Nozick, 1992), inclusive devido aos novos afetos que emergem (Montesinos, 2004).

Por seu lado, surgiram diferentes motivos associados ao desejo de ser pai e à sua concretização, sendo que ambos evoluem a relação com esposa, embora de formas totalmente distintas. No primeiro caso, por um lado, possibilitando e, por outro, condicionando, de certa forma, a paternidade; no segundo, promovendo-a. P6 refere “ter filhos sempre foi uma coisa que estava dentro da minha mente (...) é uma questão

tradicional e cultural que a gente tem (...) quando me casei foi uma das condições entre nós enquanto casal, ter filhos”, evidenciando que o contexto sociocultural, influencia o desejo de ser pai, mais concretamente por este ser considerado um papel social com um significado altamente positivo (Bornstein, 2009). O participante acrescenta “a minha ideia até era ter mais do que um filho, mas de acordo com a esposa, ela só quis mesmo um”.

Por outro lado, P7 optou por introduzir a questão referindo

o ser humano nasce e penso que uma das finalidades é ser pai, transmitir gerações (...) penso que foi esta forma de pensar que contribuiu para que, contrariamente a outros pais, não entrasse em grande euforia quando fui pai. Porque para mim, claro que foi bom, mas sempre foi visto como algo natural e esperado (...) penso que o que mais contribuiu para eu querer ser pai foi o relacionamento com a minha mulher (...) ao longo da vida esse desejo pode existir, mas é no relacionamento entre indivíduos, o casal, que se intensifica e concretiza.

Isto enfatiza a importância da negociação entre o casal e da qualidade da relação conjugal ainda antes da transição para a parentalidade, fatores determinantes no que concerne à potenciação ou inibição do desejo de ser pai (Menezes & Lopes, 2007).

2.2.4.2. Principais desafios/preocupações.

Tal como referido por Falceto e Waldemar (2009), o ser pai implica o confronto com diferentes desafios/preocupações, inclusive ainda antes do nascimento dos filhos, sendo estes de diferente índole. Alguns relativos à possibilidade de lhes proporcionar as melhores condições e assumir todas as responsabilidades que daí advêm “saber se depois a vida nos iria proporcionar, de facto, condições, para facultar aos descendentes, aos filhos, os meios para lhes proporcionar uma vida adequada em termos sociais, culturais” (P1). Isto condiciona, inclusive, o número de filhos que os pais pretendem ter, “nós tivemos duas filhas e decidimos ficar por aí (...) a minha preocupação sempre foi ter filhos em função daquilo que lhes pudesse proporcionar” (P7). Outros relativas à saúde “inicialmente ficamos com receio, naquela fase em que a mulher está grávida” (P5) e “quando os filhos nascem, para saber se eles são saudáveis” (P7), sendo que “quando os nossos filhos chegam a casa, nós nem sequer sabemos bem aquilo que fazer com eles” (P5).

Alguns dos pais que têm mais de um filho, estabelecem, contudo, diferenças entre as preocupações na fase inicial entre o primeiro filho e o outro ou outros. Por um lado, em função de o primeiro ser uma situação nova,

para o primeiro filho olhamos de uma maneira, quase de ir ao berço a ver se ainda está a respirar. Isto não quer dizer que gosto menos dos outros, apenas com os outros não havia uma necessidade tão acentuada de ver se estava tudo bem, as preocupações não eram tão acentuadas em relação aos motivos que os faziam chorar, em função da experiência com o primeiro (P2).

Por outro, pela idade do pai, sendo estes dois fatores que contribuem para um maior nível de maturidade, “é diferente ser-se pai com uma idade ou ser-se pai com outra. (...) quando se é mais velho, uma pessoa está mais madura” (P8). Isto vai ao encontro das evidências que apontam para a elevada exigência de situações novas que têm um impacto significativo no ciclo de vida, inclusive pelo desconhecimento que lhes está associado e que, conseqüentemente, gera uma grande apreensão, entre as quais o nascimento de um filho (Cowan, 1991); e as mudanças ao nível da personalidade em função da própria idade, sobretudo despoletadas pela aprendizagem decorrente das experiências vivenciadas, nomeadamente com os filhos (Lehnart et al., 2010).

As preocupações estendem-se e acentuam-se em fases de transição importantes, inclusive da infância para a adolescência, a fase em que os filhos começam a procurar, de uma forma mais vincada construir alguma independência, “eles começam a querer voar, a levantar voo” (P1), daí que haja cuidados redobrados, “tentei estar atento” (P5). As principais preocupações dos pais começam a ser as relações e a curiosidade dos filhos em aderir a hábitos prejudiciais, como o álcool e as drogas, que

podem ser vistas como uma oportunidade de libertação (...) quando estamos alcoolizados ou drogados (...) não estamos no nosso mundo real, nós estamos até num mundo em que nós podemos gostar de estar, mas que é completamente o inverso do mundo real. Por isso é que as pessoas ou se refugiam no álcool, ou nas drogas, porque adotam uma perspetiva distinta daquela que têm enquanto estão sóbrios. Estes grandes flagelos da sociedade é que constituem a parte mais difícil de educar (P4).

Uma outra preocupação transversal à paternidade, é o percurso académico dos filhos, quer em função da assertividade em termos de escolhas congruentes com os seus gostos, “o que me preocupava é que ele não estivesse convicto de que era aquilo que queria” (P6); quer em termos de rendimento, “outra coisa com que os pais se preocupam é que os miúdos tenham algum aproveitamento escolar” (P1). Não obstante, há diferentes motivos subjacentes a esta preocupação. Por um lado, o respeito de determinados princípios e valores transmitidos, “não quer dizer que tendo ou não tendo curso vá ser melhor ou pior filho ou melhor cidadão, não é isso que está em causa. Mas já que está dentro do barco, tem que o levar até ao fim” (P6); por outro, a promoção da estabilidade, do sentimento de utilidade e do reconhecimento social

eu tenho um curso, trabalho por conta do meu curso e eles não têm alternativa a não ser estudar, não vão ter uma profissão liberal por ser filho de, isso não existe. (...) têm responsabilidades (...) uma delas é de estudar para tirar o curso, para ter uma enxada para trabalhar e continuar a ser pessoas que possam ser respeitadas, pessoas úteis na nossa vida e na nossa sociedade” (P2).

Estas perceções poderão estar relacionadas com as próprias habilitações literárias dos pais, sendo que enquanto no caso de P6, a conclusão dos estudos por parte do filho significaria que este teria habilitações literárias superiores às suas, algo que nunca seria encarado como negativo; enquanto no caso de P2, os filhos terem habilitações literárias superiores, é percecionando como o desempenho mínimo aceitável e esperado (Goodnow, 2002), o que evidencia que ambos os pais poderão estar satisfeitos com o próprio percurso, desejando pelo menos o mesmo para os filhos.

Uma das principais preocupações dos pais é precisamente que, após a conclusão do percurso académico, os filhos encontrem um emprego coadunante com os seus gostos, habilitações literárias e que lhes permita ter autonomia, uma vida economicamente estável, “hoje em dia penso que as preocupações dos pais começam quando os filhos acabam os cursos, pela grande dificuldade que atualmente existe em arranjar emprego” (P1), quando aquilo que os pais pretendem é que os filhos “arranjem uma profissão para ter uma vida mais estável” (P7). P1 remete para as emoções e sentimentos que considera apoderarem-se dos filhos e dos pais,

a frustração que muitos filhos sentem quando acabam o curso, com todo o esforço, trabalho e privações de âmbito social. Ao mesmo tempo o esforço financeiro que

obrigaram os pais a fazer em muitas situações, e depois quando eles pensam que têm o problema resolvido e estão entregues à vida, deparam-se com a falta de emprego, o que deve ser terrível. Devem sentir-se autênticos parasitas por continuarem a depender totalmente dos seus pais.

Por sua vez, o mesmo participante refere que isto despoleta outros receios, “em alguns casos pode levar a que sejam agressivos, violentos, a álcool, drogas”.

Por outro lado, surge a preocupação da saída dos filhos de casa, quer isso seja despoletado pelo progresso académico, “a minha filha mais nova vai agora entrar para a universidade e a minha preocupação é o facto de ela sair de casa” (P7); quer seja resultado da entrada no mundo do trabalho,

o que me preocupa muito e com toda a certeza muitos pais, nomeadamente aqueles chamados pais e mães galinhas, é a questão de os filhos conseguirem ou não conjugar a vida laboral com a proximidade dos progenitores, o que é cada vez mais difícil. Ou seja, uma pessoa está a criar um filho, dá-lhe uma formação e a partir daí praticamente perde o filho (P1).

P3 refere que se a saída de casa “é resultado de ter alguma estabilidade na vida, que está orientado em relação ao futuro (...) talvez eu aceite um bocadinho melhor. Mas vou sempre sentir um vazio durante uns tempos”, enquanto P6 considera mesmo, que lidar com a ausência do filho, “é uma das minhas principais preocupações e ao mesmo tempo o meu maior desafio”. P1 salienta o sentimento de solidão que emerge, “fica outra vez o casal em casa, sozinho novamente”, uma situação que considera que tenderá a perpetuar-se, uma vez que “hoje em dia, a vida puxa mais pelos miúdos, há mais competição, que lhes dá pouco tempo para disponibilizarem com a família” e, por outro lado, “há uma voracidade tremenda de conhecer o mundo, passear, viajar, usufruir”. Contudo, todos percecionam a saída de casa como “algo natural (...) É tudo uma sequência” (P3).

Todas estas perceções vão ao encontro do que P3 afirma,

ao longo do tempo, os filhos vão-se desenvolvendo (...) as responsabilidades aumentam, estão sempre a aumentar (...) não é por um filho ser adulto que um pai pode deixar de sentir responsabilidade (...) sinto que os meus filhos ainda me podem dar muitas chatices, apesar de já serem adultos.

Esta convicção é partilhada por outros pais, sendo justificada pela questão de a personalidade dos filhos ainda estar em formação, “enquanto não têm uma personalidade completamente definida, a minha preocupação é terem desvios por pessoas terceiras (...) a preocupação é criar alguma autoestima para que eles consigam distinguir o que é certo, do que é errado” (P4). P3 acrescenta que ao longo do tempo “as questões se vão tornando mais complexas. Depois começa-se a pensar que vêm os filhos dos filhos (...) e isso depois também é uma preocupação”.

São ainda mencionados alguns fatores que dificultam o exercício da paternidade, nomeadamente relacionados com o contexto laboral do pai, mais concretamente a carga horária, tal como referido por Crouter e McHale (2005), e patente nas palavras de P1, “educar os filhos quando se trabalha, por vezes acaba por ser uma grande sobrecarga”, e P8, “chega-se à noite e nós podíamos falar com os filhos, mas não falamos porque o sono também impede (...) nós trabalhamos para que os filhos possam ter aquilo que querem e, por vezes, os filhos não percebem”. Esta afirmação evidencia o providenciar de suporte económico como uma responsabilidade que os pais assumem como sua, procurando assegurá-la mesmo quando isso implica interagir menos com os filhos (Pleck, 1983).

Em termos pessoais, o principal desafio é conseguir desempenhar o papel de pai o melhor possível, P4 refere “o meu maior desafio é que eu nunca vou conseguir ser o pai perfeito. Nós tentamos sempre ser o pai mais perfeito possível, mas nunca conseguimos”, o que evidencia que na relação com o filho, prevalecem sentimentos de transcendência (Balancho, 2004).

Alguns pais mencionaram ainda preocupações relativas a problemas específicos, como P6

lembro-me de uma altura em que andava muito preocupado, quando o meu filho foi internado com um problema pulmonar, foi uma fase muito difícil (...) um pai o que quer é que os filhos estejam bem, e as questões de saúde são muito importantes.

Ainda que consideradas normais ao longo da vivência da paternidade, P7 reconhece que “normalmente os pais empolgam demais as preocupações”, considerando que uma das estratégias mais assertivas a adotar para garantir a satisfação das necessidades dos filhos, é tentar que “a nós também não nos aconteça nada de mal para

também cá estarmos e os conseguirmos acompanhar”. Já P8, contrariamente aos outros pais, desvalorizou as preocupações que surgiram, afirmando “nunca tive grandes preocupações com os meus filhos, porque eu sabia que havia sempre alguém que as fizesse por mim”, numa alusão à esposa.

Apesar de todas as preocupações e desafios mencionados, há unanimidade em considerar que “quando uma pessoa tem uma preocupação, pensa que é a principal, a mais problemática, mas depois a que vem a seguir acaba por ser sempre a mais complicada porque quando as preocupações vão sendo ultrapassadas, deixam de o ser” (P1). Esta ideia é também partilhada por P3, “ser pai é um desafio constante (...) para um pai, enquanto o filho está, os desafios não terminam (...) a vida transforma-se todos os dias”, e por P4, “acho que daqui para a frente ainda vou ter muitos desafios”. Isto vai ao encontro do que é referido por Falceto e Waldemar (2012), segundo os quais os desafios estão inerentemente associados à experiência de ter filhos.

2.2.4.3. Funções do pai, características e qualidade da relação.

No que respeita à vivência dos filhos, em termos de funções do pai, características e qualidade da relação, verifica-se alguma homogeneidade. Em termos de funções, salienta-se a transmissão de princípios (Lamb, 1981). O que os pais mais priorizam é que os filhos tenham bons princípios e os apliquem, que estejam bem enraizados para que também se manifestem e prevaleçam quando os pais não estão presentes, existindo uma grande necessidade de “saber precisamente aquilo com que posso contar, não quero que aqui em casa sejam uns santinhos e lá fora sejam autênticos diabinhos” (P4), “se eles tiverem cabecinha, às vezes as companhias não fazem grande efeito, mas também tendo cabecinha, costuma-se dizer que “quem lida com um coxo, aos três dias coxeia também”” (P8). Ter educação e demonstrar respeito são considerados princípios fundamentais, P2 salienta mesmo que “as faltas de educação digamos que são o meu calcanhar de Aquiles. Tenho dificuldades em tolerar faltas de educação, porque esse é um princípio básico. Mesmo com os nervos, têm que ter a capacidade de manter uma posição correta”, recordando, inclusive, uma situação concreta com a filha mais velha em que considera que esse princípio esteve em falta, sendo essa “a única vez ou das poucas vezes que eu tive uma atitude de castigo físico”.

Assim sendo, um dos objetivos é potencializar oportunidades para fortalecer esses princípios, sobretudo em contexto familiar

a principal preocupação é a de juntar as pessoas nas férias, nos fins-de-semana, porque isso ajuda a crescer, a presença dos irmãos e dos primos, para terem a percepção de qual é a família deles e qual é a formação deles. Quais os comportamentos que devem ter, que são transmitidos pelos pais, pelos avós, pelos tios, pelos primos, é esse grande conjunto de pessoas que os ajuda a modelar e a crescer, até porque amigos todos têm (P2).

Os pais assumem uma função orientadora, como sintetizado por P4 “ser pai significa tentar apoiar, dentro do possível, e ajudar a crescer os meus filhos, no sentido de os orientar sempre da melhor maneira, para que não tenham grandes dissabores na vida”. Não obstante, reconhecem que também podem errar na orientação dada, delineando estratégias para quando isso ocorre,

tenho um grave problema, eu cada vez tenho menos memória daquilo que fiz e penso muito no momento atual. Por isso é que é muito importante corrigir o problema logo na altura. Se eu vi que errei (...) disse que ele tinha de ir para um lado e ele foi e as coisas correram mal, tenho de corrigir a orientação que dei nesse sentido (P4).

Em termos de características e qualidade da relação, sobressai a presença significativa na vida dos filhos em termos de tempo partilhado e o privilegiar do diálogo, que favorece a partilha de ideias e a transmissão de conselhos, sendo por isso considerado a ferramenta mais importante para fomentar a proximidade na relação pai-filho e, conseqüentemente, evitar comportamentos e/ou conseqüências negativas. P1 afirma

sempre falámos muito à vontade, da questão de tabaco, drogas, houve sempre muita abertura (...) procurando que nada lhes faltasse, em termos de apoio, estar sempre presentes, aqueles miminhos (...) mais do que pais, sempre viram em nós pessoas amigas.

Isto vai ao encontro do que é referido por P5,

Quando as pessoas não falam das coisas e ficam a sofrer interiormente, é complicado (...) Se uma relação entre pai e filho não for falada, se não for uma relação de amizade, às vezes isso, essa proximidade, não se consegue,

P4 procura clarificar este conceito de presença, afirmando

o facto de nós sermos criados com alguém, não é o facto de termos alguém connosco, é o facto de termos alguém a olhar para nós, são coisas completamente diferentes (...) Há pais que estão presentes, mas não estão presentes. Se calhar o próprio filho quer brincar um bocadinho e o pai só lhe diz “não me chateies” (...) esses pais estão presentes, mas não estão (...) é isso que cria desvios, porque quando as pessoas não têm felicidade em casa, vão à procura dela na rua e podem tentar obtê-la por companhias que não são as mais adequadas (...) Sempre que tenho disponibilidade, gosto que os meus filhos me acompanhem em todas as atividades que faço (...) e muitas vezes chamo-os para eles me acompanharem nas tarefas (...) Não é pela obrigatoriedade de me estarem a ajudar, é mais pela obrigatoriedade de estarem próximos de mim.

Estes testemunhos evidenciam que, inequivocamente, prevalece uma paternidade caracterizada sobretudo por uma maior presença na vida dos filhos, mantendo com os mesmos uma relação mais próxima (Villamizar & Rosero, 2005) e aberta (Schaefer, 1990), valorizando o contacto direto, próximo e por opção (Villamizar & Rosero, 2005)

P4 procura resumir de forma completa quais as suas funções, as características e a qualidade da relação que procura estabelecer com os filhos, referindo que quando se é pai

Uma pessoa tenta fazer o que é mais correto, de uma forma não pré-definida, mas sim de uma forma espontânea (...) tem de haver uma adaptação permanente à circunstância (...) há um padrão base, que é orientá-los no sentido de serem responsáveis, dar valor a determinadas coisas (...) a vida tem princípios e tem valores (...) que eles tenham responsabilidade e ao mesmo tempo deem valor às coisas que têm (...) saberem que nada na vida vem de forma espontânea, tem de se arranjar estratégias para obter aquilo que querem e de que precisam (...) Como se costuma dizer “não é dar-lhes o peixe, mas dar-lhes uma cana e ensiná-los a pescar” (...) nós temos que ir acompanhando as tendências da sociedade, mas

sempre as boas tendências, não as más (...) Enquanto pai, podemos avisar, mas não podemos proibir, porque a partir do momento em que proibimos podemos contribuir ainda mais para eles quererem experimentar certas situações e testar limites.

A liberdade para realizar as próprias escolhas, é precisamente uma das características da relação pai-filho (Villamizar & Rosero, 2005), verificando-se sobretudo quando os filhos já se encontram na adolescência, e desde que estes assumam sempre a responsabilidade pelas consequências que daí advêm, e que essas escolhas não se tornem prejudiciais e com consequências irreversíveis, o que poderá justificar-se pela necessidade de potenciar oportunidades para que os filhos consigam, gradualmente, construir a sua independência e autonomia (Maccoby, 2000), mas sem colocar em risco o seu bem-estar geral (Hoghughi, 2004).

P1 sintetiza esta tomada de posição, referindo

sempre defendi que eles deveriam crescer com o sentimento de liberdade, mas uma liberdade responsabilizada (..) é preferível nessas idades, dos 14, 15, 16 anos, darem umas cabeçadas (...) acabam por ser vacinas para os imunizar para grandes problemas no futuro.

P2 reconhece que ao longo do tempo, foi mudando enquanto pai, salientando novamente a questão do ser pai em diferentes idades e em função da experiência com os próprios filhos,

Há duas fases da minha vida de experiência. Eu tive um comportamento com as mais velhas de uma maneira, coisas que vim a corrigir e a alterar ou modificar com os mais novos, porque entre as mais velhas e os mais novos há uma diferença de idades de 10 anos (...) Em termos de mudanças no meu comportamento, as principais é a forma de os ler (...) às mais velhas dava tudo, achando que essa era a forma correta (...) Pensava que existia um determinado conjunto de brinquedos que as tornava mais felizes e melhores (...) com os mais novos, corrigi essa situação, o que tem a ver com a minha idade e com a experiência que tive com uns e com outros (...) Com os mais novos talvez me tenha tornado mais pai no sentido de os ajudar também na escola, de me preocupar mais com os assuntos da escola e com os amigos. Enquanto com as outras, em função da idade, eu, tal

como outros pais, também queria viver a vida, estar com os amigos. Aos 30 a vida vive-se com uma intensidade que depois não se vive aos 50 ou aos 60 anos (...) Ao longo da vida, a pessoa tenta reproduzir nos nossos filhos aquilo que nós somos, com a idade distanciamos-nos disso e passamos a olhar mais para aquilo que eles querem, para aquilo que é importante para eles. Às vezes não é tão importante a parte económica, as coisas materiais. Às vezes são mais importantes outras coisas, o acompanhamento, o estar, o conversar, o sair juntos e desligamos um bocadinho dessa ideia de queremos fazer os filhos à nossa imagem, pensamos mais nos gostos e nas apreensões que eles têm, como nós tínhamos na idade deles (...) Sou mais comedido na parte material e digamos que melhorei muito na parte imaterial, emocional.

Este relato evidencia que atualmente os pais demonstram uma maior descentração pessoal, privilegiam a demonstração de afeto, sendo mais preocupados, atentos e compreensivos, e envolvem-se mais nas atividades dos e com os filhos (Balacho, 2004), inclusive no estudo (Lamb, 1981).

O mesmo participante acrescenta ainda que, em função da postura que adota com o filho, as características da relação entre ambos se foi alterando,

O pai teve que começar a ser um bocadinho mais severo com ele e a mãe foi buscar esse bocado. Eu que era o mais próximo dele em tudo, inclusive no que respeita a conversas, em saber o que se passava, agora já não sou (...) digamos que ele se aproxima mais da mãe, no sentido do aconchego, dessa sensação de conforto.

Contudo, considera que

É uma idade, uma fase. Como também já tenho toda esta experiência com os filhos para trás, tenho a facilidade em perceber que não é um problema, mas uma circunstância de idade, pontual (...) acredito que mais tarde ele possivelmente vai ter outra forma de estar ou de ser, e se for preciso vem ter comigo.

Por seu lado, P6 aborda a relação com o filho em função de dois parâmetros distintos que considera que a condicionam/determinam significativamente. Por um lado, o desejo de ter mais do que um filho e que nunca se concretizou

se tivesse dois filhos, de certeza que a educação seria um bocadinho diferente (...) quando é um filho único vai tudo para aquele, as regras são moldadas para aquele. Quando são dois, temos que distribuir a atenção pelos dois, o amor pelos dois e as obrigações pelos dois.

Por outro, a semelhança com o filho em termos de personalidade,

nós não falamos muito porque nós somos um bocado parecidos. Somos um bocado reservados, e ao fim ao cabo damos-nos bem, mas só falamos quase o essencial (...) Talvez se fôssemos mais extrovertidos, a nossa relação fosse diferente (...) Podíamos até falar de coisas mais banais, mais do dia-a-dia, mas se calhar podíamos falar mais

Ainda assim, isto não impede que tenham “uma relação próxima. Penso que não há nada que fique por dizer (...) quando falamos sou frontal e explico-lhe as coisas”.

2.2.4.4. Adaptação às características dos filhos.

Os pais também reconhecem que a paternidade é significativamente influenciada pelas características dos filhos, tal como postulado por Belsky (1984), quer as mais complexas, neste caso o temperamento, quer as inatas, mais concretamente o género (Rubin e Stewart, 1996). Consideram que o temperamento dos filhos implica que adaptem a forma como interagem com eles, afirmando que se é pai “em função do feitio dos filhos (...) é isso que nos afina na forma como gerimos e desempenhamos o papel de pai” (P3), ao que P4 acrescenta “os meus filhos têm formas de estar diferentes, formas diferentes de ser, eu vou tentando mudar e entendê-los”.

P2 destaca uma mudança de temperamento do filho, uma possibilidade levantada por Sanson e colegas (2002), que contribuiu diretamente para que a relação que tinham se alterasse, “ele como rapaz é mais atrevido e é mais difícil de controlar”. Isto, por sua vez, vai ao encontro do postulado por Schoppe e Rane (2002), que salientam que filhos irrequietos tendem a manter uma relação menos próxima com os pais.

Já o género dos filhos influencia a relação que os pais têm com os mesmos por motivos distintos. P2 afirma “tinha uma relação mais próxima com o meu filho mais novo, talvez por ser o único rapaz”, o que corrobora a perspetiva de Lamb (1987), que salienta

que o envolvimento dos pais tende a ser superior com os filhos; enquanto P8 estabelece uma distinção entre o filho e a filha, afirmando

ser pai de um rapaz e de uma rapariga é diferente (...) Um filho a gente deixa andar (...) se elas calharem com um rapazinho que goste delas, que as respeite e trate bem, é uma coisa. Agora se elas dão (...) com um rapaz que as trate mal, que não as respeite, isso é complicado.

Isto também vai ao encontro do postulado por Lamb (1987), que afirma que a necessidade de proteção tende a ser superior relativamente às raparigas, sobretudo no que respeita aos seus relacionamentos amorosos.

2.2.4.5. *Prevenção e/ou ressignificação de situações adversas concretas.*

Os pais referiram que estas situações se constituíram importantes oportunidades de aprendizagem e permitiram fomentar a proximidade dos filhos, o que, por sua vez, gerou uma maior perceção de controlo relativamente ao seu percurso de vida. Em termos de prevenção de situações adversas concretas, destaca-se a mencionada por P1,

quando veio a conversa do tabaco (...) fui buscar um maço de tabaco que andava aí perdido, (...) e eu próprio acendi o cigarro para eles darem umas passas (...) se queriam fumar, que fumassem em casa (...) o mesmo aconteceu relativamente às drogas. Claro que drogas nunca lhes dei, evidentemente. E tanto quanto sei, nunca nenhum deles fumou nem consumiu drogas, e se calhar o que contribuiu para isso, também foi aquele aspeto de os ter deixado à vontade.

Em termos de ressignificação de situações com esta valência, destaca-se a experiência de P6, uma das experiências emocionalmente mais intensas e extremas vivenciadas pelo ser humano, que embora não sendo relativa ao filho em concreto, foi a que mais contribuiu para uma maior proximidade entre ambos,

o meu pai faleceu em janeiro último e ele (...) chegou-se a mim (...) se calhar por imaginar como seria se me perdesse (...) Nos dias em que o meu pai esteve doente, achei-o muito mais preocupado, mais perto de mim, e com o desfecho da situação, vi que ele estava ao meu lado. Isso também nos aproximou, porque apesar de eu achar que ele ainda não cresceu, demonstra que tem uma certa

maturidade. A preocupação se o pai está bem, se está a sofrer, isso deixou-me bem (...) Foi muito bom, deu-me força para aguentar. Mesmo que essa maior proximidade não fosse pelas melhores circunstâncias.

2.2.4.6. Emoções e pensamentos emergentes.

Embora inicialmente percebida como “uma situação algo temerosa, de medo, pela incerteza se uma pessoa estaria preparada para dar resposta a essa responsabilidade”, ser pai constitui-se como um acontecimento com um profundo, positivo e superior impacto emocional, despoletando “euforia, alegria e satisfação” (P1), “em termos de sensação, foi a melhor que tive em toda a minha vida” (P6).

A infância é considerada o período mais feliz desta vivência, “há aquela fase em que os filhos são bebés e que é uma maravilha” (P3), “quem acompanha por perto, acaba por tirar muita satisfação dessa fase da vida dos miúdos” (P1). Contudo, ser pai é considerado prazeroso ao longo de todas as fases de desenvolvimento dos filhos, “aquele prazer de ser pai existe sempre” (P3), atingindo o auge ao constatar que os filhos são bem-sucedidos, “felizmente sempre houve muitas mais situações que me deixaram orgulhoso” (P1), para o que os pais consideram ter contribuído substancialmente,

quando a gente percebe que um filho vai conseguindo trilhar um bom caminho, isso deixa-nos felizes (...) O meu filho mais velho nunca me deu problemas (...) É um miúdo espetacular e tomara muita gente ter um filho como eu tenho (...) isso é daquilo que a gente lhe passou (P5).

P1 remata a questão, afirmando que em circunstâncias normais, “os filhos para os pais são sempre vistos como os modelos”. Isto permite concluir que, embora o ser pai implique uma grande mobilização de recursos, o confronto constante com dúvidas e a emergência de emoções que despoletam desconforto; em função do superior impacto do que é positivo, em termos de pensamentos, emoções e experiência, é uma vivência que contribui para uma elevada realização pessoal (Villamizar & Rosero, 2005).

Considerações finais

A paternidade é uma vivência fundamentalmente relacional. É em virtude da qualidade e natureza de relações estabelecidas, possivelmente desde o início da vida dos homens, que se vão construindo padrões, ideias e crenças relativamente ao que é ser pai, o que por sua vez, contribui para estimular ou inibir esse desejo, mesmo que isso ocorra de uma forma inconsciente e, por isso, impercetível.

A relação com os próprios pais, constitui-se, geralmente, a primeira, e assume-se como a mais significativa no desempenho da paternidade. Ao revisitar as experiências com os progenitores, os pais tomam decisões e consciencializam-se, ainda que nem sempre de uma forma totalmente voluntária e perceptível, relativamente ao pai que querem ser, definindo os seus próprios ideais. Assim, tanto os pais que, com base no que é postulado pelos modelos relativos à e os autores que estudam a paternidade, cumprem as suas funções de uma forma desejável, como aqueles que desempenham uma paternidade menos assertiva, podem contribuir para que os filhos sejam ótimos pais, mesmo que neste último caso, isso ocorra por circunstâncias e situações que na sua génese são negativas. Como Sartre afirmou “o importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós fazemos do que os outros fizeram de nós”.

Por seu lado, a esposa assume-se como a principal figura de suporte da paternidade no cotidiano. A estabilidade e a proximidade na relação com a mesma, a forma assertiva como desempenha a maternidade e a consonância e sintonia em termos de decisões relativas aos filhos, gera identificação, fomenta o envolvimento e despoleta a necessidade de competência por parte do pai, ao acentuar a crença de que os filhos são uma criação e uma responsabilidade de ambos, o que, por sua vez, favorece o compromisso e a união entre o casal. Isto ilustra que embora o pai se tenha tornado mais autónomo no desempenho das suas funções, continua a nortear-se pela competência reconhecida da esposa, o seu principal alicerce.

Enquanto eterno aprendiz, cada pai procura, acima de tudo, aquilo que lhe permite identificar-se com e adquirir conhecimento sobre a sua condição, o que também se aplica às restantes relações que estabelece. Assim, após o nascimento dos filhos, mobiliza-se, sobretudo, para investir no contacto e/ou estar atento a quem também esteja a vivenciar a experiência da paternidade, percecionando as experiências alheias como oportunidades

inesgotáveis de consciencialização dos diferentes cenários que se podem verificar com os filhos, instigando esforços para que os negativos sejam apenas conhecidos e os positivos uma realidade. O receio de que alguns cenários se materializem, exponencia o desejo de um contacto mais próximo, direto e permanente com os filhos, cimentando o conhecimento sobre os mesmos, algo em que o pai pretende ser especialista.

A experiência de *ser pai* é facilmente confundida com a própria existência. Os pais consideram-na o acontecimento mais transformador do seu ciclo de vida, interpretando os filhos como os seus dignos representantes, sucessores e herdeiros, destinatários de todas as qualidades, características e conhecimentos positivos que os próprios adquiriram, a sabedoria que acumularam. Isto contribui para perceberem que têm uma influência intemporal no mundo, o que remete para algumas das necessidades básicas do ser humano, o controlo, a utilidade e o reconhecimento. O pai autointitula-se assim, como o livro cuja leitura para os filhos é obrigatória para ser possível enfrentarem com sucesso a vida e o mundo.

É fascinante perceber como os pais administram a sua relação com os filhos, a qual requer uma constante adaptação devido às características específicas e experiências individuais dos seus intervenientes. Verifica-se uma elevada congruência entre as preocupações/desafios emergentes, e as funções desempenhadas e as características dessa relação, como a abertura e a proximidade, que se por um lado, contribuem para potenciar um ajustamento e otimização da sua qualidade; por outro, têm precisamente como intuito diminuir a probabilidade de ocorrência de situações ou experiências indesejáveis. Assim, objetivos distintos, complementares e centrais, têm a mesma génese: a procura permanente de controlo sobre a vida dos filhos, coadunante com a crença de que estes, enquanto sua criação, também lhes pertencem.

As limitações identificadas no presente estudo remetem para a natureza dos dados recolhidos, sendo que os resultados alcançados poderão ter sido influenciados: pelo efeito de desejabilidade social, o que tende a ser frequente em estudos qualitativos, sobretudo quando relativos a temáticas altamente valorizadas do ponto de vista social, há demonstração de total disponibilidade e interesse por parte dos participantes em falar sobre as mesmas e existe intervenção direta por parte do investigador, nomeadamente, através da realização de entrevistas; por uma superestimação ou subestimação entre a perceção que os pais têm relativamente à paternidade que desempenham e como a

desempenham na realidade; por ser um estudo retrospectivo, o que poderá potencializar os denominados erros de memória; e por se basearem numa única fonte de informação, o autorrelato de cada pai. Acresce que dado ser um estudo qualitativo com um reduzido número de participantes, os resultados alcançados não são generalizáveis para a população.

Em termos de futuras investigações, considera-se que seria pertinente realizar estudos que incluíssem pelo menos três gerações, com o intuito de estudar de uma forma mais exaustiva e assertiva as experiências enquanto pais e/ou as experiências enquanto filhos e a experiência da paternidade como um todo, o que permitiria, inclusive, ultrapassar muitas das limitações anteriormente mencionadas.

A realização das entrevistas narrativas se, por um lado, foi altamente gratificante, por permitir contactar com a subjetividade e diversidade de perspetivas e experiências; por outro, foi ingrata, na medida em que surgiram algumas questões que requerem uma exploração mais profunda, em função da sua complexidade e importância, evidenciando a necessidade da intervenção de um psicólogo e não tanto de um investigador, que embora possa solicitar o pensar e falar *sobre*, não pode intervir *em* de uma forma significativa. Esta perceção foi despoletada sobretudo quando os pais mencionaram experiências significativamente adversas relacionadas com os próprios filhos, as quais se constituíram verdadeiros desafios, apoiam a convicção de que ser pai e um bom pai não é fácil, e foram ultrapassadas com recurso à força motriz dos pais: o amor incondicional aos filhos.

Em síntese, a paternidade desempenhada varia em função de diversos fatores, quer relativos ao próprio pai e aos filhos, quer relativos aos inúmeros contextos em que se envolvem, diferentes relações que estabelecem e mudanças socioculturais que vão ocorrendo. Não existe perfeição no desempenho da paternidade, mas poderá existir perfeccionismo na procura de estratégias e mecanismos que contribuam para a relação pai-filho ser considerada um pilar da própria existência para ambos, até porque é inquestionável que a contribuição para a vida um do outro é inigualável e incomensurável. A paternidade é uma experiência diferenciada, significativamente positiva, altamente prazerosa e própria, uma vez que os outros poderão fornecer diretrizes que orientam o pai, mas não serão suficientes ao ponto de este poder desinvestir num papel que efetivamente é seu. *Ser pai* é a maior mas também a mais fantástica das responsabilidades, o sorriso de um filho torna tudo o resto relativo.

Referências

- Amato, P. R. (1986). Marital conflict, the parent–child relationship, and child self-esteem. *Family Relations*, 35(3), 403-410.
- Attride-Stirling, J. (2001). Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. *Qualitative research*, 1(3), 385-405.
- Badinter, E. (1981). *¿Existe el amor maternal?* Barcelona: Paidós.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22 (2), 377-386.
- Bandura A. (1977). *Social Learning Theory*. Nova Iorque: General Learning Press.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229.
- Bates, J. E. (1980). The concept of difficult temperament. *Merrill-Palmer Quarterly of Behavior and Development*, 26 (4), 299-319.
- Beck-Gernsheim, E. (2003). *La reinvenção de la família. En busca de nuevas formas de convivência*. Barcelona: Paidós.
- Belsky, J. (1980). Child maltreatment: An ecological integration. *American Psychologist*, 35 (4), 320-335.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17(1), 3-23. doi:10.1037/0012-1649.17.1.3
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.

- Belsky, J. (2008). Social-contextual determinants of parenting. In R. E. Tremblay, R. G. Barr, & R. D. Peters (Eds.), *Encyclopedia on early childhood development* (2nd ed., pp. 1–6). Montreal: Centre of Excellence for Early Childhood Development.
- Belsky, J., Lang, M. E., & Rovine, M. (1985). Stability and change in marriage across the transition to parenthood: A second study. *Journal of Marriage and the Family*, 47(4), 855-865.
- Belsky, J., Lerner, R. M., & Spanier, G. B. (1984). *The child in the family*. Reading: Addison-Wesley.
- Belsky, J., & Pensky, E. (1988). Developmental history, personality and family relationships: Toward an emergent family system. In R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families* (pp. 193-217). Oxford: Clarendon Press.
- Belsky, J., Rovine, M., & Fish, M. (1989). The developing family system. In M. Gunnar & E. Thelen (Eds.), *Systems and development: The Minnesota symposia on child psychology* (pp. 119-166). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Belsky, J. & Vondra, J. (1989). Lessons from child abuse: the determinants of parenting. Em D. Cicchetti & V. Carlson (Eds.), *Current research and theoretical advances in child maltreatment* (pp. 153-202). Cambridge: Cambridge University Press.
- Belsky, J., Youngblade, L., Rovine, M., & Volling, B. (1991). Patterns of marital change and parente-child interaction. *Journal of Marriage and Family*, 53, 487-498.
- Benjamin, W. (1975). O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov. In H. Benjamin, M. Horkheimer, T. W. M. Adorno & J. Habermas, *Textos escolhidos*, (pp.63-81). São Paulo: Abril Cultural.
- Bornstein, M. H., Haynes, O. M., Azuma, H., Galperin, C., Maital, S., Ogino, M.,... & Toda, S. (1998). A cross-national study of self evaluations and attributions in

parenting: Argentina, Belgium, France, Israel, Italy, Japan, and the United States. *Developmental Psychology*, 34(4), 662-676.

Bornstein, M. H. (2009). Toward a model of culture \longleftrightarrow parent \longleftrightarrow child transactions. In A. Sameroff (Ed.), *The transactional model of development* (pp. 139-161). Washington: American Psychological Association.

Bornstein, M. H. (2012). Cultural approaches to parenting. *Parenting: Science and Practice*, 12(2-3), 212-221. doi: 10.1080/15295192.2012.683359

Bornstein, M. H., & Lansford, J. E. (2010). Parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *The handbook of cross-cultural developmental science* (pp. 259-277). Nova Iorque: Taylor & Francis.

Bost, K. K., Cox, M. J., Burchinal, M. R., & Payne, C. (2002). Structural and supportive changes in couples family and friendship networks across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 64(2), 517-531.

Bowen, M, Andolfi, M. & De Nichilo, M. (1991). *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Buenos Aires: Paidós.

Bower-Russa, M., Knutson, J., & Winebarger, A. (2001). Disciplinary history, adult disciplinary attitudes, and risk for abusive parenting. *Journal of Community Psychology*, 29(3), 219-240.

Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Attachment* (Vol. 1). New York: Basic Books.

Bronfenbrenner, U. (1960). Freudian theories of identification and their derivatives. *Child Development*, 31(5),15-40.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.

- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp. 187-249). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Bruner, J. (2002). Narratives of human plight: A conversation with Jerome Bruner. In R. Charon & M. Montello (Eds.), *Stories matter – The role of narrative in medical ethics* (pp. 3-9). New York: Routledge.
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 78-92.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, N., Bradley, B., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the 21st century. *Child Development*, 71, 127-136.
- Campos, R. T. O., & Furtado, J. P. (2008). Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, 42 (6), 1090-1096.
- Caspi, A., & Elder, G. H. (1988). Emergent family patterns: The intergenerational construction of problem behavior and relationships. In R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families* (pp. 218-240). Oxford: Oxford University Press.
- Chen, Z., & Kaplan, H. (2001). The intergenerational transmission of constructive parenting. *Journal of Marriage and the Family*, 63(1), 17-31.
- Chorvat, I. (2006). Towards some aspects of childcare and housework from the gender perspective. *Sociologia*, 38(1), 31-48.
- Cicchetti, D., & Lynch, M. (1993). Toward an ecological /transactional model of community violence and child maltreatment: Consequences for children's development. *Psychiatry*, 56(1), 96-118.
- Clandinin, D. J. (2006). Narrative inquiry: A methodology for studying lived experience. *Research studies in music education*, 27(1), 44-54.

- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2000). *Narrative inquiry*. São Francisco: John Wiley & Sons.
- Cochran, M., & Walker, S. K. (2005). Parenting and Personal Social Networks. In T. Luster & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An Ecological Perspective*, (pp. 235-273). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American psychologist*, 55(2), 218-232. doi: 10.1037//0003-066X.55.2.218
- Coltrane, S. (1996). *Family man. fatherhood, housework and gender equity*. Nova Iorque: Oxford University Press
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). The Intergenerational Transmission of Parenting: Closing Comments for the Special Section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276-1283. doi: 10.1037/a0016911
- Connelly, F. M., & Clandinin, D. J. (1990). Stories of experience and narrative inquiry. *Educational Researcher*, 19(5), 2-14.
- Cowan, P. A. (1991). Individual and family life transitions: A proposal for a new definition. In P. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions: Advances in family research* (Vol. 2, pp. 3-30). Hillsdale: Erlbaum.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2000). *When parents become partners: The big life change for couples*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cowan, C. P., Cowan, P. A., Heming, G., Garrett, E., Coysh, W. S., Curtis-Boles, H., & Boles, A. J. (1985). Transition to parenthood: His, hers, and theirs. *Journal of Family Issues*, 6(4), 451-481.

- Cox, M. J., Owen, M. T., Lewis, J. M., & Henderson, V. K. (1989). Marriage, adult adjustment, and early parenting. *Child Development*, 60(5), 1015-1024. doi: 10.2307/1130775
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens*. Porto Alegre: Penso Editora.
- Crockenberg, S. (1988). Social support and parenting. In H. Fitzgerald, B. Lester, & M. Yogman (Eds.), *Theory and research in behavioral pediatrics* (Vol. 4, pp. 67-92). Nova Iorque/Londres: Plenum.
- Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2005). The Long Arm of Job Revisited: Parenting in Dual-Earner Families. In T. Luster & L. Okagaki (Ed.), *Parenting: An Ecological Perspective*, (pp. 275-296). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Daly, K. (1995). Reshaping fatherhood: Finding the models. In W. Marsiglio (Ed.), *Fatherhood: Contemporary theory, research and social policy* (pp. 21-40). Thousand Oaks: Sage.
- Deater-Deckard, K., Lansford, J., Dodge, K., Pettit, G., & Bates, J. (2003). The development of attitudes about physical punishment. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 351-360.
- Deater-Deckard, K., Pike, A., Petrill, S. A., Cutting, A. L., Hughes, C., & O'Connor, T. G. (2001). Nonshared environmental processes in social-emotional development: An observational study of identical twin differences in the preschool period. *Developmental Science*, 4(2), 1-6.
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, 10(1), 25-28.
- Doherty, W. E. J., Kouneski, E. F., & Erikson, M. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, 60(2), 277-292.

- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371-378. doi: 10.1590/S1413-294X2002000200018
- Egeland, B., & Jacobvitz, D. (1984, April). *Intergenerational continuity in parental abuse: Causes and consequences*. Paper presented at the Conference on Biosocial Perspectives in Abuse and Neglect, York, United States.
- Elder G. (1981). History and the Life Course. In Bertaux D (Ed) *Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences* (pp. 77-115). Beverly Hills: Sage.
- Elder, G., Van Nguyen, T., & Caspi, A. (1985). Linking family hardship to children's lives. *Child Development*, 56(2), 361-375. doi: 10.2307/1129726
- Embree, L. (2011). La interdisciplinariedad dentro de la fenomenología. *Investigaciones fenomenológicas*, (8), 9-21.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132.
- Falceto, O. G., & Waldemar, J. O. (2009). Famílias com bebês. In L. C. Osorio & M. E. P. Valle (Eds.), *Manual de terapia familiar*, (pp. 235-246). Porto Alegre: Artmed.
- Fauber, R. L., & Long, N. (1991). Children in context: The role of the family in child psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59(6), 813-820. doi: 10.1037/0022-006X.59.6.813
- Feinberg, M., & Hetherington, E. M. (2001). Differential parenting as a within-family variable. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 22-37. doi: 10.1037//0893-3200.15.1.22
- Fincham, F. D., & Hall, J. H. (2005). Parenting and the Marital Relationships. In T. Luster & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An Ecological Perspective*, (205-233). London: Lawrence Erlbaum Associates.

- Fraley, R. C., Roisman, G. I., & Haltigan, J. D. (2013). The legacy of early experiences in development: Formalizing alternative models of how early experiences are carried forward over time. *Developmental Psychology*, *49*(1), 109-126. doi: 10.1037/a0027852
- Goldberg, W., Clarke-Stewart, K. A., Rice, J., & Dellis, E. (2002). Emotional energy as an explanatory construct for fathers' engagement with their infants. *Parenting: Science and Practice*, *2*(4), 379-408. doi: 10.1207/S15327922PAR0204_03
- Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). Role of marital quality in toddler development. *Developmental Psychology*, *20*(3), 504-514. doi: 10.1037/0012-1649.20.3.504
- Goodnow, J. J. (2002). Parents' knowledge and expectations: Using what we know. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 439-460). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Grych, J. (2002). Marital relationships and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Social conditions and applied parenting* (pp. 203-225). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hardt, J., & Rutter, M. (2004). Validity of adult retrospective reports of adverse childhood experiences: Review of the evidence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *45*(2), 260-273. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00218.x
- Harrison, A. O., Wilson, M. N., Pine, C. J., Chan, S. Q., & Buriel, R. (1990). Family ecologies of ethnic minority children. *Child Development*, *61*(2), 347-362. doi: 10.1111/j.1467-8624.1990.tb02782.x
- Hwang, C. P., & Lamb, M. (2002). Father involvement in Sweden: A longitudinal study of its stability and correlates. *International Journal of Developmental Psychology*, *21*(3), 391-416. doi: 10.1080/016502597384811

- Hildebrandt, K. A., & Cannan, T. (1985). The distribution of caregiver attention in a group program for young children. *Child Study Journal*, 15(1), 43-55.
- Hildebrandt, K. A., & Fitzgerald, H. E. (1978). Adults' responses to infants varying in perceived cuteness. *Behavioral Processes*, 3(2), 159-172. doi: 10.1016/0376-6357(78)90042-6
- Hintz, H. C., & Baginski, P. H. (2012). Vínculo conjugal e transição para a parentalidade: fragilidades e possíveis superações. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 4(1), 10-22.
- Hintz, H. C., Dellazzana-Zanon, L. L., & Baginski, P. C. H. (2015). Transição da conjugalidade para a parentalidade: implicações da chegada dos filhos para a relação conjugal. In T. Almeida (Ed.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* (Vol. 3, pp. 231-250). São Paulo: Polo Books.
- Hofferth, S. L., Pleck J. H. & Vesely, C. K. (2012). The Transmission of Parenting from Fathers to Sons. *Parenting: Science and Practice*, 12(4), 282-305. doi: 10.1080/15295192.2012.709153
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage.
- Holden, G. W. (2014). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks: Sage.
- Hops, H., Davis, B., Leve, C., & Sheeber, L. (2003). Cross-generational transmission of aggressive parent behavior: A prospective, mediational examination. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(2), 161-169. doi: 10.1023/A:1022522224295
- Howes, P., & Markman, H. (1989). Marital quality and child functioning. *Child Development*, 60(5), 1044-1051. doi: 10.2307/1130778

- Jovchelovich S., Bauer, M.W. (2002). Entrevista Narrativa. In Gaskell G. & M. W. Bauer (Ed.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Karraker, K. H., & Coleman, P. K. (2005). The Effects of Child Characteristics on Parenting. Em T. Luster & L. Okagaki (Ed.), *Parenting: An Ecological Perspective*, (pp. 147-176). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Katz-Wise, S. L., Priess, H. A., & Hyde, J. S. (2010). Gender-role attitudes and behavior across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 46(1), 18-28. doi: 10.1037/a0017820
- Kaufman, J., & Zigler, E. (1987). Do abused children become abusive parents? *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(2), 186-192. doi: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03528.x
- Kaufman, J., & Zigler, E. (1989). The intergenerational transmission of child abuse. In D. Cicchetti & V. Carlson (Eds.), *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp. 129-150). New York: Cambridge University Press.
- Keller, H., Borke, J., Yovsi, R. D., Lohaus, A., & Jensen, H. (2005). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3), 229-237. doi: 10.1080/01650250544000017
- Kohn, M. (1963). Social class and parent-child relationships: An interpretation. *American Journal of Sociology*, 68(4), 471-480.
- Kowal, A., & Kramer, L. (1997). Children's understanding of parental differential treatment. *Child Development*, 68(1), 113-126.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49(1), 25-44. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x

- Lamb, M. E. (1987). *The father's role: Cross-cultural perspectives*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., & Levine, J. A. (1985). The role of the father in child development. In B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 229-266). Boston: Springer.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1-31). Nova Jérícia: John Wiley and Sons.
- Larner, M. (1990). Changes in network resources and relationships over time. In M. Cochran, M. Larner, D. Riley, L. Gunnarsson, & C. Henderson (Eds.), *Extending families: The social networks of parents and their children* (pp. 181-204). Londres/Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European journal of psychology of education*, 18(2), 211-228.
- Lira, G. V. (2012). A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 16(1), 59-66.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51(1), 1-27. doi: 10.1146/annurev.psych.51.1.1
- Marsiglio, W. (1993). Contemporary scholarship on fatherhood: Culture, identity and conduct. *Journal of Family Issues*, 14(4), 484-509. doi: 10.1177/019251393014004002
- McBride, B. A., Schoppe, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of Marriage and Family*, 64(4), 998-1011.

- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2008). The five-factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (Vol. 3, pp. 159-180). New York: Guilford.
- McDowell, D. J., Kim, M., O'Neil, R., & Parke, R. D. (2002). Children's emotional regulation and social competence in middle childhood: The role of maternal and paternal interactive style. *Marriage and Family Review*, *34*(3-4), 345–364. doi: 10.1300/J002v34n03_07
- Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, *12*(1), 83-93. doi: 10.1590/S1413-82712007000100010
- Mitchell, R., & Trickett, E. (1980). Task force report: Social networks as mediators of social support. *Community Mental Health Journal*, *16*(1), 27-44. doi: 10.1007/BF00780665
- Mitnick, D. M., Heyman, R. E., & Smith Slep, A. M. (2009). Changes in relationship satisfaction across the transition to parenthood: A meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, *23*(6), 848-852. doi: 10.1037/a0017004
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, *26*(3), 395-409.
- Montesinos, R. (2002). *Las rutas de la masculinidad: ensayos sobre el cambio cultural y el mundo moderno*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Montesinos, R. (2004). La nueva paternidad: expresión de la transformación masculina. *Polis: investigación y análisis sociopolítico y psicosocial*, *2*(4), 197-220.

- Mora, L., Otálora, C., & Recagno-Puente, I. (2005). El hombre y la mujer frente al hijo: diferentes voces sobre su significado. *Psyche*, *14*(2), 119-132. doi: 10.4067/S0718-22282005000200010
- Muldoworf, B. (1973). *La paternidade*. Madrid: Guadarrama.
- Mussen, P.H., & Rutherford, E. (1963). Parent-child relations and parental role preferences. *Child Development*, *34*(3), 589-607. doi: 10.2307/1126754
- Muylaert, C. M., Junior, V. S., Gallo, P. R., Neto, M. L. R., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *48*(2), 193-199. doi: 10.1590/S0080-623420140000800027
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *4*(1), 34-47.
- Nozick, R. (1992). *Meditaciones sobre la vida*. Barcelona: Gedisa.
- Nudler, A., & Romaniuk, S. (2005). Prácticas y subjetividades parentales: Transformaciones e inercias. *Revista La Ventana*, *3*(22), 269-285.
- O'Connor, T. G. (2002). Annotation: The "effects" of parenting reconsidered: Findings, challenges, and applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *43*(5), 555-572. doi: 10.1111/1469-7610.00046
- Osborne, L., & Fincham, F. (1996). Marital conflict, parent-child relationships, and child adjustment. *Merrill-Palmer Quarterly*, *42*(1), 48-75.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Londres: Harvard University Press.
- Parke, R. D. (2000). Father involvement: A developmental psychological perspective. *Marriage and Family Review*, *29*(2-3), 43-58. doi: 10.1300/J002v29n02_04

- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. Em M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., Vol. 3, pp. 27-73). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Parke, R. D., Dennis, J., Flyr, M. L., Morris, K. L., Leidy, M. S., & Schofield, T. J. (2005). Fathers: Cultural and Ecological Perspectives. In T. Luster & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An Ecological Perspective*, (pp. 103-144). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Parke, R. D., McDowell, D. J., Kim, M., Killian, C., Dennis, J., Flyr, M. L., & Wild, M. N. (2002). Fathers contribution to children's peer relationships. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement* (pp. 141-168). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Parke, R. D., & O'Neil, R. (2000). The influence of significant others on learning about relationships: From family to friends. In R. Mills & S. Duck (Eds.), *The developmental psychology of personal relationships* (pp. 15-47). London: Wiley.
- Passeggi, M., Nascimento, G., & Oliveira, R. (2016). As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. *Revista Lusófona de Educação*, (33), 111-125.
- Pears, K., & Capaldi, D. (2001). Intergenerational transmission of abuse: A two-generational prospective study of an at-risk sample. *Child Abuse and Neglect*, 25(11), 1439-1461. doi: 10.1016/S0145-2134(01)00286-1
- Perren, S., Von Wyl, A., Bürgin, D., Simoni, H., & Von Klitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. *Family process*, 44(4), 441-459.
- Perry-Jenkins, M., Repetti, R. L., & Crouter, A. C. (2000). Work and family in the 1990's. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 981-989.
- Pleck, J. H. (1983). Husbands' paid work and family roles: Current research issues. *Research in the interweave of social roles*, 3, 251-333.

- Pleck, E. (1984). Changing Fatherhood. *Unpublished manuscript*. Wellesley College Center for Research on Women, Wellesley.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement: Levels, sources and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 222–273). New York: Wiley.
- Putnam, S. P., Sanson, A. V., & Rothbart, M. K. (2002). Child temperament and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (2nd ed., Vol. 1, pp. 255–277).
- Raby, K. L., Lawler, J. M., Shlafer, R. J., Hesemeyer, P. S., Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (2015). The interpersonal antecedents of supportive parenting: A prospective, longitudinal study from infancy to adulthood. *Developmental psychology*, *51*(1), 115-123. doi: 10.1037/a0038336
- Radin, N. (1981). The role of the father in cognitive, academic, and intellectual development. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (2nd ed, pp. 379-427). New York: Wiley
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: Podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica*, *15*(2), 93-108.
- Rodríguez, R., Pérez, G., & Salguero, A. (2010). El deseo de la paternidad en los hombres. *Avances en psicología latinoamericana*, *28*(1), 113-123.
- Rohner, R. P. (1998). Father love and child development; History and current evidence. *Current Directions in Psychological Science*, *7*(5), 157–161. doi: 10.1111/1467-8721.ep10836851
- Rojas M., O. L. (2000). *La paternidad y la vida familiar en la ciudad de México: un acercamiento cualitativo al papel desempeñado por los varones en los ámbitos reproductivo y doméstico*. Dissertação de Doutorado, El Colegio de México, México.

- Sanson, A., Hemphill, S. A., & Smart, D. (2002). Temperament and social development. In P. K. Smith & C. H. Hart (Eds.), *Blackwell handbook of childhood social development* (pp. 97-115). Malden, MA: Blackwell.
- Schraiber, L. B. (1995). Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. *Revista de Saúde Pública*, 29(1), 63-74.
- Sears, R.R., Maccoby, E.E. & Levine, H. (1957). *Patterns of child rearing*. Evanston: Row, Peterson and Company
- Serbin, L., & Karp, J. (2003). Intergenerational studies of parenting and the transfer of risk from parent to child. *Current Directions in Psychological Science*, 12(4), 138-142.
- Snarey, J. (1993). *How fathers care for the next generation: A four decade study*. Cambridge: Harvard University Press.
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2003). Development of personality in early and middle adulthood: Set like plaster or persistent change? *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1041-1053. doi: 10.1037/0022-3514.84.5.1041
- Stern, M., & Karraker, K. H. (1989). Sex stereotyping of infants: A review of gender labeling studies. *Sex Roles*, 20(9-10), 501–522.
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- Triandis, H. C. (1995). The self and social behavior in differing cultural contexts. *Psychological Review*, 96(3), 506-520.

- Triandis, H. C., Bontempo, R., Villareal, M. H., Asai, M., & Lucca, N. (1988). Individualism and collectivism: Cross cultural perspectives on self–ingroup relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(2), 323–338.
- Van Bakel, H. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2002). Parenting and development of one-year-olds: Links with parental, contextual, and child characteristics. *Child development*, 73(1), 256-273.
- Van Ijzendoorn M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies in nonclinical populations. *Developmental Review* 12(1), 76-99.
- Velásquez, M. A. S. (2008). Identidad de género masculino y paternidad. *Enseñanza e investigación en psicología*, 13(2), 239-259.
- Vygotsky (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Villamizar, Y. P., & Rosero, M. C. (2005). Traer “hijos o hijas al mundo”: significados culturales de la paternidad y la maternidad. *Revista latinoamericana de Ciencias sociales, Niñez y Juventud*, 3(2), 111-140.
- Vondra, J., Sysko, H. B., & Belsky, J. (2005). Developmental Origins of Parenting: Personality and Relationship Factors. In T. Luster & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An Ecological Perspective*, (pp. 35-71). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wagner, A. (2003). *La transmisión de los modelos familiares*. Madrid: Editorial CCS.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Webster-Stratton, C., & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style, and early-onset conduct problems: Processes and Pathways. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40, 917–927.

- Weller, W. (2009, Outubro). *Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze*. Papel apresentado no GT14 da 32ª reunião anual da ANPEd, Caxambu, Brasil.
- Weller, W., & Zardo, S. P. (2013). Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. *Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 131-143.
- Whipple, E. E., & Webster-Stratton, C. (1991). The role of parental stress in physically abusive families. *Child Abuse and Neglect*, 15, 279–291. doi: 10.1016/0145-2134(91)90072-L
- Winnicott (1969). *The child, the family, and the outside world*. Baltimore: Penguin Books.

Anexos

Apresentação do estudo e consentimento informado

A dissertação “Ser pai: as relações na vivência da parentalidade – um estudo qualitativo” é realizado por Emanuel Martins Parente Canhoto Botas, aluno do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade de Évora, que neste estudo assume o papel de investigador, sob a orientação da Professora Doutora Constança Biscaia. Com o intuito de os participantes neste estudo estarem totalmente consciencializados das características e implicações do mesmo, e assim fomentar uma participação informada, considera-se importante mencionar que:

- a) A presente dissertação de Mestrado é de natureza académica e tem como objetivo perceber o que é ser pai, quais os significados atribuídos a este evento do ciclo de vida, as suas implicações e como a paternidade é desempenhada, aprofundando a perceção que os pais têm do impacto das relações passadas e atuais na vivência deste fenómeno;
- b) A participação neste estudo implica a realização de uma entrevista narrativa, na qual lhe vai ser pedido o pensar de forma aprofundada e o elaborar de uma narrativa relativamente àquilo que o define enquanto pai;
- c) A entrevista narrativa não terá um limite de tempo definido, sendo que durante a mesma poderá falar ao ritmo e na ordem de acontecimentos que o fizerem sentir mais confortável;
- d) Será utilizado um gravador para não prejudicar a fluidez e a continuidade do discurso e, conseqüentemente, facilitar a recolha da informação;
- e) Durante a narração poderá ser solicitado a explorar as experiências de uma forma mais detalhada e poderão ser-lhe colocadas questões, algumas das quais em função dos objetivos do estudo, outras com o intuito de clarificar e/ou especificar as informações recolhidas, pedido ao qual poderá ou não aceder;
- f) Pretende-se que este trabalho também se constitua uma experiência de autoconhecimento, não tendo qualquer intuito de julgar ou corrigir, não existindo por isso afirmações certas ou erradas;
- g) Caso, em algum momento, queira concluir ou interromper a narrativa, poderá fazê-lo, não estando implicado qualquer tipo de prejuízo, custo ou punição. No caso de interrupção, será apenas questionado relativamente a querer ou não retomar a narrativa, sendo que no caso de querer, poderá realizá-lo no próprio dia ou num dia a agendar, em função da sua disponibilidade e dentro dos prazos

- definidos para a conclusão do trabalho; no caso de não querer, será agradecida a sua disponibilidade e eliminada, na sua presença, a informação recolhida;
- h) Para efeitos de garantir a veracidade da informação recolhida, após a transcrição da entrevista ocorrerá um segundo encontro no qual terá a oportunidade de a reler, com o intuito de a poder eliminar, reformular e/ou completar, sendo que neste caso terá novamente a oportunidade de a reler antes de ser integrada no estudo. Caso tenha receio de que novas informações sejam esquecidas antes do segundo momento, poderá optar por fazer o registo das mesmas, seja através de registo áudio ou escrito. Neste segundo momento poderá ainda ser solicitado a esclarecer alguma informação que não tenha ficado totalmente clara para o investigador;
 - i) Na eventualidade de novas recordações surgirem apenas após o segundo encontro, e pretender que as mesmas sejam integradas no estudo, poderá entrar em contacto através dos contactos que lhe serão disponibilizados e, se necessário, ser realizado um terceiro encontro.

Consentimento informado

O participante abaixo-assinado:

- a) Tem conhecimento dos objetivos do estudo;
- b) Teve oportunidade de esclarecer questões que quis colocar;
- c) Sabe que pode desistir de participar no estudo a qualquer momento;
- d) Sabe que o seu nome nunca será divulgado, sendo-lhe feita referência enquanto “participante” seguido de um número, em função da ordem de realização das entrevistas, permanecendo os seus dados confidenciais;
- e) Sabe que poderá solicitar o acesso aos dados recolhidos relativamente ao próprio;
- f) Disponibiliza-se para a realização de um segundo momento de entrevista caso seja necessário recolher mais informação ou clarificar a recolhida num primeiro momento.

O investigador compromete-se a:

- a) Garantir ao participante o carácter voluntário da participação no presente estudo;
- b) Prestar os esclarecimentos solicitados e necessários;
- c) Utilizar parcimoniosamente o tempo disponibilizado pelo participante;

- d) Assegurar o anonimato das respostas e a confidencialidade dos protocolos individuais de resposta;
- e) Utilizar os resultados da investigação apenas para fins académicos e respetivas publicações;
- f) Conduzir a investigação de acordo com o Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

Data: __/__/2020

Participante:

Investigador:

Introdução à entrevista

O que se pretende nesta entrevista é que pense de uma forma profunda e elabore uma narrativa sobre o que é ser pai, quais os significados atribuídos a este evento do ciclo de vida, as suas implicações e como se define enquanto pai, tendo em consideração as suas próprias experiências e as relações passadas e atuais. A entrevista não terá um limite de tempo definido e durante a mesma poderá falar ao ritmo e na ordem de acontecimentos que o fizerem sentir mais confortável, sendo utilizado um gravador para não prejudicar a fluidez e a continuidade do discurso e, conseqüentemente, facilitar a recolha da informação. O mais importante é explorar a sua experiência enquanto pai de uma forma global e profunda, refletindo, contudo, sobre as especificidades de determinados eventos e situações que considere constituírem-se relevantes ao longo do seu percurso de vida. Ao longo da narração podem emergir determinadas emoções e sentimentos, bem como eventuais justificações e/ou conclusões, sendo que seria importante que fossem mencionadas na narração, desde e sempre que tenha disponibilidade para o fazer, o que poderá variar ao longo da narração. As intervenções serão realizadas quando se considerar pertinente para melhorar a qualidade e exaustividade da informação recolhida, podendo ocorrer ao longo da narrativa ou após o seu término. Quando se sentir preparado, poderemos então dar início à entrevista.

Anexo C

Tabela de temáticas 1: P1 a P4

Temáticas	P1	P2	P3	P4
A vivência da conjugalidade: <i>a qualidade da relação conjugal como elemento facilitador</i>	<ul style="list-style-type: none"> Quanto ao resto, disponibilidade a 200%, 300%, uma coisa espetacular e conseguiram absorver o impacto dessa presença da mãe. Comigo sempre houve um bom relacionamento e continua a haver. Desde que casamos à 30 e tal anos, nunca estivemos mais do que 8 dias separados um do outro. Problemas toda a gente os tem, mas sempre tivemos capacidade para os 	<ul style="list-style-type: none"> Há coisas com as quais não concordo, mas vou tentando moderá-las ou modelá-las de modo a que não haja um desrespeito da autoridade do pai ou da mãe, muito menos à frente dos miúdos. Porque o pior é pensarem que o pai e a mãe desrespeitam a autoridade um do outro, porque se isso acontecer, eles podem tender a optar por ir por um dos lados, e conseguem controlar a 	<ul style="list-style-type: none"> Sem dúvida. Nós sempre tivemos muito em sintonia na forma de pensarmos e reagirmos em relação à educação dos nossos filhos. Embora haja situações de divergências, diferenças de opiniões, no geral mantivemos uma relação positiva. Isso faz com que o meu desempenho enquanto pai seja mais correto. Havendo sintonia e equilíbrio na relação com 	<ul style="list-style-type: none"> É uma pergunta difícil de responder. Quer dizer, nós tentamos, cada um com o seu feitio, ser o mais corretos possível perante as situações. No entanto, se há algum valor que ela me transmitiu para ser pai ou eu a ela para ser mãe...penso que não. Não me lembro de algo que possa ter influenciado o meu comportamento de ser pai.

	<p>ultrapassar de uma forma mais ou menos difícil, através do diálogo, sobretudo numa altura em que a moda era casar e descasar a seguir. Penso que as relações eram difíceis de manter pelo facto de as pessoas serem criadas com muita fartura, muita abundância e ao primeiro problema, à primeira dificuldade, atiravam a toalha ao chão, porque não estavam habituados a passar dificuldades, e então desistem facilmente. Nesse aspeto, quer eu, quer ela, passámos dificuldades, trabalhámos no duro e foi</p>	<p>situação, porque se alguém consegue dar a volta às questões, são eles. Nós optamos por falar em privado e manifestar se concordamos com a forma como ambos nos expressámos, para determinar se deveríamos ser mais moderados e se fomos ou não corretos. Fazê-lo à frente dos miúdos poderia debilitar a nossa autoridade e prejudicar a forma como interagimos em família.</p>	<p>ela, ser pai torna-se mais fácil. Nunca houve muitas divergências e quando houve nós considerámos normal, até porque segundo um ditado antigo “casa que não é ralhada, não é bem governada”. Considero que na nossa relação, os momentos bons foram substancialmente superiores aos maus.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exatamente. Quando houve problemas entre nós e os filhos, sempre reagimos em sintonia, procurando sempre encontrar a melhor solução para esses problemas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tentamos que um não diga uma coisa e outro diga outra, para conseguirmos manter a estabilidade familiar, senão depois não nos entendemos. • Isto é um projeto a 2, um tem um determinado feitio e educa num sentido, outro tem outro feitio e educa noutro sentido, mas sempre com um objetivo comum. Por isso é que no caso das famílias monoparentais normalmente as situações são mais complicadas, porque tem que se fazer o papel de pai e mãe simultaneamente, e não é
--	---	--	--	---

	<p>precisamente essa capacidade de resiliência que procurámos passar aos miúdos, no sentido de eles perceberem que a vida também não é fácil. Tudo depende de nós, da ginástica mental, da engenharia mental para conseguir resolver os problemas, para transformar às vezes situações drásticas em problemas menores e assim resolvê-las. Se não resolvê-las, pelo menos ladeá-las e ultrapassá-las. Houve sempre uma preocupação em blindar os miúdos para estarem preparados para a vida.</p>			<p>fácil. Por isso é que eu digo que os filhos são projetos a 2, tem que ser um projeto encaminhado por dois, e estas questões que são mais problemáticas, ocorrem sobretudo quando os pais não transmitem valores aos filhos, ou porque não estão presentes, ou porque descuraram essas responsabilidades</p>
--	--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none">• Sim, sem dúvida nenhuma que a nossa proximidade facilitou o desempenho do papel de pai. Até porque houve uma questão, embora nem sempre concordando um com o outro, sempre que um tomava uma posição relativamente a um dos nossos filhos, o outro não vinha discordar dessa posição. Ou seja, se estava determinado, não se ia mudar, mantinha-se sempre essa posição, por forma a que eles nunca procurassem fazer um joguinho de um para o outro, de bate-bola, isso nunca fizemos. Quando a decisão quer de um, quer			
--	--	--	--	--

	de outro, estava tomada, era mantida pelo outro.			
A vivência da conjugalidade: <i>os filhos como fator unificador</i>				<ul style="list-style-type: none"> De certa forma ter filhos dá-nos uma maior aproximação. Eu não gosto de chamar projeto, mas digamos que ter filhos é uma responsabilidade mútua, não é só do pai, nem é só da mãe, têm que ser os dois a agir em função de um objetivo comum.
A vivência da conjugalidade: <i>Diferença e complementaridade de papéis</i>	<ul style="list-style-type: none"> A verdade é que eu tive muita sorte com a esposa que arranjei. Não foi a 100%, acho que foi a 200% de disponibilidade para com os miúdos, nomeadamente em momentos da vida em 	<ul style="list-style-type: none"> A minha esposa tem um papel muito importante. Primeiro porque faz a ponte entre mim e os meus filhos. Digamos que eu faço a parte do mau, daquele que nega, que diz 		

	<p>que vivi fazes laborais mais intensas, que me obrigaram a estar longe de casa, aí foi ela que teve um trabalho espetacular, muita dedicação, estive sempre presente, em que os miúdos foram a prioridade das prioridades. Agora, havia aqui também uma pequena diferença. As mães, pelo menos comigo acontece, costumam ser mais moles e a verdade é que em determinados momentos há uma maior tendência para haver desvios comportamentais. E isso é quase como uma bolinha de neve, uma pessoa brinca</p>	<p>que são horas de ir para a cama, são horas de acordar, são horas de fazer a cama, arrumar o quarto e castiga, proibindo-os de sair ou usar o telemóvel se achar adequado. A mãe é aquela que consente, que faz o outro lado, embora esse seja um papel que eu gosto que ela faça. Eu prefiro resguardar-me e que eles olhem para mim e pensem “atenção, olha que o pai disse”. Prefiro que seja ela a colmatar aqueles exageros que o pai tomaria, e em vez de telemóvel estar sem ser utilizado durante uma</p>		
--	--	---	--	--

	<p>com ela, mas quando aquilo vai encosta abaixo pode assumir proporções enormes e já ninguém a consegue parar. Nessas alturas procurámos estar sempre atentos, mais eu, nos momentos difíceis em que foi de facto preciso por travão, e houve alturas em que foi, de facto, preciso pôr travão e tomar medidas drásticas, que não agradaram nada aos miúdos, e digamos que a esposa era mais frágil e não tomava essas medidas com um grau de severidade que a situação exigia, aí tinha de ser eu, de facto, a tomar essas medidas</p>	<p>semana, está por exemplo apenas 2 dias, é o mesmo que dizer que uma regra não é tão rigorosa. Isto é algo que também me agrada, porque muitas vezes permite chegar ao meio termo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ela acaba por ajudar, inclusive nessa questão de voltar atrás, porque eu não gosto de o fazer. Por mais que considerasse que devia fazê-lo, em vez de ser eu a dar o braço a torcer, é a mãe, sem eu ter que me rebaixar ou mudar a minha autoridade. Para eles pensarem que se o pai diz, é porque é assim, para que 		
--	--	--	--	--

	<p>e a meter esse travão. Felizmente foram poucas, mas era necessário fazê-lo, porque por vezes um “não” na hora certa, pode estar a prevenir muitas situações complicadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando houve necessidade de tomar essas medidas, tinha de ser a figura do pai que tinha de as tomar, porque a mãe era mais branda e tinha o coração mais mole, então eu tinha que tomar medidas que lesassem um bocadinho os miúdos. 	<p>nem sequer tentem ensaiar outras situações. Isto também é um contributo da relação conjugal para o desempenho da parentalidade.</p> <p>Logicamente que em determinados aspetos, a mãe interage com eles de forma diferente, está mais perto, mas isso é sobretudo na lide da casa, na alimentação, na questão da roupa. O pai acaba por ser mais aquele que tenta vigiar mais os estudos, a relação deles com a escola, os amigos, e a mãe é mais aquela que vê se os sapatos estão rotos, se as meias</p>		
--	--	---	--	--

		estão rotas, que vai gerindo essas coisas, vai avisando e que vai gerindo, às vezes até com eles, sendo essas questões em que eu nem sequer preciso de entrar. Eu mais atento, mas sempre com vontade de conversar com eles e de sair		
Os pais como modelos de referência: <i>padrões seguidos e reajustados</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, evidentemente que sim, nomeadamente a figura do meu pai. O meu pai era uma pessoa muito austera, rígida, mas com sentimento de justiça muito elevado, o que era justo, o que era correto, e por vezes levava isso até as últimas consequências, 	<ul style="list-style-type: none"> • Aquilo que por vezes os pais pensam que é mais importante, é mais importante para eles do que para as crianças. Eu nesse momento em que comprei a mota, possivelmente estava a pensar mais em mim e na alegria que me dava, 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobretudo por ver os erros que o meu pai cometeu comigo. Não culpo o meu pai por absolutamente nada, até porque o meu pai foi um pai exemplar, um homem exemplar, que nunca me deu maus exemplos em nada. Nunca sequer ouvi o meu pai e a 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, essencialmente em função dos valores com que fui criado. • Se nós tivermos determinados valores, uma certa forma de estar e de viver, nós também vamos querer isso para os nossos filhos. Se nós estávamos bem, nós colocamos

	<p>possivelmente às vezes até era exagerado. Mas a verdade é que esses sentimentos foram passados para mim, para o meu irmão e para os próprios netos que com ele privaram mais. Ainda há pouco tempo, a minha sobrinha me disse que a figura que mais a influenciou, em que mais se revia, era a do avô, exatamente por esses valores e princípios que sempre nos inculcaram. A verdade, o rigor. Por vezes a verdade pode ser ingrata, trazer malefícios, mas a verdade nunca deixa de ser verdade e devíamos assumir</p>	<p>enquanto filho da idade dela, na alegria que eu teria se o meu pai tivesse tido a possibilidade de me dar isso. Porque às vezes a gente faz essas comparações, que é “eu tinha 16 anos e o meu pai não me deu uma mota”, e com certeza eu quis projetar isso quando tive um filho. Eu quero oferecer-lhe uma mota porque eu vivi com a imagem de ter o gosto de ter uma mota, que foi algo que eu não tive.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Talvez também muito ou grande parte da minha vida ou da minha experiência 	<p>minha mãe a discutirem, estão sempre em sintonia. Mas penso que em certos momentos houve falhas, que as coisas poderiam ter sido geridas de outra forma. Na relação com os meus filhos eu vou tentar corrigir os erros que o meu pai teve comigo e tentar cometer os menos erros possíveis, embora sabendo que é impossível agradar completamente a quem quer que seja.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sem dúvida que eu aproveitei muitos exemplos que o meu pai me deu, talvez em função disso até pudesse ter dado 	<p>sempre a fasquia mais alta para os nossos filhos. Isso obriga-nos a esforçar-nos para mantermos aquele padrão a que estávamos habituados e que queremos proporcionar aos nossos filhos. Isso modifica muito a nossa forma de estar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em relação ao meu pai lembro-me de uma situação em particular. O meu pai vinha trabalhar aqui para o terreno à volta da minha casa, e lembro-me de o acompanhar. Como forma de reconhecimento, e sabendo que eu tinha uma banda, o meu pai ofereceu-
--	---	--	---	---

	<p>todas as responsabilidades, boas ou más, que as verdades pudessem ter trazido, e foram esses sentimentos que me marcaram, marcaram e muito, e que procurei trazer aos filhos. Fazê-los ver que uma pessoa estando dentro da verdade, poderá ter consequências graves, mas é muito importante em termos de equilíbrio mental, postura de vida, no relacionamento com os outros, ou seja, encarar a vida e as pessoas olhos nos olhos, para que não nos venham atirar à cara situações menos justas e corretas da nossa parte. A</p>	<p>tem a ver com a relação de proximidade que sempre tive com o meu pai. Ou seja, entre pai e mãe sempre fui uma pessoa que teve mais proximidade ao pai, porque habituei-me e cresci normalmente a conviver com gente mais velha do que eu, uma vez que a partir dos meus 16 anos saía muitas vezes com o meu pai e com os amigos para lanchar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Das pessoas de família, logicamente que são os pais, pai e mãe, que são os principais influenciadores, embora o meu pai tenha sido a pessoa que me 	<p>melhores exemplos do que aqueles que dei. Mas dentro do possível, sinto que fiz o melhor que pude e ao longo do tempo, com a idade, vai-se tentando sempre perceber qual a melhor maneira, quais os melhores exemplos, também para a vida ser vista como uma realidade muito real. Eu por exemplo, nunca vi o meu pai com os copos, enquanto os meus filhos já me viram a mim, não muitas vezes, mas algumas. Tal como também nunca vi o meu pai a fumar.</p>	<p>me um órgão para eu poder tocar, nunca me esqueço. Essa é uma das situações de que melhor me recordo e que foi importante, evidencia alguns dos valores que quero e procuro transmitir aos meus filhos.</p>
--	---	---	--	--

	<p>verdade e a justiça sempre acima de tudo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na altura o meu pai acertava um negócio, dava a palavra e isso valia mais do que cinquenta documentos escritos hoje. Esse rigor, palavra, hombridade e seriedade, acho que são extremamente importantes e foi isso que me acompanhou até hoje e procurei passar para os meus filhos, e acho que eles também o absorveram e também partilham essa forma de ser e de estar na vida. 	<p>deixou mais sinais. Eu sou o conjunto do que era o meu pai e a minha mãe, da forma como me educaram, da forma como eu cresci, embora o que eu estou a dizer se baseie mais nas minhas recordações de jovem. Possivelmente, naquela fase entre os 10 e os 12 anos estava mais perto da minha mãe, que era quem me ajudava mais nos trabalhos de casa, era a minha mãe que mandava pôr ou tirar a mesa, que me vestia, mandava arrumar o quarto, que me obrigava a fazer a cama, que me dava o lanche, que me arrumava</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não tive um pai que me chamou ou teve uma conversa comigo, eu tive de ser o meu gestor. Os bons exemplos que ele me passou foram sobretudo em relação ao ser trabalhador, responsável, ter educação, ser honesto, ocupar um lugar na sociedade sempre da forma mais correta, embora essas formas também nasçam muito connosco. Não é só ter os exemplos, isso é também uma coisa que nasce ou não connosco. Por exemplo, o meu filho tem muito a ver comigo e eu 	
--	--	---	--	--

		<p>a roupa. Depois surgiu outra fase, entre os 14 e os 16 anos, em que eu já era mais crescido ou pelo menos me sentia mais crescido, e comecei a passar mais tempo com o meu pai. Ou estava com os amigos ou na escola, ou tinha essas oportunidades de estar com o meu pai, algo que aconteceu mesmo até ser adulto, inclusive já mesmo depois de casado. Havia sempre um dia por semana, normalmente à sexta-feira, em que eu ia lanchar com o meu pai e com os amigos, eu tinha esse circuito de todas as</p>	<p>vejo que se calhar naquela fase dos 16, 17 anos, também não tive aquela conversa com ele que se calhar devia ter, e ele acabou por ter um caminho que eu considero correto. Não foi necessária essa situação, foi só necessário gerir minimamente porque a definição de como devia ser estava nele.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O meu pai por exemplo tem 87 anos e quase nunca aqui veio ver se eu estou bem, se não estou. É uma coisa que eu sinto, mas não levo a mal. Nunca aqui veio para perguntar ao 	
--	--	---	---	--

		<p>sextas-feiras ir lanchar com eles.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Talvez a forma de estar na vida, a forma de ser dele, o percurso de vida dele, em termos profissionais, em termos de pai, por ser uma pessoa que além de ser reconhecida por mim, era também reconhecida pelas outras pessoas como sendo uma pessoa correta, séria e honesta. Ele comungava de determinados valores que eu absorvi e os tenho também como meus. Não estou a dizer que a minha mãe não era assim, mas a partir de uma certa idade, uma pessoa fica mais com 	<p>filho como é que está a correr a vida. É uma pessoa que anda na vida dele, mas eu não deixo de lhe ter o mesmo amor, tenho que ter o mesmo amor, acho que é assim que deve ser. Mas se um dia o meu filho tiver uma indústria ou uma atividade dele, mesmo sem ele me chamar, eu arranjo maneira de lá entrar e de ver se está tudo bem ou não está, sempre de uma forma educada. Entro só para ao menos saber que posso estar tranquilo. Enquanto que o meu pai se preocupa com a vida dele,</p>	
--	--	--	--	--

		<p>a imagem de um deles, daquele com quem lidamos mais, de quem somos mais próximos ou de quem temos um feitiço mais parecido, semelhantes formas de estar. Éramos uma casa de três rapazes, três irmãos, em que eu era mais velho, embora com pouca diferença para o meu irmão do meio, que embora mantivesse uma ligação próxima com o meu pai, é mais mãe, ele tem uma relação muito mais próxima com a minha mãe. Não diria ser necessariamente</p>	<p>de ir ver o jornal, de ir às compras, tudo o resto já não é nada com ele, mas é assim mesmo.</p>	
--	--	---	---	--

		<p>dependente dela, porque uma pessoa não depende de ninguém, mas mantinha com ela uma relação mesmo muito próxima, sobretudo numa fase inicial, uma vez que quando nasceu tinha problemas que implicavam mais cuidados de saúde e a minha mãe dava-lhe mais atenção. Talvez por ter que dar mais atenção ao meu irmão, dava-me menos atenção a mim, o que ao longo da vida se acentuou e que foi ficando no meu subconsciente. Para a minha mãe ele era “o</p>		
--	--	---	--	--

		<p>menino” porque tinha problemas de saúde, e ainda hoje é, e é natural que essas preocupações de mãe fossem mais direcionadas para quem tem necessidades do que para o outro que vivia e corria. Na verdade, eu era aquele miúdo que saía para a rua e todos os vizinhos me conheciam. Se fosse preciso eu estava em casa de qualquer um deles com o mesmo à vontade que estava na minha e quase que tinham que me ir lá buscar. Eu era uma criança que tinha alguma facilidade em criar</p>		
--	--	---	--	--

		<p>empatia com as pessoas à minha volta, e logicamente assim a minha mãe também tinha mais tempo para o meu irmão, e numa fase posterior, também para o meu irmão mais novo</p> <ul style="list-style-type: none">• A minha avó é outra pessoa que eu era incapaz de tratar por “tu”, sendo ela também uma pessoa que foi muito importante na minha vida. A mãe do meu pai, já que a mãe da minha mãe mantinha mais distanciamento, talvez por ser mais egoísta, mais solitária, embora isso, eventualmente, tenha tido		
--	--	---	--	--

		<p>a ver com a vida das pessoas. No caso da minha avó materna, o facto de ter ficado muito cedo sozinha contribuiu para que o conceito de família ficasse pouco arraigado, até porque só teve uma filha, a minha mãe. Ou seja, o conceito de família da família da minha mãe sempre foi um pouco estranho, enquanto que da parte do meu pai, a família era muito grande, tinha um conceito de família caracterizado por mais proximidade, em que todos tinham responsabilidades. Eu sou</p>		
--	--	---	--	--

		<p>do tempo em que escolher o padrinho estava relacionado com o desempenhar de funções de pai, era essa pessoa que assumia a responsabilidade por nós, é como um segundo pai. Hoje esse conceito perdeu-se. Padrinho era uma pessoa que tinha responsabilidades ao nível da educação, crescimento e bem-estar do afilhado, na falta ou na falha do dos pais da pessoa que apadrinha. Esses conceitos vêm do meu pai e da família do meu pai, logicamente também daí a</p>		
--	--	---	--	--

		<p>minha ligação mais próxima a esse lado. Também gosto da minha mãe, mas os meus exemplos em termos familiares vêm mais da família do meu pai. Em termos de pais, de amizade e de amor, isso é recíproco, tanto da parte do meu pai como da parte da minha mãe, tirando estas particularidades que contribuíram para que ao longo da vida eu fosse criando uma maior empatia e uma maior ligação emocional com o meu pai do que com a minha mãe, embora</p>		
--	--	--	--	--

		<p>gostando dos dois da mesma forma. Esses valores e circunstâncias são aquilo que eu pretendo transmitir aos meus filhos.</p> <ul style="list-style-type: none">• A forma de educar os meus filhos tem muito a ver com a forma como eu cresci e como fui educado, os valores que me foram comunicados.• Mas claro que enquanto puder ajudar os meus filhos ajudo, até porque isso sempre fez parte da forma de ser do meu pai, da forma como ele atuou. Lembro-me que havia muitas pessoas que trocavam muitas vezes de		
--	--	---	--	--

		<p>carro e gastavam muito dinheiro, e eu mais tarde, cheguei à conclusão de que o meu pai o podia ter feito, mas não o fez porque tinha outros valores e princípios. Por exemplo, preferia comprar uma casa a um filho, comprar-lhe um carro quando casou, ajudá-lo economicamente. Enquanto alguns pais preferiam trocar de carro todos os anos ou ter outros gastos. Embora o meu pai não se coibisse de ter uma vida normal, privilegiava ajudar os filhos, daí que eu também tente ajudar os meus filhos</p>		
--	--	--	--	--

		<ul style="list-style-type: none">• até porque na minha família há um peso, uma relação próxima com a igreja católica. A minha avó era muito católica, na minha família eram todos muito católicos, enquanto eu detestava ir à missa.• Portanto, aquilo a que eu na altura não dava importância, a igreja e a religião, os valores morais, hoje considero que acabo por ser eu a passá-los. Porque quero que os meus filhos cresçam com esses valores, que eu considero que são válidos, como o amor, a relação com o		
--	--	--	--	--

		<p>próximo, do respeito e do trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none">• Em termos familiares, lá estou eu a lembrar-me, já o meu pai tinha os 3 filhos casados e nós íamos de férias todos juntos, e eu ainda hoje promovo isso, porque eu acho que a família é uma das coisas mais importantes, e eu acho que é engraçado mais tarde os primos terem histórias, recordações para contar. Enquanto o meu pai estava, fizemos isso e depois que o meu pai faleceu, fui eu que mantive sempre a ideia de que todos os domingos		
--	--	---	--	--

		<p>fôssemos almoçar a casa da minha mãe, porque era importante que pelo menos uma vez por semana, ou no máximo de 15 em 15 dias, em função das restrições associadas ao local de residência e para irmos alternando entre a casa da nossa mãe e a casa dos pais das esposas. Então encontrávamo-nos, os filhos e os primos, para que essa convivência se mantenha, para que os primos se conheçam e cresçam juntos, porque são eles que cá ficam quando a gente se vai embora.</p>		
--	--	--	--	--

		<p>Eventualmente, que mantenham essa ideia de família e esse conceito, que se ajudem, que pelo menos sejam amigos, até porque são família próxima, são filhos de irmãos. Isso é mais um tipo de relação que eu prezo e que mais uma vez advém do lado do meu pai, mais do que da minha mãe pelas razões que já mencionei. A família da mãe era mais pequena e com outra modéstia. Era mais difícil fomentar essa ideia e no fundo a ligação do pai com os filhos, a educação, os princípios e</p>		
--	--	---	--	--

		os valores acabam por estar associados a esta ideia.		
Os pais como modelos de referência: <i>a compreensão da experiência enquanto filho</i>		<ul style="list-style-type: none"> • A nossa aprendizagem ao longo da vida vai-nos permitindo separar o trigo do joio, saber o que vale a pena e é importante daquilo que é mais acessório, que em certas idades damos muito valor, mas depois chegamos à conclusão que aquilo que a gente valorizou demasiado, não era assim tão importante. Mas isso só se aprende, penso eu, com os anos. É a mesma coisa que a gente dizer a um jovem “não faças isto 	<ul style="list-style-type: none"> • quando fui pai eu já tinha definido para mim o que é que o meu pai e a minha mãe são, eram e iam ser 	<ul style="list-style-type: none"> • Claro que havia coisas que eu fazia mal e ele corrigia-me e à boa maneira, que só quando se é pai é que se compreende. Algumas atitudes que ele tomava que eu achava que na altura não eram corretas, só agora lhes dou valor. Isto é um processo, o que eu na altura achava que era retrógrado e que não podia ou não devia ser, agora reconheço que poderia estar certo e dou-lhe razão. Às vezes os meus pais diziam-me que eu tinha

		<p>ou isto”, mais tarde é que uma pessoa vem a refletir e a perceber que aquilo que nos disseram e que na altura não compreendia, fazia sentido. Uma pessoa começa a perceber porque é que algo é dito ou feito, e a aprender a valorizar mais certas conversas ou certas considerações que eram feitas, certos conselhos. Isso é o que nos acontece muito na vida, é vivermos sempre atrás. Percebemos que coisas das quais andávamos a fugir e considerávamos que não queríamos para nós, são na realidade aquilo que</p>		<p>que estar em casa até às x horas, e eu respondia que isso era impossível porque eu queria andar na rua com os meus amigos até às tantas. Mas agora como pai, sinto que quando os meus filhos saem, eu não estou descansado enquanto eles não chegam. Isso contribui para que eu agora dê valor a isso que aconteceu na altura, agora percebo que não era por eu sair, era a preocupação, que enquanto eu não chegasse ele não descansava. Eu aprendi que é tudo um processo, o que se pensa enquanto pai</p>
--	--	---	--	---

		<p>queremos para nós, que afinal começam a ser tomadas como nossas, quase como se fossem do nosso ADN.</p>		<p>não é o que se pensa enquanto filho. Antes eu achava que em determinadas situações ele estava errado, mas agora dou-lhe toda a razão. E se calhar para a altura, eu até tinha muita liberdade, relativamente aos tempos que eram. Só a partir do momento em que somos pais é que conseguimos avaliar a forma como os nossos pais nos educaram. Em determinadas situações eu se calhar era demasiado impulsivo, enquanto possivelmente os meus pais estavam a ver cenários que eu nem</p>
--	--	--	--	---

				<p>sequer tinha considerado, consequências que imaginavam e não partilhavam connosco.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser pai ensina-nos, de certa forma, como é que fomos filhos, e de certa forma a compreenderemos o que não compreendíamos na altura.
<p>Os pais como modelos de referência: <i>diferenças intergeracionais geradas por mudanças sociais</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • no meu tempo, a preocupação dos pais era dar uma formação aos filhos e normalmente o pessoal das aldeias começava a sair de casa logo aos 10 anos. Saíam para o antigo ciclo do liceu, que é agora o quinto ano, ou seja, começavam logo a 		<ul style="list-style-type: none"> • É assim, eu estou numa geração muito diferente comparativamente aos meus pais. O meu pai tem 87 anos, a minha mãe tem 81, e eu aceito a maneira como eles são, perfeitamente. Mas acho que a minha geração tem 	<ul style="list-style-type: none"> • Quer dizer, todas as épocas os valores vão evoluindo e vão-se modificando. Se calhar na época em que eu fui criado havia determinados valores e na altura em que estou a criar os meus filhos há outros valores. Os próprios

	<p>fazer despesa aos pais. Não havia o desafogo económico que há hoje e as pessoas, as famílias, os pais, conseguiram dar formação aos filhos à custa de um grande sacrifício. Na altura a grande preocupação era arranjar condições financeiras para proporcionar educação aos filhos. Hoje em dia estamos numa situação que penso que é radicalmente diferente. Felizmente há um maior desafogo económico, até porque houve muito ensino que veio ter com as pessoas.</p>		<p>uma maneira diferente de reagir com os filhos. Acho que o meu pai foi para mim um pouco como o meu avô foi para ele, enquanto acho que eu já estou a ser um pai totalmente diferente daquilo que o meu pai era comigo, que sou diferente para os meus filhos relativamente àquilo que o meu pai foi para mim.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sobretudo no sentido de dar um acompanhamento à vida deles de outra forma. Não é preciso a gente estar sempre sobre eles, mas acompanhar, mesmo sem eles se aperceberem. 	<p>padrões e valores vão-se adaptando em função de mudanças na sociedade. Quer dizer, antigamente vivíamos numa sociedade mais fechada, nem sempre se podia fazer aquilo que se queria, porque parecia mal. Agora há uma maior liberdade, mas uma maior liberdade também exige uma maior responsabilidade. Não se pode andar aqui e ser uma anarquia, tem que se ter uma certa responsabilidade. Uma das diferenças relativamente ao antigamente, é que quando eu era criança, se</p>
--	---	--	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Hoje em dia qualquer cidade do interior tem ensino superior, o que em termos de formação, de poder proporcionar, é mais vantajoso, muito mais fácil por parte dos progenitores. Mas há um problema, é que no meu tempo, a dificuldade era os filhos terem possibilidades, mas quando os filhos acabavam os cursos, acabavam os problemas dos pais. 		<p>Apenas saber como as coisas deles andam, até porque a gente também estar sempre sobre os filhos não é o mais correto. Eu acho que os tenho acompanhado de uma forma que considero correta. Por exemplo, o meu filho mais velho está a trabalhar numa fábrica e todos os dias quando ele chega, se não for logo, depois do jantar ou quando o apanho numa hora em que ele esteja mais descontraído, aproveito para lhe perguntar como é que correu o dia no trabalho. Às vezes ele</p>	<p>calhar havia uma forma de estar com os pais que implicava um maior distanciamento. Não maior distância propriamente dita, mas só o facto de os filhos tratarem os pais por “tu”, dá uma maior aproximação do que estar a tratar os pais por “você”, isso dá um certo distanciamento. Antigamente a relação pai-filho caracterizava-se mais pelo medo, o respeito era demonstrado de uma forma diferente, mais intensa. Hoje em dia a relação pai-filho é mais</p>
--	--	--	--	--

			<p>chega e eu consigo perceber logo se o dia correu bem ou não, através da maneira como ele se apresenta. Ainda no outro dia ele passou aqui à porta de casa de carro, depois do trabalho, e apenas me levantou a mão, nem sequer parou para conversar. Eu percebi logo que alguma coisa não tinha corrido bem, comentei logo com a minha mulher que devia ter acontecido alguma coisa com ele, como de facto aconteceu. É normal que nesta fase da vida dele cometa erros, haja falhas, ele está a fazer</p>	<p>uma relação de amigos, é um bocadinho diferente. A sociedade tenta ser mais próxima. Não é mais unida, mas mais próxima, sem se estar muito subjugado àquela figura de topo. Agora conseguimos colocar-nos lado a lado. Antes os pais estavam num patamar mais acima e os filhos num patamar mais abaixo, agora não, tenta-se estar no mesmo patamar e crescer com a mesma responsabilidade que havia antigamente. Se calhar há uma maior aproximação dos pais atualmente do que havia</p>
--	--	--	---	---

			<p>o estágio profissional e embora muitas vezes não saiba o que se passou ao certo, sabendo o que ele faz lá na fábrica, imagino alguns problemas que podem surgir. Ele está a mexer numa máquina que é capaz de custar meio milhão de euros, uma máquina de injeção para fazer componentes da caixa de velocidades dos Mercedes, Audi e carros de outras marcas. É preciso saber mexer naquilo, basta haver uma falha mesmo resultante da curiosidade de tentar experimentar, para</p>	<p>antigamente, apesar de eu nunca me ter sentido subjugado pelos meus pais. Havia aquelas pessoas que viam os pais e fugiam logo, eu felizmente nunca tive esse problema. Mesmo sabendo perfeitamente que estava numa situação de hierarquia. Agora a relação pai-filho é mais próxima, embora o deva ser até uns determinados limites, porque se não conseguimos controlar isso, daqui a amanhã podemos chegar a uma situação em que os filhos não têm respeito pelos</p>
--	--	--	---	---

			<p>perceber se sai bem ou mal, e fazer uma asneira que pode ser custar 2000€ ou 3000 € à fábrica. Aí a pessoa pensa “já errei”, foi isso que aconteceu no outro dia e eu percebi.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Somos gerações diferentes. Mas embora essas questões, considero que as diferenças se verificam sobretudo na questão do acompanhamento, do falar com os filhos. Isso fui eu que introduzi, faz parte da minha forma de ser. 	<p>pais. Deve haver uma relação de maior igualdade, mas os filhos devem ter sempre a noção da responsabilidade e de uma certa hierarquia, de um pai que têm que respeitar. Não por imposição, mas sim por gosto e por sentido de estar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu com o meu pai tive sempre uma relação muito próxima, falámos sempre, interagíamos muito, porque ele esteve sempre muito presente. Ele era um pai da época que era. Se calhar o modelo de pai dele nessa época é o meu
--	--	--	--	--

				<p>modelo de pai desta época. Quer dizer, as coisas mudam, se ele fosse pai nesta época se calhar teria o mesmo comportamento que eu tenho. Eu nunca me senti muito pressionado pelo meu pai, sempre tive uma relação aberta com ele.</p>
<p>A identificação com o estatuto: <i>a validade das experiências alheias</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que eu acho é que uma pessoa inteligente, até ao fim da vida está sempre a aprender. Ao longo da vida, vi diversas situações, pais que tinham uma relação extremamente positiva com os filhos, aqueles pais que podem ser chamados de modelos, a quem a vida 	<ul style="list-style-type: none"> • Eu, amigos e colegas tive sempre, mas no meu desempenho enquanto pai, não me trouxeram nada de novo. Não há ninguém para quem possa olhar e que possa dizer que tenha sido um exemplo para mim, tirando alguns dos tais amigos do meu pai, 	<ul style="list-style-type: none"> • Penso que não, não houve nenhum amigo que eu achasse que foi assim tão bom pai para eu pensar que devia ser como ele. Tenho alguns a quem também correu bem a vida, mas não tenho nenhum que me inspire. Cada um geriu da sua forma, da sua maneira, 	<ul style="list-style-type: none"> • Penso que não. Normalmente eu também não gosto muito de meter no tipo de educação que os meus amigos dão aos filhos. Mas vamos pensar desta forma, nós escolhemos os amigos em função da forma de ser e de estar deles, nós somos

	<p>correu bem, e neste momento os filhos estão casados e até já têm netos. Mas infelizmente isto varia entre o oito e o oitenta. Eu também conheci pais com filhos que foram autênticos dramas. Filhos completamente perdidos, situações que alguns me narraram, que foram tragédias autênticas. Não faziam nada dos filhos, passaram dias sem ver os filhos e filhas, chegavam a persegui-las à noite, e viam-nas entrar em prédios com rapazes, e estarem lá 2h, 3h ou 4h sem saber o que estavam a fazer. Drogas,</p>	<p>com quem eu convivi e que eu apreciava mais na sua forma de ser, na sua forma de estar ou no trato que tinham com os filhos, as esposas e as famílias. No geral, com os amigos as interações caracterizam-se mais pelo convívio e para debater temas de interesse comum, a nossa forma de pensar. Há discussões políticas, sociais, religiosas, económicas e a parte social da vida, logicamente. Dentro dos amigos e das pessoas, percebemos que há pessoas que em função de</p>	<p>mais certa na perspetiva deles</p>	<p>amigos deles porque se calhar partilhamos um pouco a forma deles pensarem e agirem. E se eles mantêm uma certa forma de ser e estar semelhante à minha, os laços de amizade são mais próximos. Agora, há pessoas que têm comportamentos completamente diferentes dos meus e formas de estar diferentes das minhas. Sou conhecido deles e não os considero amigos. Há muitos conhecidos, mas amigos há meia dúzia. Quer dizer, amigos são aqueles que também se</p>
--	--	--	---------------------------------------	---

	<p>prostituição, com 15, 16, 17, 18 anos, e tudo isso foi uma fonte de ensinamento. Uma pessoa, com base nas experiências vividas e conhecidas tem que tirar ensinamentos, os bons e os maus. Os bons para os seguir e os maus procurar evitá-los, e eu procurei fazer isso. De certo modo todas essas vivências ajudaram-me a procurar e a encontrar, a tentar encontrar, um ponto de equilíbrio na educação dos filhos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Um pai chegou-me a dizer que se calhar preferia ver o filho ou filha morto, do que a levar a vida que estava a 	<p>características como o QI, nós estamos mais predispostos e gostamos mais de ouvir e de interpretar, mas isso é o dia a dia, é pontual. A vida é mesmo assim, há pessoas que a gente valoriza mais por determinadas razões, e quando elas falam nós damos mais atenção ao que dizem, e outras a que não damos tanta importância e atenção porque consideramos que não nos trazem nada de novo, não acrescentam nada à nossa forma de ser ou de estar.</p>		<p>aproximam mais da minha forma de ser, de estar. Cada amigo pensa à sua maneira, mas estão muito próximos uns dos outros. Penso que os amigos não influenciaram muito a minha maneira de ser pai, porque quer dizer, os valores que eles têm são os valores que eu tenho. Se há um ou outro valor diferente, eu não sei, porque também não me meto muito na forma como eles educam os filhos.</p>
--	--	---	--	---

	<p>levar. Isso reflete, de facto, o poço sem fundo que algumas situações são. E a partir daí uma pessoa tem que ir tirando ilações e blindado os miúdos de forma a que essas situações nunca cheguem a acontecer, e nós procurávamos fazer isso.</p>			
<p>A identificação com o estatuto: <i>A seletividade das amizades</i></p>		<ul style="list-style-type: none"> • A partir do próprio momento em que pensamos constituir família, logicamente que mudamos, as decisões deixam de passar apenas por nós, temos de conjugar muitos fatores e nem sempre é fácil. Temos de ter a inteligência e a 	<ul style="list-style-type: none"> • Há amigos que hoje tenho, com quem já me dava quando ainda era solteiro. O amigo que é amigo, que é verdadeiro amigo e que nos acompanhou na nossa mocidade, ainda mantém connosco aquela convivência pura. Hoje, quando estamos com esse 	<ul style="list-style-type: none"> • Penso que não é o facto de ser pai, é mais o facto da vida em si. Ou seja, há uma fase em que nós não temos responsabilidades porque estamos dependentes dos nossos pais, e a partir do momento em que perdemos essa dependência deles e nos

		<p>capacidade para conjugar esses fatores. Por exemplo, eu posso gostar muito de um amigo, mas se a minha mulher e a mulher dele não se entenderem, tenho de pensar como é que eu me posso adaptar para o continuar a ter na minha vida sem que isso seja prejudicial para a minha família. As pessoas trabalham e depois vão para casa, o tempo cada vez escasseia mais. Por isso a nossa ginástica tem de ter como objetivo conseguir que a nossa mulher consiga gostar dos</p>	<p>amigo ou amigos, voltamos a relembrar, a conversar, a estar da mesma forma. Agora, há outros amigos que a gente teve e considerou realmente amigos, mas que ao longo da vida vamos analisando. Nós vamos analisando. Nós vamos modificando e apreciando essas pessoas, e começamos a dar-lhes um valor diferente. Achamos que são amigos, mas é mais aquele tipo de amigos de dizer “bom dia” ou “boa tarde”. Percebemos que alguns deles podem até ter mudado a maneira de ser e</p>	<p>tornamos autónomos, por iniciarmos um emprego, por nos casarmos ou por ter filhos, isso muda drasticamente a nossa maneira de estar, porque temos outras responsabilidades.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A partir do momento em que nós perdemos a liberdade, em que deixamos de andar despreocupados, começamos a ter outras preocupações e de certa forma continuamos a ter amizades e outras relações, mas já não há aquela liberdade que havia antes de casar ou de
--	--	---	--	---

		<p>nossos amigos, inclusive os que já conhecia antes, quando ainda namorávamos, para virem também a relacionar-se com as esposas. É difícil as pessoas encontrarem-se mais vezes para conversar, ir ao café, para uma sardinhada ou no fim de semana para sair. Depois, temos de optar entre o viver mais isolados, com a nossa família, com o núcleo familiar, esposa e filhos, ou ter essa capacidade de conseguir conjugar a família com as amizades. Às vezes há amigos que se afastam,</p>	<p>não são as pessoas ideais para estar a lidar connosco. Agora, o verdadeiro amigo... ter um verdadeiro amigo hoje em dia é muito complicado. Não que não existam, porque toda a gente tem amigos, os amigos fazem parte da vida do ser humano, mas hoje em dia é uma relação muito complicada. Tem que se saber bem com quem se fala, a quem dá a liberdade de conhecer a nossa vida, isso aprende-se ao longo dos anos. A própria vida é que faz com que nos vamos confrontando com essas</p>	<p>começar a trabalhar. Aliás, mais antes de casar e ter filhos. Eu vinha do trabalho e ia para o café, não tinha aquela preocupação de fazer algo ou criar algo. Agora é diferente, apesar de haver alguma proximidade com os amigos, já não é para estar todos os dias com eles, é estar de vez em quando, em festas e outras situações em que seja apropriado e seja possível.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nós ao longo da vida vamos fazendo muitos amigos, uns que ficam, outros que vão passando, outros que vão
--	--	---	--	--

		<p>que eram mais amigos, porque houve incompatibilidades entre formas e feitios. Temos de conseguir selecionar as relações sociais que se estabelecem quando se tem mulher e filhos, sendo que isso tem muito a ver com a nossa parceira, porque ela ajuda-nos e limita-nos nas nossas relações sociais, nos encontros sociais que podemos ter com outros casais com outros filhos. Temos de perceber se temos de viver sem determinadas relações, ou se é possível modelar a</p>	<p>situações e vamos definindo isso. Podemos pensar que aquele amigo serve para aquela situação em concreto, que não há melhor. Mas que para outras situações não serve, por isso temos que adaptar os relacionamentos de acordo com aquilo que a pessoa nos proporcionar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim, especialmente com os amigos, sobretudo na parte inicial. Quando fui pai afastei-me ligeiramente de alguns amigos, embora mais tarde nos voltássemos a relacionar, numa fase em que eles também já tinham 	<p>desaparecendo. Mas há determinados amigos, e até porque sempre morei e casei na mesma terra, que ficam sempre. Eles ao fim ao cabo são da minha idade e têm filhos mais ou menos da mesma idade dos meus. Todos vamos interagindo, eu vou interagindo com os meus amigos, os meus filhos vão interagindo com os filhos deles e isso permite manter este circuito de amizade. Claro que tendo filhos eles interagem uns com os outros e isso cria maior proximidade. O ter amigos</p>
--	--	---	--	---

		<p>conjuntura para não termos de abdicar delas. Podemos trazer a nossa esposa para o nosso lado, tentando mostrar-lhe outras perspectivas, bem como também devemos aceitar as amizades que ela já tinha, manter boas relações de amizade com os amigos de um e outro, porque isso agrada ao casal entre si.</p>	<p>sido pais, porque voltámos novamente a ter uma maior sintonia. Deixámos de estar em sintonia ali durante uma fase e depois voltámos novamente a estar.</p>	<p>antigos ou novos depende de diversas circunstâncias.</p>
--	--	---	---	---

<p>A vivência dos filhos: <i>simbolismo, motivos e interpretações existenciais</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Porque ser pai implica ficar responsável por uma vida nova, um ser humano, com tudo o que isso implica em termos de cuidado, higiene, saúde, educação • Ser pai acho que é coisa mais maravilhosa que pode acontecer a uma pessoa. • Como digo acho que é a melhor coisa que pode acontecer a um ser humano, pelo menos quando as pessoas são responsáveis. Ser pai é uma coisa espetacular. • Agora é evidente que ser pai é bom, é bom, é a melhor coisa que pode acontecer a uma pessoa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Considero que grande parte da minha herança, da minha forma de poder perdurar na vida, é dando aos meus filhos os meus valores, a minha forma de estar e a minha forma de ser. Se isso for reproduzido, eu continuo cá. Não é à minha imagem, isso seria endeusar, colocar Deus à nossa imagem. O que quero dizer é que quero deixar bons cidadãos, boas pessoas, porque isso me deixa feliz, muito mais do que lhes deixar bens materiais. 	<ul style="list-style-type: none"> • O filho é um fruto que surgiu, e que ao longo dos anos começamos a perceber que é algo muito sério. • mas simultaneamente é um assunto muito sério. Quem não tem filhos tem uma vida diferente, é mesmo assim. Conheço pessoas da minha idade que não têm filhos e com quem às vezes convivo, e eu vejo que têm um sentido diferente de ver a vida, têm uma forma de viver que não é tão responsável. Vivem uma vida mais egoísta, mais para eles, enquanto que ao 	<ul style="list-style-type: none"> • Principalmente trouxe mais responsabilidade, mais sentido de estar, isto é, não se trata de estar preso, mas perde-se parte da liberdade, entre aspas. Isto é, não se pode fazer aquilo que se quer e nos apetece, tem de se ter mais sentido de responsabilidade no sentido de acompanhar.
--	--	---	---	---

		<ul style="list-style-type: none"> • O objetivo é passar esse ADN, mais do que apelidos, carros ou motas, o importante é pensarem “se o meu avô era assim, se o meu pai era assim, eu quero ser da mesma forma. Ser boa pessoa, trabalhador, educado. Quero ter determinados comportamentos, enquadramento social e perceber onde é que eu me encaixo e onde é que me sinto bem”. 	<ul style="list-style-type: none"> • ser pai isso não acontece, é completamente diferente. • Claro que sim, claro que sim. Ser pai muda o sentido de vida do ser humano. Eu vivo a minha vida, mas não me posso esquecer da responsabilidade que tenho, eu tenho de estar sempre presente. • É uma sensação ótima, é ter um sentido de vida completamente diferente e sente-se um prazer muito grande porque temos alguém que nos vai representar. Não podemos esquecer as nossas responsabilidades, que nos 	
--	--	--	---	--

			<p>vão obrigar a ter uma maneira de ser diferente de uma pessoa que não tem essa responsabilidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O ser pai é no fundo uma chatice que dá muito gozo, derivado a todas estas situações, que sendo bem vistas e bem espremidas são interessantíssimas. 	
<p>A vivência dos filhos: <i>principais preocupações/desafios</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • e saber se depois a vida nos iria proporcionar, de facto, condições, para facultar aos descendentes, aos filhos, os meios para lhes proporcionar uma vida adequada em termos sociais, culturais. Essas foram dúvidas que me foram 	<ul style="list-style-type: none"> • Qualquer pai diz que o primeiro é o primeiro e o segundo, o terceiro ou o quarto, já não são a mesma coisa. Para o primeiro filho olhamos de uma maneira, quase de ir ao berço a ver se ainda está a respirar. Isto não quer dizer que 	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do tempo, os filhos vão-se desenvolvendo e, na minha opinião, as responsabilidades aumentam, estão sempre a aumentar. Se a gente pensar bem, não é por um filho ser adulto que um pai 	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que daqui para a frente ainda vou ter muitos desafios. O meu maior desafio é que eu nunca vou conseguir ser o pai perfeito. Nós tentamos sempre ser o pai mais perfeito possível, mas nunca conseguimos.

	<p>assaltando antes de ser pai, mas que depois, como que por milagre, a partir do momento em que os filhos aparecem, dá ideia de que tudo isso se dissipa e os medos desaparecem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Depois, o ser pai passa por várias fases, há fases em que os filhos são pequenos, em que há uma série de cuidados, uma vez que aquilo é uma coisa muito frágil, muito sensível. Por vezes até tinha medo de lhes pegar, de lhes mexer, com medo que aquilo se partisse tudo, se desarticulasse. Depois aquela fase das 	<p>gosto menos dos outros, apenas com os outros não havia uma necessidade tão acentuada de ver se estava tudo bem, as preocupações não eram tão acentuadas em relação aos motivos que os faziam chorar, em função da experiência com o primeiro. É por isso que eu acho que os pais não vivem os outros filhos como vivem o primeiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque o meu pai não me podia dar o canudo, eu não podia pegar no diploma dele ou no diploma da minha mãe e dar aulas. Se queria fazer alguma coisa na vida, tinha mesmo de 	<p>pode deixar de sentir responsabilidade. Acho que ainda tem que ter mais responsabilidade. Por exemplo, eu hoje em dia, sinto que os meus filhos ainda me podem dar muitas chatices, apesar de já serem adultos. Estou sempre preocupado que possa acontecer alguma coisa com os relacionamentos nesta fase. O meu filho tem 25 anos e a minha filha tem quase 20, e uma pessoa está sempre preocupada em relação às pessoas com quem se relacionam, como é que vai ser o futuro deles.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A minha principal preocupação, é que apesar de eles já serem maiores de idade, ainda não têm a personalidade completamente feita, e enquanto não têm uma personalidade completamente definida, a minha preocupação é terem desvios por pessoas terceiras, esses desvios preocupam-me pela possibilidade de os levarem por caminhos errados. E porque é que as pessoas vão por caminhos errados? As pessoas vão por caminhos errados porque se calhar nunca
--	---	---	---	--

	<p>noitadas sem dormir, os choros, os dentitos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educar os filhos quando se trabalha, por vezes acaba por ser uma grande sobrecarga e nessas situações é sempre uma vantagem ter alguém por perto, um avô, um tio, mas mais os avós. • depois chega a idade dos 9, 10, 11 anitos, em que eles começam a querer voar, a levantar voo. As saídas, os amigos, e nessa fase voltam novamente as preocupações de pai, que é ver se os filhos estão a dar passos certos ou se pelo contrário, há aqui alguns desvios, más 	<p>estudar. E é aí, quando eu também já era mais crescidinho, que pensei que tinha de levar os estudos a sério. E depois de ter perdido alguns anos, pensei que tinha de levar aquilo a sério, porque senão não sabia o que ia fazer na vida. Aos meus filhos digo-lhes o mesmo, ou seja, eu tenho um curso, trabalho por conta do meu curso e eles não têm alternativa a não ser estudar, não vão ter uma profissão liberal por ser filho de, isso não existe. O importante é que eles utilizem o tempo, cresçam</p>	<ul style="list-style-type: none"> • mas as responsabilidades também estão sempre a aumentar porque as questões se vão tornando mais complexas. Depois começa-se a pensar que vêm os filhos dos filhos, ou seja os nossos netos, e isso depois também é uma preocupação. Se vêm bem, se não vêm bem. • A minha filha está-se agora a confrontar com a questão da escolha do curso, tem de ver bem o quer, sabendo, no entanto, que está muito limitada derivado à média escolar. Temos de estar cá para ajudar a resolver isto tudo. 	<p>foram apoiadas para irem por caminhos certos. Uma pessoa que tem vícios como álcool, droga ou o que quer que seja, alguma coisa os motivou a ter esses vícios. Foi mau ambiente familiar? Foi mau ambiente escolar? São pessoas que nunca se conseguiram impor pela personalidade e nunca conseguiram ter autoconfiança?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Voltando à questão que mencionei anteriormente, para mim as pessoas consomem droga ou álcool para abafar algum problema que tiveram. Ou
--	---	---	--	---

	<p>companhias que os possam desviar para maus caminhos. Agora não sei como será, mas na altura aquilo, a grande preocupação eram as drogas, que eram quase uma pandemia generalizada, aquilo era uma coisa por demais. Aí é mais difícil uma pessoa gerir os equilíbrios, eu e a mulher</p> <ul style="list-style-type: none"> • Depois mais tarde, aparece aquela fase dos 16, 17 anos, que nós dizemos que é a idade das parvoeiras, dos namoricos. • e evidentemente outra coisa com que os pais se preocupam é que os miúdos 	<p>e tenham a capacidade para perceber que têm responsabilidades, e que uma delas é de estudar para tirar o curso, para ter uma enxada para trabalhar e continuar a ser pessoas que possam ser respeitadas, pessoas úteis na nossa vida e na nossa sociedade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Porque por exemplo, o meu filho mais velho já tem 25 anos, mas eu não quero que ele vá embora de casa. Não estou naquela de lhe dizer “pronto, tens 25 anos, vai-te embora”. Por exemplo, quando eu disse ao meu pai que ia casar, para ele foi uma alegria, talvez por saber que eu já ia tomar conta da minha vida. Possivelmente pensou que já o ia deixar em paz, que eu ia deixar de dormir em casa. Eu senti que ele teve prazer, enquanto eu sei que quando for o meu filho a dizer-me que se vai 	<p>os pais eram bêbados, alcoólicos ou drogados e eles também são, porque esses foram os valores que lhes transmitiram, ou porque o próprio ambiente familiar não os ajudou a sair desses consumos. Porque é que se calhar são errados os bairros sociais? Os bairros sociais são um erro porque juntam, por mais que não goste de utilizar o termo, a pior escumalha, que fecham em gaiolas, e eles têm que ter um padrão de vida para se acompanhar uns aos outros. Os bairros sociais nunca deveriam ser feitos</p>
--	--	---	--	--

	<p>tenham algum aproveitamento escolar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hoje em dia penso que as preocupações dos pais começam quando os filhos acabam os cursos, pela grande dificuldade que atualmente existe em arranjar emprego e, sinceramente, é uma preocupação que ainda não desapareceu completamente, até porque os meus filhos não estão colocados definitivamente. É algo que me preocupou, preocupa e considero que seja um dos principais problemas da sociedade hoje. A frustração que 		<p>embora, terei dificuldade em aceitar. Se calhar se eu perceber que isso é resultado de ter alguma estabilidade na vida, que está orientado em relação ao futuro, eu aceito de uma certa maneira. Se sentir que isso significa ter um certo futuro para ele, talvez eu aceite um bocadinho melhor. Mas vou sempre sentir um vazio durante uns tempos, certamente, e pensar “ele agora já cá não dorme”. Por isso não tenho pressa nenhuma que isso aconteça, embora saiba que a vida se vai</p>	<p>da forma que são, as famílias mais problemáticas deveriam ser inseridas no meio de famílias mais disciplinadas, e os filhos é um bocadinho isto. A questão da droga e a questão do álcool podem ser vistas como uma oportunidade de libertação, porque é assim, as pessoas podem sentir-se reprimidas pela sua maneira de ser, e se conseguirem libertar-se disso podem ser felizes. O que acontece quando estamos alcoolizados ou drogados é que nós não</p>
--	---	--	---	--

	<p>muitos filhos sentem quando acabam o curso, com todo o esforço, trabalho e privações de âmbito social. Ao mesmo tempo o esforço financeiro que obrigaram os pais a fazer em muitas situações, e depois quando eles pensam que têm o problema resolvido e estão entregues à vida, deparam-se com a falta de emprego, o que deve ser terrível. Devem sentir-se autênticos parasitas por continuarem a depender totalmente dos seus pais, da subsistência dos seus pais. Isto é um problema que me preocupa bastante e que ainda não está totalmente</p>		<p>desenrolando e é natural que daqui a amanhã, isso aconteça, e que mais tarde gostasse de ter um neto. É tudo uma sequência.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser pai é um desafio constante, há sempre desafios. Para um pai, enquanto o filho está, os desafios não terminam. A pessoa tenta sempre ajudar a resolver as coisas deles, para que tudo corra bem, e pensa como é que vai ser isto, como é que vai ser aquilo. Já disse ao meu filho “olha, controla lá a fábrica”, porque em função da situação mundial atual, ir trabalhar 	<p>estamos no nosso mundo real, nós estamos até num mundo em que nós podemos gostar de estar, mas que é completamente o inverso do mundo real. Por isso é que as pessoas ou se refugiam no álcool, ou nas drogas, porque adotam uma perspectiva distinta daquela que têm enquanto estão sóbrios. Estes grandes flagelos da sociedade é que constituem a parte mais difícil de educar, é o maior desafio que nós temos, e que temos de conseguir ultrapassar.</p>
--	--	--	--	--

	<p>ultrapassado, acho que hoje em dia é uma das principais preocupações dos progenitores. Até porque depois disso vem o sentimento de revolta, de frustração, que em alguns casos pode levar a que sejam agressivos, violentos, a álcool, drogas, até mesmo para conseguirem arranjar condições para garantir a subsistência e terem um nível de vida elevado e coadunado com o nível de habilitações que alguns arranjaram, como a licenciatura, o mestrado, e não estarem dependentes dos pais para beber um copo,</p>		<p>para a Holanda, ou para o México como ele gostava, talvez não seja possível. Se calhar devia tentar ficar ali a trabalhar e ver daqui a amanhã a melhor forma. Ainda ontem falei com ele sobre isso e ele por acaso está com essa ideia, de facto está a perceber que pode ter a oportunidade de ficar nesta fábrica, e que isso realmente pode ser uma boa opção. Isto do desafio está sempre connosco em relação a todas as atividades. A vida transforma-se todos os dias.</p>	
--	--	--	--	--

	<p>tomar um café e coisas do género.</p> <ul style="list-style-type: none"> • sempre preocupações diferentes. Sempre se ouviu dizer que quando uma pessoa tem uma preocupação, pensa que é a principal, a mais problemática, mas depois a que vem a seguir acaba por ser sempre a mais complicada porque quando as preocupações vão sendo ultrapassadas, deixam de o ser. • No entanto, para além da preocupação que falámos agora, a história de conseguir alguma autonomia para trilhar a 			
--	---	--	--	--

	<p>vida, o que me preocupa muito e com toda a certeza muitos pais, nomeadamente aqueles chamados pais e mães galinhas, é a questão de os filhos conseguirem ou não conjugar a vida laboral com a proximidade dos progenitores, o que é cada vez mais difícil. Ou seja, uma pessoa está a criar um filho, dá-lhe uma formação e a partir daí praticamente perde o filho. Antigamente, o que sucedia dia era que a esmagadora maioria ficava em Portugal, a não ser aqueles que conseguissem alguma formação académica. Os filhos</p>			
--	---	--	--	--

	<p>raramente iam para fora, só nessas condições ou quando cá não conseguiram singrar na vida. Hoje em dia o que acontece é que as pessoas a partir do momento em que acabam a sua formação académica, desaparecem da casa dos pais, é como que há ali um corte e em muitas situações desaparecem.</p> <ul style="list-style-type: none">• Devido à questão da globalização e da evolução que se verificou no mundo, muitos deles acabam por ir para o estrangeiro, ficar a enormes distâncias, Austrália, Estados Unidos, Europa, ou seja uma pessoa está a criar um filho e depois			
--	---	--	--	--

	<p>fica sem filhos. Fica outra vez o casal em casa, sozinho novamente, dia e noite, dias após dias, há alguns telefonemas, algumas videochamadas, mas presenças acabam por ser cada vez menos hoje. Até porque aquilo que eu sinto é que hoje em dia, a vida puxa mais pelos miúdos, há mais competição, que lhes dá pouco tempo para disponibilizarem com a família. E ainda há outro aspeto. Nós antigamente, contentávamo-nos com pouco, mesmo muito pouco porque privilegiávamos as relações familiares. Hoje o</p>			
--	---	--	--	--

	<p>que se nota na juventude é que há uma voracidade tremenda de conhecer o mundo, passear, viajar, usufruir. Mas tanto quanto sei, dos meios em que movimento, é isto que acontece com a malta. É uma voracidade tremenda de conhecer o mundo, viajar, todos os anos fazem viagens para conhecer o mundo todo e isso acaba por dar alguma sensação de isolamento, de solidão por parte dos progenitores, que sentem que de um momento para o outro ficam sem os filhos.</p> <ul style="list-style-type: none">• Exatamente, acaba por absorvê-los e retirá-los, por			
--	---	--	--	--

	<p>essas duas questões. Depois o tempo que acabam por ter livre, e felizmente nesse aspeto não tenho razão de queixa, porque os meus filhos vão procurando vir, mas muito do tempo que eles têm disponível é dedicado ao ócio, ao lazer. Passeios, viagens, praias, turismo, o que prejudica o tempo que eles dedicam à família. Isso só acontece nas festas da aldeia, num aniversário ou outro e de resto é exclusivamente para usufruir.</p> <ul style="list-style-type: none">• O que quero salientar é que neste momento o que mais custa é este sentimento de			
--	---	--	--	--

	<p>vazio, o facto de estarmos aqui nós e os filhos não estarem cá. Embora eles não estejam muito longe, a questão é a disponibilidade de tempo. Eu digo o tempo, mas se calhar também a vontade deles de virem mais vezes. Até porque agora está colocada de parte a possibilidade de eles virem trabalhar para cá, que era aquilo que nós gostaríamos. São poucos as pessoas que ainda conseguem isso, ter os filhos próximos deles em termos laborais. Neste momento o que sobressai é mesmo não termos essa</p>			
--	--	--	--	--

	possibilidade de partilhar a vida com eles.			
A vivência dos filhos: <i>funções do pai, características e qualidade da relação</i>	<ul style="list-style-type: none"> • mas nesse aspeto acho que mais eu, sempre defendi que eles deveriam crescer com o sentimento de liberdade, mas uma liberdade responsabilizada. Não é por acaso que a miúda, desde os 10 anitos começou a ir sozinha ao cinema. Eram coisas que muitos pais com filhos com 15, 16, 17 não permitiam, eu deixei. Eu tentei sempre ir dando essa liberdade, mas responsabilizando-os. Mantendo-me por trás sempre atencioso, vigilante, fazendo-a ver que eu era 	<ul style="list-style-type: none"> • Há duas fases da minha vida de experiência. Eu tive um comportamento com as mais velhas de uma maneira, coisas que vim a corrigir e a alterar ou modificar com os mais novos, porque entre as mais velhas e os mais novos há uma diferença de idades de 10 anos. Tenho uma filha com 29, outra com 24 e os dois mais novos, os gémeos, têm 14, o que significa que há formas de atuar que se foram modificando em função também da minha 	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os dias escolho a melhor maneira de lhe perguntar se o dia correu bem. Às vezes ele diz-me que o dia não correu muito bem, quando ele não quer dialogar é porque o dia correu mesmo mal e nessas situações eu não quero estar a insistir. Tenho de arranjar outro tema de conversa para conseguir levá-lo a falar disso. Ainda no outro dia quando isso aconteceu, foi assim que eu consegui que ele me contasse tudo. O 	<ul style="list-style-type: none"> • Vamos cometendo erros, e mesmo na orientação de caminho a seguir, nós muitas vezes até poderemos errar. Se calhar em algumas circunstâncias são os filhos que têm razão e não nós. Isso é sempre uma coisa que nós temos. • A preocupação é criar alguma autoestima para que eles consigam distinguir o que é certo, do que é errado. Se este caminho leva para o sítio errado, eu tenho que ter autonomia suficiente para sair dele. A questão de

	<p>muito conhecido, tinha muitos amigos e que mesmo não estando sempre presente, haveria sempre alguém que poderia, enfim, estar de olho nela, por forma a que ela também tivesse consciência de que embora tivesse essa liberdade, era uma liberdade mais ou menos condicionada, e felizmente correu tudo bem. Aos 14 anos queria ir para a discoteca, deixei-a ir com os amigos e felizmente correu sempre tudo bem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu sempre disse que é preferível nessas idades, dos 14, 15, 16 anos, darem umas cabeçadas, fazerem uns 	<p>idade. Porque eu fui pai pela primeira vez com 30 anos, hoje tenho 59 e logicamente que o meu comportamento, a forma como eu ajo com os meus filhos de 14, não é mesma de como eu agi com as minhas filhas quando elas tinham a mesma idade. Isso são experiências de vida que a gente vai adquirindo e que acaba por, de certa forma, corrigir para melhor, eu acredito. Eu às mais velhas dava tudo, achando que essa era a forma correta, tudo dentro do possível obviamente. Tinha um</p>	<p>pai é um pai e eu acho que deve ter essa preocupação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu às vezes até sinto que sou um bocado chato, tenho de ter cuidado e tentar não ser muito exagerado na forma como estou a administrar o meu relacionamento com eles. • Eu tento sempre falar com eles, da forma mais calma e mais educada possível, para eles não acharem que eu sou um pai chato, um pai exigente. Tento sempre coordenar da melhor forma as necessidades deles. Quando as coisas estão dentro da normalidade, gosto que 	<p>uma grande abertura com eles é para saber precisamente aquilo com que posso contar, não quero que aqui em casa sejam uns santinhos e lá fora sejam autênticos diabinhos. Eu sei perfeitamente se eles estão perante pessoas que estão no caminho de álcool, de drogas, e eu não proíbo de acompanharem essas pessoas. Têm é de saber que não têm de adotar essa forma de ser e de estar, e ser fiéis a eles próprios. Mas isso é algo que eles têm que definir, não sou eu que lhes vou impor. Este é</p>
--	---	--	--	--

	<p>galos. Essas cabeçadas que dão e essas pequenas feridas que fazem, acabam por ser vacinas para os imunizar para grandes problemas no futuro. É preferível nessa idade fazerem o tal galo, a tal ferida, que com um penso e mercúrio se resolve, do que mantê-los numa redoma e quando saem da redoma se calhar não fazem uma ferida, mas partem uma perna, partem o pescoço ou cortam mesmo o pescoço e pode haver problemas e complicações para o resto da vida. Felizmente a vida correu-lhes bem, nesse aspeto os miúdos sempre</p>	<p>critério diferente em termos de ofertas, daquilo que eu achava que eles gostavam. Pensava que existia um determinado conjunto de brinquedos que as tornava mais felizes e os tornava melhores. Enquanto que com os mais novos, corrigi essa situação, o que tem a ver com a minha idade e com a experiência que tive com uns e com outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com os mais novos talvez me tenha tornado mais pai no sentido de os ajudar também na escola, de me preocupar mais com os assuntos da escola e com 	<p>tenham e gosto de dar liberdade, para a pessoa estar à vontade e começar a sentir responsabilidade. Se uma pessoa está a tentar proteger constantemente os filhos, eles estão sempre a pensar “eu tenho lá o pai, eu tenho lá o pai”. Têm que ser responsáveis. Por exemplo, a minha filha tem 19 anos e gosta de sair à noite e nós dizemos-lhe para vir para casa à 1h da manhã, e ela só vem às 2h ou 2h30. Quer dizer, se correu tudo bem, se não houve nenhum problema, não é por aí que a gente se vai chatear. Claro que isto</p>	<p>um dos grandes desafios de ser pai, daí eu considerar tão importante termos uma grande proximidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Então, ser pai significa tentar apoiar, dentro do possível e ajudar a crescer os meus filhos, no sentido de os orientar sempre da melhor maneira, para que não tenham grandes dissabores na vida. • Uma pessoa tenta fazer o que é mais correto, de uma forma não pré-definida, mas sim de uma forma espontânea. Ir corrigindo sempre que vê que os filhos não estão a ir no
--	---	---	---	--

	<p>foram compreendendo o sentimento de responsabilidade que nós lhe procurámos incutir desde novos, acho que o assimilaram bem, que compreenderam que para terem esses direitos e liberdades e andarem a fazer o que queriam, de andar para aqui e para ali, implicava que fossem responsáveis nos comportamentos, nas atitudes</p> <ul style="list-style-type: none"> • sempre falámos muito à vontade, da questão de tabaco, drogas, houve sempre muita abertura. • De qualquer maneira, a decisão foi sempre deles, 	<p>os amigos. Enquanto com as outras, em função da idade, eu, tal como outros pais, também queria viver a vida, estar com os amigos. Aos 30 a vida vive-se com uma intensidade que depois não se vive aos 50 ou aos 60 anos. Eu acredito que fui mais pai, mais pai presente, com os mais novos, do que do que fui com as mais velhas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • E agora, economicamente posso satisfazer essa vontade do meu filho, mas possivelmente fazê-lo significaria mais cumprir a minha vontade. Isso são 	<p>é uma coisa que não digo à frente dela. Eu também saía à noite e o meu pai dizia para não ir tarde, mas eu em vez de ir às 2h também ia às 5h, também exagerava um bocado. Desde que tudo corra bem, está tudo bem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu penso que até fui, mais ou menos, embora com alguns erros pelo meio, uma pessoa que desempenhou o papel de pai de uma forma positiva. 	<p>caminho certo, mas quer dizer, isso faz parte. O ser pai não é programar que vou fazer assim e assim, tem de haver uma adaptação permanente à circunstância que é.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quer dizer, há um padrão base, que é orientá-los no sentido de serem responsáveis, dar valor a determinadas coisas. Quer dizer, a vida tem princípios e tem valores, e hoje em dia os valores perdem-se muito, os jovens não dão valor àquilo que lhes é posto à disposição, e a minha preocupação é que eles tenham
--	--	--	---	--

	<p>assim como depois ao nível do liceu e em termos de carreiras, todas as opções que eles tomaram foram respeitadas, começando logo pelo secundário em que optaram pelas áreas e mais tarde na universidade. Sempre falámos e até chegamos a fazer aqueles testes psicotécnicos com eles, mas a opção foi sempre deles. O único discurso que eu lhes fazia era que pensassem bem, que procurassem ter bons resultados académicos e que procurassem ter todas as portas abertas.</p>	<p>ideias de pais mais jovens, penso eu, porque agora, noutra idade, eu já não estou a fazer refletir o meu gosto e a vontade, até porque mesmo em termos sociais as coisas mudam.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A sociedade também evolui, há uma evolução dos meios materiais que as pessoas têm. Há muito essa sensação, de que eu satisfaço o meu filho se lhe der aquilo que eu na altura gostava de ter tido e não tive. Ao longo da vida, a pessoa tenta reproduzir nos nossos filhos aquilo que nós somos, com a idade distanciamo-nos 		<p>responsabilidade e ao mesmo tempo deem valor às coisas que têm. Por exemplo, ter uma bicicleta não é só terem uma bicicleta porque é bonito, ou porque os outros têm. Têm é que dar valor, saber que têm a bicicleta em função de comportamentos, esforços, é como se fosse um prémio, porque é isso que os ajuda a terem valores, saberem que nada na vida vem de forma espontânea, tem de se lutar pelas coisas, arranjar estratégias para obter aquilo que querem e de</p>
--	---	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Agora, nunca houve violência, nunca houve agressão, nem uma bofetada, nem puxões de orelhas, mas sim através de privações, como o telemóvel ficar uma semana sem ser utilizado e coisas do género. • Sempre houve a tentação de os responsabilizar ao máximo, dando-lhes sempre liberdade ao máximo, mas simultaneamente fazendo-os ver que havia algum controlo da minha parte e que a forma como eles usassem essa liberdade, eles é que seriam os principais beneficiados ou prejudicados. Há uma 	<p>disso e passamos a olhar mais para aquilo que eles querem, para aquilo que é importante para eles. Às vezes não é tão importante a parte económica, as coisas materiais. Às vezes são mais importantes outras coisas, o acompanhamento, o estar, o conversar, o sair juntos e desligamos um bocadinho dessa ideia de queremos fazer os filhos à nossa imagem, pensamos mais nos gostos e nas apreensões que eles têm, como nós tínhamos na idade deles.</p>		<p>que precisam. Hoje em dia toda a gente tem um telemóvel e são todos telemóveis topo de gama. Mas nós nunca ensinamos as crianças a reconhecer que realmente têm bons telemóveis, ao que tem que se dar valor, porque o têm em função do esforço que fizeram para o ter, e não apenas porque o quiseram. E daí que é muito importante para mim enquanto pai, transmitir esses valores, porque daqui a amanhã se eles tiverem um contratempo na vida, têm que saber dar a volta à questão. Não é</p>
--	---	--	--	---

	<p>expressão que eu utilizava muitas vezes, “a cama que fizerdes vós é que vos ides deitar nela. Se forem os lençóis de seda, dormis bem, espetacular, com colchão bom. Se for uma cama com espinhos, com pedras, vós é que também ides lá dormir. Por conseguinte, é bom que vocês preparem uma boa cama, para cada um de vocês e essa cama é a vida, é o percurso que vocês irão fazer ao longo da vida, porque vocês é que serão os principais beneficiados de ter uma vida boa”.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falávamos muito dessas situações, as boas e as más, 	<ul style="list-style-type: none"> • Tenho mais presença, converso mais com eles, avalio mais as necessidades deles e não tanto as minhas, e de certa forma tento fazê-los crescer com sentido de responsabilidade e de bom senso em relação aquilo que querem. Eventualmente, há uma situação económica que eu mantenho e em que lhes posso proporcionar certas coisas, mas percebo que não é a idade certa para as terem. Sou mais comedido na parte material e digamos que melhorei muito na parte imaterial, 		<p>ensinar-lhes tudo, mas ensiná-los no sentido de que têm que se desenrascar para, ao mínimo obstáculo, não virarem as costas e irem embora, ou seja, para não optarem pelo caminho mais fácil. Como se costuma dizer “não é dar-lhes o peixe, mas dar-lhes uma cana e ensiná-los a pescar”. Eu tento orientar a educação deles por esses valores, para daqui a amanhã terem um objetivo de vida e, digamos, não andarem cá por andar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Penso que isso acontece de forma espontânea. O mais
--	--	---	--	---

	<p>e aqui em casa tentávamos perceber qual o melhor caminho a seguir, procurando que nada lhes faltasse, em termos de apoio, estar sempre presentes, aqueles miminhos como levantá-los de manhã, preparar-lhes um sumo de laranja natural, todos os dias levá-los à escola, trazê-los da escola, ir à música, ao futebol, às piscinas, estando sempre presentes para que nada lhes faltasse.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sempre interagimos muito bem. Aliás, até certas conversas que por vezes são difíceis entre pais e filhos, como álcool, drogas, 	<p>emocional, e na vivência que tenho com eles enquanto família ou nas ajudas que lhes dou, seja em termos do ensino, de saber estar com os amigos ou de atitudes que devem ter em relação aos amigos com quem convivem e os de que se devem distanciar. Eu não tento desviá-los, tento dizer-lhes o que é mais correto e depois são eles a escolher. Mas se houver uma situação de exagero, que eu considero, que eu vejo que está a despoletar situações mais graves para nós, logicamente que aí, já</p>		<p>importante é tentar ter com eles uma relação o mais aberta possível, para que não tenha surpresas em termos de comportamento quando eu não estou. Ou seja, os comportamentos que eu quero que eles tenham é para quando estou e não estou. Isso implica que haja uma abertura muito grande com eles e que eles tenham uma grande abertura comigo, para que não haja segredos exagerados, porque sei que segredos há sempre. Quer dizer, eu sei perfeitamente se eles bebem ou não bebem, se têm folias ou</p>
--	---	---	--	--

	<p>namoricos, sempre houve abertura para as termos com eles, e eles sempre falaram connosco. Isso prova que mais do que pais, sempre viram em nós pessoas amigas, com quem podiam conversar com alguma abertura. E também é uma prova de que ao longo do percurso, quer um, quer outro, sempre houve uma postura que eles entenderam como sendo correta na educação deles, na vida deles. Sempre houve abertura, ainda hoje há, para falarem de namoricos, copos.</p>	<p>implica uma situação de correção e não de sugestão, o que eu digo é uma ordem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em termos de mudanças no meu comportamento, as principais é a forma de os ler. • Essa presença com gente mais velha mudou a minha forma de ser e de estar, e eu hoje tenho esse gosto de sair com os meus filhos, de conversar com eles, inclusive com as mais velhas, e demonstrar que eu estou presente. Digamos que a minha forma de pensar neste 		<p>não têm folias. Não é no sentido de esconder que estão com os amigos, se calhar estão com eles e até têm comportamentos normais, que até eu mesmo já tive. Quero acima de tudo ter uma noção da forma como eles são quando eu não estou presente, saber como são quando estão à minha frente e quando não os vejo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim, porque de certa forma nós temos que ir acompanhando as tendências da sociedade, mas sempre as boas tendências, não as más.
--	---	---	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, sem dúvida, uma interação muito próxima mesmo. • As nossas férias foram sempre com eles, íamos para todo o lado com eles. Na praia, nas férias, na aldeia, levávamo-los a passear à noite. 	<p>momento é muito mais madura.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas ajudar, é mais do que tudo dar-lhes valores de trabalho, princípios, formas de estar na vida e respeito pelos outros. No fundo, dar-lhes valores católicos. • O pai teve que começar a ser um bocadinho mais severo com ele e a mãe foi buscar esse bocado. Eu que era o mais próximo dele em tudo, inclusive no que respeita a conversas, em saber o que se passava, agora já não sou, agora é a mãe, porque vai apanhando essas pontas. 		<p>Uma das coisas que me chateava muito e que não gostava de ver, era ir aos supermercados e ver aquelas birras dos filhos que depois até deixavam os pais em vergonha, no sentido de que se batiam e andavam a chorar. E os pais, para não ficarem mal vistos. eram quase obrigados a comprar. O que eu penso é que se realmente os meus filhos acham que precisam e têm necessidade, eu compro, mas não há necessidade de me estarem a chantagear para lhe dar as coisas, isso não.</p>
--	--	--	--	---

		<p>Enquanto o pai diz “vais estudar e agora tiro-te o tablet e o telemóvel”, a mãe acaba por tentar compensar. E hoje digamos que ele se aproxima mais da mãe, no sentido do aconchego, dessa sensação de conforto, quando acha que o pai é mais rigoroso com ele, e diz “lá estás tu pai, que pensas em coisas que não existem, ou obrigas a fazer coisas que os meus amigos não fazem” e eu digo-lhe “eu não quero saber dos teus amigos, na minha casa é assim” e dou-lhe algumas ordens e tento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Enquanto pai, podemos avisar, mas não podemos proibir, porque a partir do momento em que proibimos podemos contribuir ainda mais para eles quererem experimentar certas situações e testar limites, porque como se costuma dizer “o fruto proibido é o mais apetecido”. Portanto, é preferível dar orientações, dizer que não faça isto porque pode acontecer isto, mas quem toma as decisões são sempre os filhos. Devemos tentar que não vão pelo caminho errado, uma vez
--	--	---	---

		<p>demovê-lo de fazer coisas que acho que não valem a pena. A irmã é mais responsável e logicamente que eu aprecio isso, e quando aprecio isso faço questão de o diferenciar, e depois vem a mãe e vai compensar. Mas isto são mudanças que ocorrem no crescimento, uma vez que há uns anos atrás, a filha era mais mãe e o filho era mais pai. Agora o filho sente-se mais próximo da mãe, mantendo nós, apesar de tudo, uma boa relação. Mas o pai é o castigador, o que impõe mais, quem tenta equilibrar as horas de</p>		<p>que a nossa função é dirigi-los pelo caminho mais correto. Deixamo-los cometer erros para aprenderem, mas também não os deixamos chegar ao ponto de cometerem erros e depois não poderem voltar atrás. O meu objetivo em termos de orientação é dizer “vai por este caminho, que este caminho pode ser o melhor”, no entanto têm a liberdade de ir por outro. Se querem ir por uma quelha, vão por uma quelha, mas se vejo que essa quelha não leva a um bom caminho, aí eu tenho</p>
--	--	--	--	--

		<p>estudo e as horas de lazer dele, porque ele tem dificuldade em conseguir fazê-lo sozinho. Já a irmã consegue fazer essa gestão, nem sequer é preciso mandá-la estudar. A ele é preciso obrigá-lo a estudar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • É uma idade, uma fase. Como também já tenho toda esta experiência com os filhos para trás, tenho a facilidade em perceber que não é um problema, mas uma circunstância de idade, pontual, portanto, não me importo de lhe dar lastro, e acredito que mais tarde ele possivelmente vai 		<p>de arranjar algum obstáculo para os obrigar a reencontrar o caminho certo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • E eu tenho um grave problema, eu cada vez tenho menos memória daquilo que fiz e penso muito no momento atual. Por isso é que é muito importante corrigir o problema logo na altura. Se eu vi que errei e corriji o problema, disse que ele tinha que ir para um lado e ele foi e as coisas correram mal, tenho de corrigir a orientação que dei nesse sentido.
--	--	--	--	--

		<p>ter outra forma de estar ou de ser, e se for preciso vem ter comigo. Como eu exijo que ele mantenha os estudos e que mantenha um aproveitamento razoável, ou de preferência sempre bom, tenho de fazer essa figura, e logicamente que essa figura o incomoda porque ele quer outras coisas. Em vez de estar a estudar queria estar a brincar, a jogar, a passear ou a fazer outras coisas. Mas temos que dosear toda essa parte.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foi tentar que eles respeitassem a forma de ser e de estar da família e 		<ul style="list-style-type: none"> • Muitas vezes os pais não estão presentes porque a preocupação é ir em ganhar mais para darem melhores condições aos filhos, e às vezes o facto de tentarmos dar melhores condições só contribui para lhes darmos piores condições, porque nunca estamos presentes e isso para mim é muito importante. Por isso é que uma das coisas que eu sempre defini desde o início, é que prefiro ganhar menos e estar presente na educação dos meus filhos, pelo menos até à maioridade. Depois, a
--	--	---	--	--

		<p>da casa, e a forma como se tratam. Tenho outra imagem que me fica, também com a minha filha mais velha, engraçado. Ela já tinha 19 ou 20 anos e íamos jantar a casa dos meus pais, e lá está, havia sempre aquela ideia de que a hora de jantar era sagrada, temos de estar à mesa, quando eu era pequeno nem sequer me deixavam ir de pijama para sentar à mesa. Faltava a minha filha mais velha, que não aparecia, e nós todos à espera. Os pais, os tios, e ela não aparecia. O jantar era às 8:00 e ela</p>		<p>partir daí, eles orientam-se, porque se calhar o facto de nós sermos criados com alguém, não é o facto de termos alguém connosco, é o facto de termos alguém a olhar para nós, são coisas completamente diferentes. Não é preciso os pais estarem sempre a brincar, é preciso é estar ali e os filhos saberem que eles estão ali. Se os pais não estão presentes, muitas vezes isso obriga a desvios, porque as mães não fazem milagres, tal como os pais não podem fazer milagres sozinhos.</p>
--	--	---	--	---

		<p>aparece por volta das 8:30 e eu dirigi-me a ela e perguntei-lhe “ó filha, ouve uma coisa, tu achas isso correto? Estamos aqui à tua espera”. Na altura eu não avalei a situação, mas não sei, imagino eu que podia vir chateada com o namorado ou chateada com a vida. Como não voltámos a falar sobre isso, eu nunca perguntei. Mas como estava a dizer, eu perguntei “então tu não tens responsabilidade, não tens consideração pelos teus avós e os teus tios? Achas isso bem?”, ao que ela respondeu “lá estás tu</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Há pais que estão presentes, mas não estão presentes. Se calhar o próprio filho quer brincar um bocadinho e o pai só lhe diz “não me chateies”. Quer dizer, esses pais estão presentes, mas não estão. Certamente essa não é a forma mais correta de educar, e é isso que cria desvios, porque quando as pessoas não têm felicidade em casa, vão à procura dela na rua e podem tentar obtê-la por companhias que não são as mais adequadas. • Sempre que tenho disponibilidade, gosto que
--	--	--	--

		<p>com as tuas mariquices”, como agora o meu filho me diz. E eu não resisti e dei-lhe um estalo, o que me custa porque nunca me passou pela cabeça ter que dar um estalo a uma miúda de 20 anos, ainda para mais à frente da família toda. São coisas que marcam. Isto para dizer que, falando nos momentos mais críticos, a única vez ou das poucas vezes que eu tive uma atitude de castigo físico, se lhe podemos chamar assim, como uma palmada ou um estalo, normalmente tem a ver</p>		<p>os meus filhos me acompanhem em todas as atividades que faço. Os meus filhos são diferentes, o mais velho gosta de andar de um lado para o outro, e muitas vezes chamo-os para eles me acompanharem nas tarefas, não é pelo facto de precisar de ajuda, embora precise. Não é pela obrigatoriedade de me estarem a ajudar, é mais pela obrigatoriedade de estarem próximos de mim, daí o chamá-los, dizer que vamos até aqui ou até ali, para estarmos próximos.</p>
--	--	---	--	---

		<p>com faltas de educação. Não tem a ver com ter negativas nos testes nem outras coisas. As faltas de educação digamos que são o meu calcanhar de Aquiles. Tenho dificuldades em tolerar faltas de educação, porque esse é um princípio básico. Mesmo com os nervos, têm que ter a capacidade de manter uma posição correta. Essa situação aconteceu e poderá vir a acontecer, porque a forma mais simples de me tirarem do sério é a falta de educação, de exageros na forma de ser, porque eu</p>		
--	--	---	--	--

		<p>acho que isso é um princípio básico e é a tábua do bom relacionamento entre as pessoas.</p> <ul style="list-style-type: none">• Em circunstâncias externas à família, em que a gente não está presente, não temos forma de saber de algumas situações que acontecem. Na relação entre irmãos, o que não permito é que os irmãos se batam, os irmãos não se batem. Os irmãos queixam-se e se depois alguém tem de bater, sou eu.• Disse-lhes foi sempre que existe um princípio básico que é ter respeito		
--	--	--	--	--

		<p>sobretudo por eles próprios, para se poderem dar ao respeito aos outros e que tivessem sempre consciência daquilo que queriam da vida. Podem ter todos os namorados e namoradas, têm é de pensar no que é que querem para a vida. Se querem ter filhos ou não, como é que querem organizar, porque a vida tem muitas partes e diferentes formas de ser vivida e devem escolher aquelas que considerarem são melhores. No fundo é como eu dizia às minhas filhas mais velhas quando</p>		
--	--	---	--	--

		<p>eram mais novas e queriam sair, “se tu não souberes como é que hás de sair da situação, não entres”. Se não soubessem sair, mais valia estarem quietos.</p> <ul style="list-style-type: none">• A principal preocupação é a de juntar as pessoas nas férias, nos fins-de-semana, porque isso ajuda a crescer, a presença dos irmãos e dos primos, para terem a perceção de qual é a família deles e qual é a formação deles. Quais os comportamentos que devem ter, que são transmitidos pelos pais, pelos avós, pelos tios,		
--	--	---	--	--

		pelos primos, é esse grande conjunto de pessoas que os ajuda a modelar e a crescer, até porque amigos todos têm.		
A vivência dos filhos: <i>adaptação às características dos filhos</i>		<ul style="list-style-type: none"> • mas mesmo as relações com os filhos, com o tempo vão mudando. Eu tinha uma relação mais próxima com o meu filho mais novo, talvez por ser o único rapaz, e é engraçado que isso tem vindo a mudar, porque ele como rapaz é mais atrevido e é mais difícil de controlar em termos de estudos e de outras coisas. 	<ul style="list-style-type: none"> • e em função do feitio dos filhos, que é isso que nos afina na forma como gerimos e desempenhamos o papel de pai. Também adaptamos esse papel em função dos filhos, vamos-os orientando assim 	<ul style="list-style-type: none"> • Tenho dois filhos e são completamente diferentes um do outro. Quer dizer, em termos de presença estive presente tanto para um como para o outro, o que dou a um dou ao outro, mas em termos de feitio são completamente diferentes, e eu tenho de me adaptar à maneira de ser deles. Nunca posso pré-programar que vou agir de uma determinada

				<p>forma com um e com outro de outra maneira.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas isso por vezes não é um processo fácil, é um processo muito complicado, porque quando nos chamam à atenção para determinadas coisas, quando há determinados feitios e formas de estar, que em vez de aceitarem, fazem completamente o oposto. • Os meus filhos têm formas de estar diferentes, formas diferentes de ser, eu vou tentando mudar e entendê-los da melhor forma.
<p>A vivência dos filhos: <i>prevenção e/ou</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inclusive quando veio a conversa do tabaco, quando 	<ul style="list-style-type: none"> • No entanto, recordo-me de experiências engraçadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Há sempre umas situações ou outras que marcam, 	

<p><i>ressignificação de situações adversas concretas</i></p>	<p>eles tinham 13, 14 anos, eu próprio fui buscar um maço de tabaco que andava aí perdido, que veio não sei de onde porque eu deixei de fumar há 30 anos, e eu próprio acendi o cigarro para eles darem umas passas, e fiz-lhes ver que se em casa ninguém fumava, nem o pai, nem a mãe, por alguma razão seria, e os malefícios do tabaco, mas também os deixei à vontade. Se eles quisessem fumar a decisão era deles, eu não os ia proibir, mas se queriam fumar, que fumassem em casa. Não queria que andassem a cravar tabaco a</p>	<p>com as minhas filhas mais velhas, especialmente de uma com a minha filha mais velha. A miúda tinha 1 ano e meio ou 2 anos, ainda era filha única, e eu cheguei ao Porto, onde fui em trabalho, numa altura em que ela fazia anos ou era Natal, e comprei-lhe uma mota a pilhas, uma coisa rara, algo que poucas crianças teriam. Eu ia com mais 3 pessoas, tinha um carro pequeno, e nós tivemos que trazer a mota praticamente desmontada, quase que cada um trazia uma peça ao colo. O que me emociona é que eu</p>	<p>tanto da minha parte como se calhar da parte deles. Já houve divergências que poderiam ter sido geridas de outra forma, tanto da minha parte como da parte deles, que são erros que se cometem. Enfim, nem tudo funciona bem, mas a vida é assim, cometemos erros. Eu bati algumas vezes ao meu filho e se calhar não o devia ter feito, quando eles tinham aqueles comportamentos de miúdos e se calhar lhe dei uma nalgada ou duas ou três, e ele ainda hoje se lembra. Sei que hoje em dia essas situações</p>	
---	--	--	--	--

	<p>ninguém. E o mesmo aconteceu relativamente às drogas. Claro que drogas nunca lhes dei, evidentemente. E tanto quanto sei, nunca nenhum deles fumou nem consumiu drogas, e se calhar o que contribuiu para isso, também foi aquele aspeto de os ter deixado à vontade. Portanto, pôr isso como uma opção deles, como uma escolha deles, e não ter comportamentos proibitivos ou de restrição, até porque nós sabemos que normalmente “o fruto proibido é o mais apetecido”. Eu sempre os</p>	<p>vinha todo satisfeito por oferecer a dita mota à minha filha e ao mesmo tempo comprei-lhe um balão, daqueles balões que têm hélio e que sobem. Quando cheguei a casa ela já estava a dormir, e eu fui montar a mota e pus o balão no volante da mota e fui dormir. De manhã, quando ela acordou, tinha a mota na sala para usar. Tristeza a minha que a minha filha gostou do balão e quase não ligou à mota, e eu depois quase que fui um pai, não se pode dizer mau, mas quase a obriguei a sentar-se e</p>	<p>provavelmente não aconteceriam, por é algo mau, é feio, são situações que hoje eu reconheço que possivelmente foram erradas. Mas fizeram parte da educação e está feito.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando uma pessoa percebe que errou, depois pode refletir, emendar, mas mais tarde ou mais cedo volta a cometer erros. Pode ter uma atitude de sucesso ou uma atitude errada, nem sempre escolhemos a melhor forma de nos relacionar, mas acho que o ser humano é um bocado assim. O pai está a 	
--	--	--	---	--

	<p>deixei à vontade, fazendo-os ver os prós e os contras, sendo que neste caso, prós não há nenhuns, pelo menos palpáveis.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recordo-me de uma situação com o meu filho. Os filhos para os pais são sempre vistos como os modelos, mas todos nós sabemos que por vezes no melhor pano cai a nódoa, às vezes por uma conjuntura de aspetos. Uma vez o meu filho bebeu uns copitos a mais e foi parar ao hospital. Passou a noite e ele não aparece, a mãe ficou preocupada e começámos a sondar as companhias e eu 	<p>andar na mota, quase que tive de chorar para se sentar na mota. Eu acho que havia então um desajustamento entre aquilo que eu achava que era bom para a minha filha, e o que ela queria. Acho que me deu maior satisfação a mim a comprá-la, do que propriamente a ela, embora passado um ano ou dois a mota ainda estivesse lá em casa e ela até a utilizasse. Esse foi um erro com que aprendi e deixei de cometer. Percebi que a alegria maior foi a minha, o dinheiro gasto quase que</p>	<p>transformar-se e os filhos também, inclusive na forma de ser. Nós cometemos erros e reconhecemos, mas isso não impede que mais tarde ou mais cedo voltemos a errar, a vida é mesmo assim, feita de sucessos e erros, não há uma vida ideal, tudo tem o seu senão. O pior é quando a pessoa não admite que errou, isso é que está incorreto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sei que ao longo do processo cometi alguns erros que não queria ter cometido, mas tenho de os aceitar, de o assumir, e 	
--	---	--	---	--

	<p>percebi que aquilo poderiam ter sido uns copitos a mais, e que ele poderia ter ido parar ao hospital. Quando cheguei ao hospital disseram-me que ele tinha estado em coma, mas que já estava recuperado e acompanhado por um amigo. Essa situação não a partilhei com a mãe, porque sabia que seria um grande choque para ela. Quer dizer, o filho dela numa situação dessas, em coma alcoólico, acho que seria uma situação que a ia perturbar, e sabia que depois faria um inquérito exaustivo ao miúdo, entendi por bem não dizer. Até porque depois</p>	<p>não me incomodou pela alegria que me dava que a minha filha ia ter uma mota, um brinquedo fora do vulgar, e a verdade é que a minha filha gostou do balão, que na verdade estava mais ajustado para a idade. Este é um exemplo de circunstâncias ou erros que a gente comete como pai, que depois ao longo da vida a gente vai emendando ou vai reconsiderando, pensando no que é que para as crianças é importante em termos de ambiente familiar.</p>	<p>encarar que a vida é mesmo assim. Há sempre coisas boas e más, erros que se cometem que sabemos que não deveríamos ter cometido, mas é mesmo assim, tudo faz parte.</p>	
--	--	--	--	--

	<p>da conversa que tive com ele, a lição de moral que lhe dei, sem ser com moldes de ralhete ou raspanete, depois da conversa aberta de homem para homem que tivemos, fiquei com a sensação de que aquilo não se voltaria a repetir. Considerei que se calhar isso o fez sentir-se mais comprometido com a situação, sentir a necessidade de ter mais responsabilidade, passar a ter uma atitude comportamental de forma a que isso não se voltasse a repetir. Essa situação ficou</p>			
--	--	--	--	--

	<p>no âmbito restrito, acho que nem a irmã soube sequer.</p> <ul style="list-style-type: none">• Exatamente, foi uma forma de proteger ambos, o meu filho e a minha esposa, cada um de sua maneira. Porque sei que aquilo para a mãe seria quase um drama. Já uma vez, ela veio para casa mais cedo e quando estava a chegar deparou-se com o meu filho a sair de casa com uma cachopa, e isso para ela foi um trauma, ver que o filho, com apenas 14 ou 15 anos, já trazia raparigas cá a casa. Andou uma temporada passada dos carretos, por isso procurei não lhe contar a outra			
--	---	--	--	--

	<p>situação, e acho que ainda hoje não sabe disso.</p>			
<p>A vivência dos filhos: <i>emoções e pensamentos emergentes</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mas começa, pelo menos por mim começou, como uma situação algo temerosa, de medo, pela incerteza se uma pessoa estaria preparada para dar resposta a essa responsabilidade. • dão lugar a uma fase de euforia, alegria e satisfação perante essa realidade que é ter um filho. • mas foram todas fases bonitas, fases alegres, o primeiro dente, o segundo dente, os ratinhos, essas coisas todas...foi espetacular. 	<ul style="list-style-type: none"> • Felizmente tenho a felicidade de as minhas filhas mais velhas estarem orientadas. A mais velha é arquiteta e está a trabalhar comigo e a outra está a acabar o mestrado e se Deus quiser está na fase de entrega de tese, para acabar o curso de desporto. Os mais novos também têm tido um bom aproveitamento, o que me deixa satisfeito. • Felizmente não tenho razão de queixa. • Penso que não. Os meus filhos não fumam, não 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser pai é uma alegria muito grande • Há aquela fase em que os filhos são bebês e que é uma maravilha, é só miminhos e tudo está a correr bem. • Aquele prazer de ser pai existe sempre, • É uma situação que é bonita e muito prazerosa 	<ul style="list-style-type: none"> • Se eles são inseridos em ambientes que eventualmente contribuam para vingarem na vida e estarem bem encaminhados, podem ter sucesso, têm é de ser dirigidos pelos pais no sentido certo.

	<ul style="list-style-type: none"> • Depois mais tarde vem aquela idade de ir para a escola, a idade das gracinhas... Foram tudo momentos que quem acompanha por perto, acaba por tirar muita satisfação dessa fase da vida dos miúdos e muitas alegrias. • Eles sempre conseguiram conciliar as duas coisas, o desempenho escolar e o comportamento social, que também sempre foi impecável. • E felizmente, a nível de colegas, professores, tudo o que envolva o meio escolar, tudo o que envolve depois também a sua vida social, 	<p>bebem álcool, não utilizam drogas, e isso de certa forma deu-me sempre mais tranquilidade.</p>		
--	--	---	--	--

	<p>nunca ninguém chegou ao pé de mim a dar queixas</p> <ul style="list-style-type: none">• Eles é que teriam de perceber qual seria a melhor opção em termos de futuro deles e efetivamente foi isso que aconteceu.• A nível de educação nunca houve, nunca nenhum deles chegou a casa com queixas a nível de colegas, escola, família. Houve aquela fase dos 16, 17 anos, a dos namoricos, em que poderá ter havido alguns devaneios, mais da miúda do que do miúdo, mas felizmente sempre houve muitas mais situações que me deixaram orgulhoso. Lembro-me que			
--	---	--	--	--

	<p>uma vez, durante a autoavaliação de físico-química, quando chegou a vez da minha filha e a professora lhe perguntou que nota devia ter, ela disse “senhora doutora, mereço 19” e a professora perguntou “19?”, a minha filha questionou “sim, professora, ou acha que não mereço?” e a professora respondeu “tu mereces é 20”, ao que a minha filha respondeu “não professora eu mereço o 19, por isso gostava que me desse 19, porque eu acho que não mereço 20”, e a professora deu-lhe 19. Isso é revelador,</p>			
--	--	--	--	--

	<p>de facto, do tipo de pessoa, do sentimento, que lhe fomos inculcando ao longo da vida, de forma a que eles fossem justos e corretos nas decisões que tomam. Na vida não vale tudo para conseguir os objetivos, mais importante do que os objetivos é a forma como se conseguem. Fazer fortuna pegando uma pistola e assaltando um banco, não é o mesmo do que fazer fortuna à custa do trabalho, de uma forma honesta e justa, e penso que eles aprenderam esses sentimentos e esses valores.</p>			
--	--	--	--	--

Tabela de temáticas 2: P5 a P8

Temáticas	P5	P6	P7	P8
A vivência da conjugalidade: <i>a qualidade da relação conjugal como elemento facilitador</i>	<p>É muito bom quando essa estabilidade existe. Todos temos momentos melhores e piores, e nesses casos, essa estabilidade também se reflete, é muito importante para os conseguirmos ultrapassar.</p> <p>As dificuldades foram surgindo e foram ultrapassadas lado a lado. Se não for assim, se a gente se vai fechar,</p>	<p>Na relação a dois, para o casal se dar bem, teve de haver cedências de um lado e de outro, e isso influencia-nos e vai-se repercutir na educação que se vai dar ao filho. Nós sempre tivemos uma relação próxima e penso que isso contribuiu para eu ser um bom pai. Se a gente não se desse bem, andasse sempre a discutir, tivesse mau ambiente, isso ia-se</p>	<p>A minha esposa, claro que ajuda, aliás, eu acho que a mulher ajuda muito o homem, tem um papel fundamental na educação das crianças. Acho que sem a minha mulher, eu não conseguiria dar a educação que dei e dou, acho eu. Sozinho eu não conseguia.</p> <p>Claro que sim, sem sombra de dúvidas, porque eu sozinho não conseguia fazer tudo. Eu</p>	<p>A forma boa como sempre nos relacionámos ajudou-me a ser pai, isso facilitou o meu papel enquanto pai. Há trinta e dois anos que temos uma relação estável e isso ajuda. Sempre houve entreajuda, e tudo aquilo que é abraçar, ela está sempre presente, nunca me deixa ir sozinho. É um bocado, um bocado grande, como a minha mãe. Tudo aquilo que o</p>

	<p>se não há partilha, não se consegue.</p>	<p>refletir na relação também com o miúdo, na maneira como eu agia com o miúdo. Se eu estivesse chateado com a minha mulher, se calhar depois já não tinha capacidade para estar mais tranquilo ao pé do miúdo. As coisas têm que estar mesmo interligadas.</p>	<p>considero que as pessoas têm de perceber quais os feitos dos outros e pensar se é possível ou não construírem uma vida juntos. Aqui em casa, mesmo quando eu e a minha esposa não estamos de acordo, não discutimos, preferimos não insistir mais no tema, até porque o meu pai sempre me disse “as coisas melhores são aquelas que ficam por dizer”. Entre nós e entre nós e as miúdas, nunca houve um berro, porque achamos que as coisas não se resolvem assim.</p>	<p>meu pai abraçou, ela nunca o deixou sozinho. Sempre, sempre, sempre atrás. Tudo aquilo que ele fazia, ela esteve sempre presente, e a minha mulher é a mesma coisa. Quando eu me meti nisto da padaria, ela disse-me assim “vais tu sozinho que eu não vou para lá”, mas depois foi a primeira a lá chegar. Por isso, ela nunca me deixa enfrentar uma coisa sozinho, nunca. Há sempre compromisso e isso foi-nos ajudando a superar os problemas ao</p>
--	---	---	---	---

			Se estamos em desacordo, falamos para tentar resolver as situações, eu acho que esta é a maneira correta de educar.	longo da vida, e continua. Passados todos estes anos continua na mesma.
A vivência da conjugalidade: <i>os filhos como fator unificador</i>		Sim, penso que sim. Porque antes vivíamos só os dois e depois veio o filho, e todas as atenções foram para o filho. E se calhar, pelo menos nas primeiras fases, comecei a dar-lhe mais atenção a ela por causa do filho.	Eu nunca senti distância da minha esposa, sempre fomos muito amigos um do outro. Casámos e continuámos na mesma. Depois vieram os filhos, e não é só pelos filhos que nos vamos unir mais, unimos é mais enquanto família, com eles também. Não é propriamente o homem só com a mulher, é também com as	Claro que isso nos aproximou, mas a nossa proximidade também já existia. Agora, o nascimento dos filhos, claro que une mais o casal, porque é fruto dos dois. É isso que eu penso e foi isso que aconteceu.

			<p>crianças, é mais a dimensão família, em função da questão de sermos mais. Não é pelo facto de termos tido as crianças que nos começámos a dar melhor. Em solteiros demo-nos muito bem e casámos, acho que se não fosse assim não nos casávamos. Correu bem, vieram as crianças, também correu bem. É bom os filhos terem vindo, claro que sim, não estou a dizer o contrário. Mas não sinto que antes tivesse um relacionamento menos</p>	
--	--	--	--	--

			bom com a minha esposa, acho que sempre mantivemos um bom relacionamento.	
A vivência da conjugalidade: <i>Diferença e complementaridade de papéis</i>				Porque as mulheres também fazem os homens, e as esposas fazem os homens, nesse sentido eu sou um bocado sortudo. Um bocado não, um bocadão sortudo. Tenho uma mulher extraordinária, nunca houve qualquer tipo de problema.
Os pais como modelos de referência: padrões seguidos e reajustados	É assim, eu não tive muita coisa, fogo. Vim de uma família humilde, uma família grande. Somos 10 irmãos vivos,	Eu penso que que a forma como os meus pais me educaram influenciou a forma de educar o meu filho, no	Aos meus pais, de quem recebi a educação até a transmitir às minhas filhas. Quer o meu pai, quer a minha mãe,	é nós querermos ensinar aos filhos aquilo que os nossos pais nos ensinaram a nós. A ter

	<p>é complicado falar nisso. Eu não tive uma bicicleta quando era pequenino, aos meus filhos isso nunca lhes faltou. Em vez de uma até tinham três ou quatro. Mas nunca me faltou comida, nunca. Se eu quisesse comer um pão, comia três, felizmente isso nunca me faltou. Mas ainda andei com as calças rotas e cosidas, ainda passei maus bocados, mas nunca permiti que os meus filhos passassem por isso, longe de mim que nesta</p>	<p>sentido da responsabilidade. Apesar de eu lhe dar a minha opinião, relativamente a tudo o que ele fizer de bem ou de mal, é ele que vai ter que assumir a responsabilidade. Os meus pais também sempre me educaram assim. Nunca foram aqueles pais de dizer “vais para a direita e tem que ser para a direita”, isso não. Explicavam-se que se calhar a esquerda podia ter um determinando problema, se calhar era melhor ir</p>	<p>tiveram em mim uma influência semelhante. Eu trabalhei foi muitos anos com o meu pai, e ele tinha um certo conhecimento da vida e transmitiu-me muita coisa. Além disso, conversas entre homens sempre são diferentes. Embora a mãe sempre nos dê conselhos, mas entre homens é amizade, é um ombro amigo, foi isso que senti. Tudo o que é de bom na vida se transmite, se há alguma coisa mal, possivelmente nem a divulgamos</p>	<p>respeito, a saber respeitar. Costuma-se dizer que aquilo que se vê em casa, depois a gente aplica. Se é para o bem é para o bem, se é para o mal é para o mal. Há pessoas que mudam e não tem nada a ver com os pais, mas a gente procura sempre fazer o que de bom se viu fazer em casa, o que nos ensinaram. Os meus pais não tinham muito tempo de dizer isto, aquilo e o outro, em função da vida que nós levávamos, mas a gente vai aprendendo</p>
--	--	---	--	--

	<p>altura do campeonato eles ainda tivessem que passar por aquilo que o pai passou.</p> <p>Exatamente. Procurei sempre passar o que é bom, o afeto, e corrigir, alterar, o que era mau. Nós somos 10 irmãos e acho que não há desentendimentos uns com os outros. Enquanto a minha mãe era viva, ano sim, ano não, juntávamo-nos todos no natal, juntava-se a família toda, os 10 filhos em casa da minha mãe, e os únicos que não tinham filhos era eu e a</p>	<p>para a direita. Sempre dando opiniões e nunca oposições, e eu estou a fazer um bocado disso.</p> <p>Além disso, principalmente no início, porque quando o meu filho nasceu eu trabalhava ao pé da casa dos meus pais, a minha mãe começou a tomar conta dele quando a minha esposa ia para o trabalho. Então o meu filho estava ao pé da minha mãe e de mim, e eu dava-lhe assistência quando ela tratava da alimentação dele. Isso</p>		<p>com aquilo que vai vendo ao longo da vida e ao longo dos dias. Mas o que eu procurei sempre e que eles me ensinaram, foi sempre respeitar o próximo. Ter educação e ser uma pessoa respeitadora. E é isso que eu tentei ensinar e ensinei aos meus filhos, e é isso que eles são. Foi isso que aprendi com os meus pais, foi isso que eles me transmitiram. Penso que a influência que tiveram na minha vida foi semelhante. Cá está, com a vida que nós tínhamos todos os dias,</p>
--	---	--	--	---

	<p>minha irmã mais nova, os restantes irmãos tinham um ou dois, e uma tinha 3. Agora imagina o que é, na casa da minha mãe, os meus irmãos, mais as esposas, mais a catrefada dos filhos. Era das coisas mais bonitas. Quando acabávamos a ceia de natal, íamos ao madeiro e toda a gente ficava a olhar. Há famílias em que são dois irmãos e andam ao barulho, nós somos 10 e parece que é só um, é espetacular, é das coisas mais bonitas. E é isso que eu lhes</p>	<p>também me obrigou a ser mais participativo.</p>		<p>os quatro juntos, era só trabalho, só trabalho. Havia pouco tempo para falar nisso, por isso é que eu digo que nós próprios vamos é aprendendo aquilo que vemos fazer aos pais, é aquilo que depois tentamos fazer. A influência em mim foi praticamente dos dois. A minha mãe foi uma pessoa que sempre nos ensinou a respeitar os bons termos, o meu pai era um bocadinho mais desligado dessas coisas, mas também estava sempre connosco. Vai</p>
--	--	--	--	---

	<p>tento passar, o afeto, a educação</p> <p>Na realidade o meu pai não me transmitiu muito, porque fiquei sem ele muito cedo, não houve muito tempo para isso. Quem me transmitiu foram principalmente a minha mãe e, sobretudo, os meus irmãos mais velhos. O meu pai faleceu muito cedo, a minha mãe sim, foi quem me passou muito. Eu vivi muito tempo com a minha mãe, vivemos só os dois, embora os meus irmãos</p>			<p>daí que era a mesma coisa. Mas quem nos manda para a catequese é a mãe, não é o pai, e pronto. Por outro lado, as coisas que eu considerava que poderiam ser melhores eu tentei mudar, como a questão de estar mais tempo com os meus filhos.</p>
--	--	--	--	--

	<p>estivessem por perto e era raro o dia em que não fossem lá a casa vê-la. Mas viver com ela era só eu, até porque fui o último a sair de casa. Ainda tive uma fase em que estava em Lisboa e ela estava a viver com a minha irmã, mas depois a minha irmã teve que sair e eu automaticamente deixei o emprego em Lisboa e vim viver com a minha mãe, para ela não ficar sozinha, até porque já estava com uma certa idade. Tudo aquilo que eu tenho de bom,</p>			
--	---	--	--	--

	<p>sobretudo os afetos, foram a minha mãe e os meus irmãos que me passaram. Sobretudo os afetos, os princípios e a educação.</p>			
<p>Os pais como modelos de referência: <i>a compreensão da experiência enquanto filho</i></p>				
<p>Os pais como modelos de referência: <i>diferenças intergeracionais geradas por mudanças sociais</i></p>		<p>Eu já nasci e fui criado noutra altura, com outras dificuldades, com menos recursos do que aqueles com que o meu filho foi educado e isso fez diferença. Porque eu também vim da Madeira para aqui com 5 anos, era um menino de cidade e cheguei aqui, a</p>		

		<p>uma terra pequena, fiquei numa aldeia rural. A gente nem sequer tinha água em casa, tínhamos de ir buscar à fonte. O saneamento era uma fossa. Pronto, aquelas coisas todas. Isso influenciou a minha vida enquanto criança, enquanto o meu filho já não passou por nada disso. Por outro lado, foi diferente, mas se calhar de uma forma negativa, essa questão dos recursos. Por exemplo, eu na minha infância e na minha juventude, tudo o que tínhamos na</p>		
--	--	--	--	--

		<p>mesa, aquilo era essencial. Tínhamos de comer aquilo, era aquilo que havia e a gente tinha de comer aquilo. Com o meu filho já não faço isso. E se calhar os pais da minha geração, alguns fazem, dizem “se é isto tens de comer isto”, algo que os meus pais fizeram e que se calhar eu também falhei em relação ao meu filho. Ter mais cuidado com as coisas, nós qualquer coisinha que tínhamos era uma relíquia. Nós conservávamos aquilo, enquanto a geração do</p>		
--	--	---	--	--

		<p>meu filho já não, e aí falhámos. Quando ele tinha um carrinho se calhar estragava o carrinho porque sabia que logo a seguir tinha outro. No meu tempo não, a gente tinha o carrinho e o carrinho tinha que durar bastante. Aí falhámos. É como em relação à comida. No meu tempo não havia tanta variedade em termos de coisas que não são essenciais. Na minha altura nós comíamos o essencial, éramos obrigados e só havia aquilo. Na altura do meu</p>		
--	--	--	--	--

		filho já não, o que possivelmente o influenciou a não aproveitar tudo o que tem. Por outro lado, esta questão de ter mais recursos também acaba por ser positiva.		
A identificação com o estatuto: <i>a validade das experiências alheias</i>	Penso que não, os amigos não. Aprendi algumas coisas com algumas relações dos meus irmãos, aí sim aprendi, com relações dos meus irmãos, com alguns erros que eu vi. Às vezes até era eu que lhes chamava à atenção, nunca na frente dos filhos. Tinha muitos	Até pode ter influenciado, mas não estou a ver nenhuma situação concreta.	Acho que não. Penso que em relação a isto sou autónomo, até porque sou de ideias fixas, isto faz parte da minha natureza. Acho que não sou muito influenciável.	Não, não, eu sou eu próprio. Eu às vezes tento é dar conselhos. Enquanto pai, eu digo que nenhum amigo me influenciou porque a gente vai aprendendo, enquanto filhos, a pensar se quando formos pai, vamos cometer os mesmos erros que os nossos pais cometeram

	<p>irmãos e via muitas coisas, até porque sempre passámos muito tempo juntos. Somos muito chegados e sempre nos demos muito bem, havia algumas atitudes que às vezes os meus irmãos tinham em relação ao filho ou à filha que eu achava que não eram corretas, e às vezes até os chamava à atenção. Foi um pouco a ver os meus sobrinhos a crescer e a serem criados que também me fui preparando para ser pai. Com os amigos nem tanto, até porque amigos</p>			<p>em relação a nós, que como referi, vamos tentando corrigir. E eu sempre disse que não havia de fazer certas coisas que eu via certos pais fazerem, é isso que tento fazer com os meus filhos. Todos os pais cometem erros, todo o pai é capaz de dar uma orelhada num filho, algo que eu sou contra. E eu sempre disse que no dia em que fosse pai, não haveria de fazer isso, há outras formas da gente repreender os filhos. Embora, diga-se de passagem, que às vezes</p>
--	--	--	--	---

	<p>meus que tenham filhos são pessoas com quem me dou bastante bem, dou-me muito bem também com os filhos deles, que também se dão com os meus, e são pessoas com quem nós convivemos no dia-a-dia.</p>			<p>uma orelhada não faz mal nenhum.</p>
<p>A identificação com o estatuto: <i>A seletividade das amizades</i></p>	<p>Sim, algumas amizades mudaram, porque a partir do momento em que tu és pai, há certas amizades que deixas de ter ou então comesças a entrar em caminhos que não são os melhores. Tens de acompanhar a tua família e isso</p>	<p>Sim, em princípio sim. Apesar de que naquela altura eu também não fosse uma pessoa que saísse muito, naquela altura eu também saía. A partir do momento em que o meu filho nasceu, praticamente deixei de sair, então já não havia</p>	<p>Eu penso que não. Claro que antes de casar saía mais e tinha as minhas noites. Depois quando casei, já não saía tanto, ou se saía vinha mais cedo. Com certeza que desde que tenho as minhas filhas sempre tentei estar ainda mais,</p>	<p>Acho que os amigos que tinha continuo a ter, os amigos são os mesmos. Não foi por ter nascido o meu filho ou a minha filha que eu me tornei mais amigo deste ou daquele, ou que deixei de ser mais amigo. Foi precisamente a mesma</p>

	<p>implica abdicar de certas coisas, como as boémias, as noitadas, pois tu tens de optar sempre pelo que é melhor para a tua família.</p> <p>E tu se não optares em termos de amizades, em deixar algumas para trás, não consegues fazer isso. Quando a gente não tem família, as prioridades são umas, quando tem família, as prioridades são outras. Isso nota-se logo a partir do momento em que tens uma companheira, aí as coisas começam</p>	<p>tanto convívio. O convívio depois apareceu um pouco mais tarde, com amigos que acabaram por ser pais, então a união dos miúdos juntou os pais. As crianças é que juntaram ainda mais as amizades. As amizades eram as mesmas, mas ficámos mais próximos. No entanto, ter filhos também contribui para conhecermos pessoas novas, mesmo que isso não implique que as consideremos nossas amigas.</p>	<p>para estar mais presente, por ser importante a presença da mãe e do pai. Para elas não pensarem que o pai não veio, o pai não está. Quando há miúdos, uma pessoa está sempre desejosa para chegar a casa e os ver, é natural. Em função da escola, começou a haver uma maior comunicação com os pais e as mães de outras crianças. Havia aquelas festas de Natal, de fim de ano, e claro que se acaba por conhecer outras pessoas. Cá fora se calhar não</p>	<p>coisa, não senti diferenças nenhuma nesse aspeto. Não abandonei nenhuma amizade, podia era ter havido mais algumas, mas as que tinha não abandonei, porque também não tinha amizades ruins, talvez mais por isso. Sim. Por exemplo, os nossos filhos conhecerem o filho de outro casal e podermos ir beber um copo com esse casal. Mas não surgiu, as amizades que tinha, continuei a ter. Pude juntar duas ou três,</p>
--	--	--	---	---

	<p>logo a alterar-se um bocadinho. Começas a ter momentos que tu queres só para vocês, que não vais partilhar com os teus amigos, o que é normal. E depois tens aqueles que são em conjunto, como toda a gente tem. Tens de começar a separar as águas. Depois, há amigos que temos mesmo que deixar porque não são aquilo que pretendemos, há amizades de que tive de abdicar porque isso implicaria enveredar por caminhos que eu não</p>		<p>falávamos, porque não tínhamos formas de construir esses relacionamentos. Quando havia festas ou reuniões, dávamo-nos mais ao conhecimento, como é natural. Mas os meus amigos são os meus amigos, sempre foram meus amigos. Mas pelas miúdas fui tendo mais amizades, arranjando mais amizades, claro que sim.</p>	<p>mas subtrair não, que me lembre não.</p>
--	---	--	--	---

	<p>queria. Tive alguns amigos que passaram muito mal, que bateram no fundo, mesmo tendo muito dinheiro, penso que se calhar isso é que lhes fazia mal.</p> <p>Felizmente alguns conseguiram sair de lá, mas com muito sacrifício, é complicado, e se não nos separarmos deles vamos ficar iguais.</p> <p>Uma pessoa tem que ter noção do que é a realidade e saber escolher aquilo que queremos.</p> <p>Sim, porque depois há sempre a tendência a</p>			
--	--	--	--	--

	<p>procurar pessoas que estão mais ou menos no mesmo barco que nós, que também já têm família, com quem por vezes combinamos encontrar-nos por causa dos miúdos, para eles poderem brincar, são formas de vida um bocadinho diferentes. Depois também temos aquelas amizades que sempre foram amizades e acabam por ficar connosco, que nos permitem perceber a diferença entre os que eram amigos e os que pensávamos que eram</p>			
--	---	--	--	--

	<p>amigos, mas não são, são conhecidos. Porque os verdadeiros amigos, esses vêm conosco. Porque embora nós estejamos noutra fase da vida, os nossos verdadeiros amigos ficam sempre. Essa é que é a verdadeira parte bonita da questão. Quando chegamos ao fim, nós acabamos por perceber e pensar que afinal pensávamos que tínhamos muitos amigos, quando na realidade são só dois ou três. Os outros afinal são apenas conhecidos.</p>			
--	---	--	--	--

	<p>Esses são os ditos amigos novos, que se vão juntar àqueles que vêm de trás, alguns já desde a infância. Surgem amizades recentes que são boas e que a gente tenta manter, por enquanto são considerados amigos.</p>			
<p>A vivência dos filhos: <i>simbolismo, motivos e interpretações existenciais</i></p>	<p>Mas depois é muito bom, é uma maravilha. Muda completamente a nossa vida, começamos a viver em função dos filhos, que é como se fossem um brinquedo que ali trazemos, sempre a apararicar. É fixe, é uma experiência pela</p>	<p>Era um objetivo que eu tinha, ser pai. Quando me casei foi uma das condições entre nós enquanto casal, ter filhos. A minha ideia até era ter mais do que um filho, mas de acordo com a esposa, ela só quis mesmo um. E</p>	<p>Então é assim... Na primeira parte, quando nós somos solteiros, pensamos muito mais em nós. Somos mais novos, somos mais individualistas. Depois casamos, é mais outra pessoa, vamos partilhar a vida. Depois, e</p>	<p>A minha experiência enquanto pai, passados 31 anos, não é a mesma que era numa fase mais inicial. Quando foi no início, ser pai foi um bocado estranho, porque uma pessoa não está habituada a alguém que lhe chame “pai”. Não é</p>

	<p>qual toda a gente deveria passar. É complicado para mim quando por exemplo, vejo algumas coisas na televisão, como a que aconteceu agora há dias, com aquela criança de 12 anos. Não há palavras para explicar uma situação dessas, uma vez que o ser pai é uma das experiências mais bonitas. Deixa-se de fazer tudo em função de um filho.</p> <p>E é isso, é um pouco a gente levar a água ao moinho e fazer deles aquilo que muitas vezes</p>	<p>pronto, nasceu o meu filho e muito bem. e é uma questão de muita responsabilidade ser pai,</p> <p>Em princípio é uma responsabilidade e também é uma coisa boa que a gente tem. Nem toda a gente consegue ser pai e ser um bom pai, tem-se que se esforçar muito para se ser um bom pai</p> <p>Para já é uma questão tradicional e cultural que a gente tem. Eu sou filho de um casal que tinha três filhos, tinha irmãos, e nós portugueses, por</p>	<p>dependendo dos casais, aparecem ou não as crianças. Aparecem no bom sentido, não é por acaso que elas aparecem. No meu caso, vieram os filhos e uma pessoa muda muito na maneira de encarar as coisas, de pensar.</p> <p>Começa a ser um maior sentido de responsabilidade, de se pensar mais nas crianças, porque é mais uma pessoa que está ao nosso cuidado. Mas o tempo, vai-nos dizendo que afinal não é só bem</p>	<p>bem uma pessoa não saber o que fazer, é o facto de que quando somos pai pela primeira vez, a responsabilidade mudar. Quando se é solteiro é uma coisa, depois de nascer o primeiro rebento, é outra. Por isso é que eu digo que é um bocado estranho. Uma pessoa é solteira e passado uns tempos alguém dizer assim “pai”, é um bocado estranho. Ser pai é isso mesmo, as responsabilidades mudam</p>
--	--	--	---	--

	<p>nós não conseguimos ser, o que não conseguimos que nós próprios fôssemos, e tentar dar-lhes uma boa educação.</p> <p>A experiência de ser pai é uma experiência pela qual todos deveriam passar.</p> <p>Eu enquanto jovem tinha uma vida muito ativa, uma vida noturna. O meu trabalho também me obrigava a tal, mas a partir do momento em que nasceu o meu filho, ainda ele não tinha um ano, deixei o emprego que tinha e optei pelo</p>	<p>tradição, queremos sempre constituir família. Um dos objetivos é ter filhos. Olha, filhos, eu até queria ter mais do que um, como disse há pouco. Ter filhos sempre foi uma coisa que estava dentro da minha mente.</p>	<p>assim, também temos de ver a nossa parte.</p> <p>Ser pai implica ter muita responsabilidade e paciência.</p> <p>Ser pai é uma coisa boa. O ser humano nasce e penso que uma das finalidades é ser pai, transmitir gerações. Nós, para cá chegarmos, também foi assim, e com a continuidade da vida, também será assim.</p> <p>Penso que também foi esta forma de pensar que contribuiu para que, contrariamente a outros pais, não entrasse em grande euforia quando</p>	<p>E é assim, nós queremos o melhor para eles. É nós abdicarmos de algumas coisas que enquanto somos solteiros não abdicamos, ou abdicamos de uma parte, mas não de toda. Quando um dia somos pai, a vida muda um bocadinho. Eu acho que a vida de um homem tem pelo menos três fases, enquanto se é solteiro, em que se vai para a tropa e quando se vem da tropa, porque a tropa faz falta, hoje é que ninguém vai à tropa, sendo que quando se</p>
--	--	--	---	---

	<p>emprego que ainda hoje tenho, para poder estar ao pé dele, acompanhá-lo. Na altura, a minha esposa era muito jovem, eu é que lhe dei os primeiros banhos, eu é que estava e isso mexe muito connosco, digamos que essa é a parte central da questão. Eu praticamente fui obrigado a mudar tudo, deixei tudo, deixei de sair à noite porque o menino de três em três horas tinha de mamar. Eu muitas vezes estava a trabalhar e sabia que quando a minha esposa</p>		<p>fui pai. Porque para mim, claro que foi bom, mas sempre foi visto como algo natural e esperado.</p> <p>Ser pai sempre foi um objetivo e ainda bem que fui. Penso que o que mais contribuiu para eu querer ser pai foi o relacionamento com a minha mulher. Se calhar, se não fosse assim, talvez não quisesse tanto ser pai. Acho que contribuiu muito, porque nos demos sempre bem. Acho que ao longo da vida esse desejo pode existir, mas é no</p>	<p>vem da tropa, vem-se outro homem; quando se casa, fica-se outro homem; e quando se tem um filho, fica-se outro homem. São três fases que eu acho que são marcantes e em que uma pessoa muda na vida. Ser pai é abdicarmos das coisas para dar aos filhos. Ficarmos nós um bocado menos bem para eles ficarem melhor. Significa ter mais responsabilidade</p>
--	---	--	--	---

	<p>chegava a casa estava muito cansada. Eu chegava a casa por volta das 3h30, perguntava-lhe como é que ela estava e sabia que ela ainda nem sequer tinha pregado olho. Nós pensámos que assim era impossível, porque ela precisava de descansar. É isso que ter um filho implica, não há nada que não muda em nós mesmo em termos de vida, em termos de pensamentos, muda tudo. O que está para trás foi muito bom, mesmo enquanto jovem.</p>		<p>relacionamento entre indivíduos, o casal, que se intensifica e concretiza.</p>	
--	--	--	---	--

	<p>Mas a partir do momento em que temos um filho, vivemos para aquilo e só para aquilo. É algo totalmente diferente, mexe muito conosco, tem um poder de nos mudar mesmo que uma pessoa não queira. Há quem diga que não, mas isso é tudo mentira. Só se tiverem tido uma educação que não fosse afetuosa, porque quem teve muitos afetos, quando nasce um filho, sente que muda tudo, os sentimentos que uma pessoa tem por ele, de</p>			
--	--	--	--	--

	<p>dizer que está ali e que é algo nosso, obriga a mudar tudo, até o próprio cérebro.</p> <p>Mas é bom, é bom, é muito bom. Tem de se mudar muita coisa, mas é muito bom.</p>			
<p>A vivência dos filhos: <i>principais preocupações/desafios</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente ficamos com receio, naquela fase em que a mulher está grávida, quando ela sai do hospital é um alívio. Quando os nossos filhos chegam a casa, nós nem sequer sabemos bem aquilo que fazer com eles. • Essa foi a parte mais complicada da 	<ul style="list-style-type: none"> • Para já o meu filho agora tem 21 anos, mas ainda está numa fase de formação da personalidade, ainda precisa de mais três ou quatro anos para começar a meter as ideias no sítio, claro que isso me deixa apreensivo. • Lembro-me de uma altura em que 	<ul style="list-style-type: none"> • Por vezes, os pais têm algumas preocupações e depois percebem que não são assim tão acentuadas, normalmente os pais empolgam demais as preocupações. • Inicialmente, é quando os filhos nascem, para saber se eles são saudáveis. Depois, é se 	<ul style="list-style-type: none"> • No início, quando se é pai, até se leva a coisa um bocado na brincadeira. Os meus filhos a mim não me deram grandes problemas, felizmente não me deram, não deixaram que eu não dormisse. E depois, eu fui um pai que nunca se preocupou em se era

	<p>questão. Quando ele ia atingindo aquelas fases que eu sabia que eram complicadas, porque eu também lá passei, tentei estar atento. Quando elas chegavam, quando batiam à porta, eu tentava avisá-lo, dizer-lhe que alguns não eram os melhores caminhos, e felizmente sempre correu tudo bem.</p>	<p>andava muito preocupado, quando o meu filho foi internado com um problema pulmonar, foi uma fase muito difícil. O que também me preocupou bastante foi aquela fase de transição do 9º para o 10º ano, por causa da escolha do curso, de ele tentar saber do que é que gostava, de qual era a área em que queria continuar os estudos. Acho que essa foi a fase mais difícil. O que me preocupava é que ele não estivesse convicto de que era aquilo que queria. A</p>	<p>eles serão bons alunos. Claro que quando são bons alunos nós ficamos satisfeitos, quando são menos bons, fazemos os possíveis para ficarmos satisfeitos. Depois, também temos aquelas preocupações dos amigos da infância, para se darem bem com eles, acho que são mais essas as preocupações. Neste momento, a minha filha mais velha está a terminar o ensino superior, e o que mais me preocupa é a parte de arranjar um emprego. Porque a pessoa anda muito tempo a olhar</p>	<p>preciso mudar uma fralda ou não, nunca mudei uma fralda a um filho meu, tinha sempre alguém que o fizesse. Por isso, ser pai, para mim não custou muito, nem me tirou noites de sono. Embora eles estivessem comigo, com o pai e com a mãe. E eles sempre foram uns filhos muito meiguinhos. A diferença é quando nasce, é diferente ser-se pai com uma idade ou ser-se pai com outra. Quando nasce o primeiro filho, nunca se sabe, porque é uma coisa nova. Quando nasce o segundo</p>
--	--	--	---	---

		<p>gente pode estar mentalizada de que gosta desta área e depois chega à conclusão que não é aquela. O que me preocupava é que ele não estava convencido de que era aquilo, ele andou sempre ali tipo corda bamba. Acabou por tomar uma decisão, mas ainda hoje eu estou convencido de que não era aquilo que queria. Atualmente, a principal preocupação é que ele, visto que escolheu entrar naquele barco, consiga levar o barco a bom rumo. Vamos ser</p>	<p>por eles, investir muito também, com certeza que gostará que eles arranjem uma profissão para ter uma vida mais estável, porque este percurso implica um grande sacrifício também. A minha filha mais nova vai agora entrar para a universidade e a minha preocupação é o facto de ela sair de casa, sobretudo por ser rapariga. Eu nunca tive filhos homens, mas acho que os homens são muito mais preocupados quando têm filhas, porque para nós são sempre as</p>	<p>filho, a gente já está treinada e já se levam as coisas de uma forma um pouco diferente. Porque quando nasce o primeiro filho, uma pessoa está sempre a pensar o que é que será, quando nasce o segundo, a pessoa já tem um bocadinho de treino, já está um bocadinho treinada. São essas as diferenças. A diferença é mais do primeiro para o segundo, e em função da idade da gente. Quando se é mais velho, uma pessoa está mais madura, tem-se outra maturidade, e isso já é diferente.</p>
--	--	---	---	--

		<p>concretos, ele está a tirar um curso e está com muitas dificuldades. A minha preocupação é que ele o tire. Não quer dizer que tendo ou não tendo curso vá ser melhor ou pior filho ou melhor cidadão, não é isso que está em causa. Mas já que está dentro do barco, tem que o levar até ao fim. Uma outra preocupação, é a questão de que ele um dia pode ter que sair de casa. Agora, às vezes, já vai dormir a casa da namorada e eu estou sempre a ver quando e se ele chega, porque me faz</p>	<p>meninas e temos sempre receio quando abalam de casa e ficam lá toda a semana. Os pais sempre se lembram delas e há sempre um certo cuidado e preocupação de falar com elas todos os dias, para ver se estão bem e se tudo vai correndo mais ou menos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As minhas filhas para mim são sempre umas flores. Se fossem rapazes, eram cravos. Nós, às meninas, estão estamos sempre a corrigir. Há sempre as preocupações com o futuro, que queremos que 	<p>Embora como eu disse, com os meus filhos eu nunca tive a preocupação de mudar uma fralda ou dar banho. Estava aqui, mas ou a mulher ou a minha sogra, tratavam disso. Nunca me chateeí grande coisa com isso.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Até há sete anos atrás, nós estávamos mais tempo juntos, tínhamos mais tempo para estar uns com os outros. De há sete anos para cá, a vida também mudou um bocadinho e, por exemplo, chega-se à noite e nós podíamos falar com os filhos, mas não
--	--	--	---	--

		<p>confusão quando ele não está. Isso também é algo que me preocupa, a saída dele de casa. Essa é uma das minhas principais preocupações e ao mesmo tempo o meu maior desafio, ter de começar a aprender a saber lidar com a ausência.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Muito preocupado, eu sou muito stressado. Consigo manter a calma, mas o meu cérebro está sempre a trabalhar, sempre a trabalhar. Se calhar vivo demais os problemas. Porque o que depois acontece é que eu 	<p>seja sempre o melhor. Mas no fundo, tudo se resume à responsabilidade na vida, à medida que o tempo passa elas também vão tendo mais responsabilidade, que também lhes dará mais coragem para enfrentar as adversidades da vida. O que também me preocupa em relação ao facto de elas mais tarde ou mais cedo saírem de casa, é o facto de eu e a minha esposa ficarmos mais sozinhos. Agora ainda vamos falando todos, elas falam dos amigos e do</p>	<p>falamos porque o sono também impede. Daí que por vezes a minha filha diga que não temos tempo para estar uns com os outros, porque nós nos vamos deitar. Mas lá está, a vida é mesmo assim. A gente tem de procurar querer também mais alguma coisa, enquanto é tempo, para que eles também estejam melhor. Se os pais trabalham e têm menos tempo para estar com eles, embora o trabalho não seja o mais importante, nós trabalhamos para que os filhos possam ter aquilo</p>
--	--	---	---	---

		<p>resolvo os problemas, até mesmo a nível profissional, quase sempre, e penso que andei muito atrapalhado, muito stressado, e afinal os problemas até foram fáceis de resolver. Com o meu filho acontece-me muito isso, mais nas questões de saúde. Porque um pai o que quer é que os filhos estejam bem, e as questões de saúde são muito importantes.</p>	<p>que vai acontecendo no dia-a-dia. Quando saírem de casa as coisas vão ser diferentes, eu e a minha esposa falaremos sobretudo do que acontece no nosso dia-a-dia. Mas sabemos que a vida é mesmo assim.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há aqueles momentos das vidas delas em que uma pessoa se preocupa mais, sobretudo na questão da escola, que fossem sempre passando de ano. E a verdade é que as minhas filhas foram sempre boas estudantes. • Dar-lhe uma educação que penso que 	<p>que querem e, por vezes, os filhos não percebem. Por vezes não entendem e dizem que passamos muito tempo no trabalho, mas isso é para que eles também possam ter e possam atingir os objetivos que eles querem atingir. Porque se um pai e uma mãe não tiverem hipótese, se não tiverem posses para eles continuarem a vida que escolheram, vai haver mais dificuldades em conseguirem atingir esses objetivos. E é isso que às vezes eles não entendem, é que os pais já estão a</p>
--	--	--	--	--

			<p>será a melhor. Encararem as coisas com a maior naturalidade possível. Desde que temos filhos, para além das questões concretas em relação a eles, tentamos que mesmo nós os pais, tenhamos sorte na vida, para lhes conseguir dar alguma ajuda. Que a nós também não nos aconteça nada de mal para também cá estarmos e os conseguirmos acompanhar. Nós tivemos duas filhas e decidimos ficar por aí. Claro que eu gosto de, por vezes, ver famílias maiores, com</p>	<p>pensar de uma maneira que os filhos não pensam. E é normal, porque quando temos 17 anos pensamos de uma maneira, quando temos 21 pensamos de outra, a partir dos 25, em que a pessoa casa, começa a pensar de outra. A pessoa vai sendo mais matura e vai mudando, é mesmo assim que as coisas funcionam.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relativamente a determinados assuntos, nunca tive grandes preocupações com os meus filhos, porque eu sabia que havia sempre
--	--	--	--	--

			<p>quatro ou cinco filhos, mas nunca me imaginei assim. A minha preocupação sempre foi ter filhos em função daquilo que lhes pudesse proporcionar, a dar-lhes as melhores possibilidades. A preocupação também é essa, a de não lhes faltarmos, não termos algum acidente ou algum problema que nos impeça de estar ao pé deles.</p>	<p>alguém que as fizesse por mim.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As preocupações que tenho enquanto pai, é eles chegarem onde querem, cumprir os objetivos a que se propõem, e a gente dá-lhes todas as condições para que isso aconteça. Cá está, a gente trabalhar não só num emprego, mas em dois ou três, para que eles tenham alguma coisa, para que eles consigam. Eu podia ter o meu emprego, a minha mulher ter o dela, mas não, para que eles também possam ter
--	--	--	--	---

				<p>alguma coisa. E a gente também incentivá-los, dizer-lhes “faz assim”, para que eles também consigam. Neste momento, em relação à minha filha preocupa-me a questão de ela sair de casa. Quando o meu filho saiu a primeira vez de casa, quando estava a estudar fora e ficou lá a dormir, nessa noite eu chorei. De ele estar a sair de casa, ir para outro sítio e dormir lá, eu essa noite chorei, custou-me um bocadinho. A minha filha está a estudar fora, mas não quer dormir fora,</p>
--	--	--	--	--

				<p>quer vir todos os dias a casa, porque é muito apegada à casa. Mas preocupa-me cada vez que saem, até mesmo por poder acontecer alguma coisa. Fico preocupado. Nas outras fases da vida deles, o que mais me preocupava era que eles tivessem boas companhias, que não saíssem fora da linha que a gente lhes diz e ensina todos os dias.</p>
<p>A vivência dos filhos: <i>funções do pai, características e qualidade da relação</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Eh pá, para mim ser pai é estar lá nas horas boas e nas horas más, conseguir levantá-lo quando é preciso, 	<ul style="list-style-type: none"> tentar compreender o filho e apoiá-lo em tudo o que for possível. Sim, porque os tempos também são 	<ul style="list-style-type: none"> Por vezes, podemos pensar que temos razão e temos, mas outras vezes podemos pensar que temos e não 	<ul style="list-style-type: none"> Porque os miúdos quando saem, quando estão fora, se eles tiverem cabecinha, às vezes as companhias não fazem

	<p>conseguir levá-los por bons caminhos. Como eu costumo dizer, nós também já tivemos a idade dos nossos filhos, também tivemos as nossas partes boas e as nossas partes más.</p> <ul style="list-style-type: none"> • No meu caso, procurei passar para eles a minha educação, aquilo que eu tive de bom, fazer deles boas pessoas, que sejam boa gente e que tenham boas amizades. • O meu filho mais velho já está na fase da idade adulta e mesmo com ele partilhamos tudo. Se a gente não partilhar, 	<p>outros, também me vou moldando enquanto pai em função das mudanças que vão ocorrendo na sociedade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A ideia que eu tenho, do que acontece na generalidade, não consigo, porque eu não o vivi, se tivesse dois filhos, de certeza que a educação seria um bocadinho diferente. Porque a gente costuma dizer que quando é um filho único vai tudo para aquele, as regras são moldadas para aquele. Quando são dois, temos que distribuir a atenção 	<p>temos, porque também erramos, porque nós não sabemos tudo. Claro que quando os pais dão conselhos aos filhos, é sempre no sentido de melhorar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Enquanto pai, tentei sempre ser, e ainda tento ser, um bom indivíduo. Transmito, penso eu, uma educação razoável, boa, tento transmitir aquilo que também me transmitiram a mim, que me ensinaram a mim também. Respeitar os outros e o sentido de responsabilidade, porque essas são as bases 	<p>grande efeito, mas também tendo cabecinha, costuma-se dizer que “quem lida com um coxo, aos três dias coxeia também”. Mas felizmente nunca aconteceu grande coisa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando algum tem algum problema, a gente tenta-lhe ensinar como é que se devem resolver as coisas, ensinar-lhe o melhor caminho. Para não serem muito intempestivos, para se acalmarem, porque as coisas podem ser de outra maneira, que com calma é que se resolvem as
--	---	--	--	---

	<p>não consegue levar a água ao moinho e, por vezes, não consegue superar certas dificuldades que a vida nos traz.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sobretudo que ele tivesse bons princípios, boas amizades, não fosse por maus caminhos. • Sim, sem dúvida. Isso é daquelas coisas básicas. Eu por exemplo, se agora me desentendesse com o meu filho mais velho, por lhe falar um bocadinho mais alto e ele ficar admirado, passado pouco tempo já estávamos novamente um 	<p>pelos dois, o amor pelos dois e as obrigações pelos dois. E se calhar a gente, fazendo isso, a personalidade deles é capaz de ficar um bocadinho diferente. Não posso tirar a conclusão de que seria melhor ou pior se o meu filho tivesse um irmão, não consigo, nem consigo dizer se o meu filho seria melhor ou pior se tivesse um irmão. Mas seria diferente.</p> <ul style="list-style-type: none"> • É assim, nós não falamos muito porque nós somos um bocado parecidos. Somos um bocado reservados, e ao 	<p>essenciais da vida. Dar-lhes aquilo que posso, nem sempre o que elas querem, porque a vida não é só assim cheia do “eu quero”. Vai-se fazendo por ir melhorando as coisas. Tento ter com elas um bom relacionamento, ser um bom indivíduo. O que lhes transmito baseia-se muito na questão da responsabilidade, em todos os sentidos, a nível de tudo. Tento que tenham respeito por tudo, pelos mais velhos, pelos mais novos. Penso que com essas bases, as</p>	<p>coisas. Quando surgem problemas, falamos abertamente sobre eles. Por vezes os irmãos brigam um com o outro e depois lá tem de ir o pai ou a mãe dizer que as coisas não são bem assim.</p> <ul style="list-style-type: none"> • tentar e dar educação e ensinar-lhes o caminho para o futuro e aquilo que eles devem trilhar, o trilho que devem percorrer. Tentar-lhes ensinar como é que é a vida, até porque às vezes, mesmo a gente ensinando, as coisas não
--	--	--	--	--

	<p>ao pé do outro a conversar. Nós falamos sempre sobre aquilo que acontece, e isso é muito bom. Quando as pessoas não falam das coisas e ficam a sofrer interiormente, é complicado. Quando as pessoas não deitam para fora aquilo que sentem e quando não falam das coisas, é muito complicado.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Além de sermos pai e filho, há uma grande amizade. Essa é que é a grande questão. Sempre que ele tem problemas, chega ao pé do pai e diz, 	<p>fim ao cabo damo-nos bem, mas só falamos quase o essencial, muitas vezes é mais para chamar à atenção. Talvez se fôssemos mais extrovertidos, a nossa relação fosse diferente, se calhar podíamos falar mais. Podíamos até falar de coisas mais banais, mais do dia-a-dia, mas se calhar podíamos falar mais. Não temos aquela relação de pai e filho de sairmos os dois para fazer isto ou aquilo, isso não. Ele gosta de estar no seu cantinho e eu também gosto de estar no meu</p>	<p>peessoas conseguem encarar a vida com alguma naturalidade relativamente àquilo que lhes vai aparecendo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por vezes, também aparecem situações menos boas na vida, e eu quero que também estejam preparadas para as enfrentar. Tento sempre dar-lhes força, dizer-lhes que a vida não é sempre boa, mas que amanhã é outro dia, se hoje é menos bom, amanhã é melhor. E vamos andando nesse sentido de não perder a esperança no dia a seguir. 	<p>dão certo, isso acontece com todos.</p>
--	---	---	---	--

	<p>em relação aos diversos assuntos, só em relação à namorada é que já é um pouco mais reservado. Mas se tiver que falar disso, também fala, o que é muito bom. Não há nada escondido, seja aquilo que for. E o meu filho também sabe tudo sobre mim, quer seja em termos de trabalho, de dinheiros, de tudo, isso é muito bom. Quando a gente fala é tudo mais fácil.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Há um ditado muito antigo que diz “diz-me com quem andas, que eu dir-te-ei quem és”, 	<p>cantinho. Mas é uma questão do feitio das pessoas. Mas temos uma relação próxima. Penso que não há nada que fique por dizer, porque apesar de falarmos pouco, quando falamos sou frontal e explico-lhe as coisas, digo o que tenho a dizer. Pode haver coisas que fiquem para trás que a gente acaba por não dizer, mas não tenho a perceção de não as ter dito.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre tivemos uma relação próxima, em que procurámos falar com as miúdas sobre as preocupações, para sentirem que podem contar connosco. 	
--	---	---	---	--

	<p>e é mesmo assim. Se te juntas aos bons serás como eles, junta-te aos maus e serás pior do que eles. Portanto, a gente tem que tentar separar as coisas e chamar à atenção, chamá-los à razão na hora certa. Isso aproxima-nos cada vez mais e é muito bom quando a gente se entende, quando a gente fala e quando a gente consegue chegar um ao pé um do outro e dizer assim “olha lá, eu estou com este problema. Como é que hei de o resolver?”. Só falando é</p>			
--	--	--	--	--

	<p>que tu consegues ter isso, porque se não falares tu não consegues. Se uma relação entre pai e filho não for falada, se não for uma relação de amizade, às vezes isso, essa proximidade, não se consegue.</p>			
<ul style="list-style-type: none"> • A vivência dos filhos: adaptação às características dos filhos 	<ul style="list-style-type: none"> • Penso que não, com o meu filho nunca houve assim grandes situações. Com a minha filha já é diferente, já é mais complicado. Logo desde pequenina que começou a ser muito mais complicado, ela tem um temperamento completamente diferente. 	<ul style="list-style-type: none"> • 	<ul style="list-style-type: none"> • 	<ul style="list-style-type: none"> • Mas ser pai de um rapaz e de uma rapariga é diferente, isso já é muito diferente, aí é que a porca torce o rabo. • Enquanto pais de um macho é uma coisa, enquanto pais de uma rapariga é outra. • Um filho é um filho, e uma filha é uma

	<p>Lembro-me de uma situação, quando o meu filho era pequeno. Nós tínhamos umas fichas em cima da mesa e ele, antes de lá mexer olhou para nós no sentido de quem está a perguntar se o podia fazer. Nós dissemos-lhe para ele não mexer e ele nunca mexeu. A minha filha, numa situação idêntica, foi alertada para não fazer ainda antes de perguntar, e fez na mesma.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Noutras coisas é que já é preciso chamar-lhe à atenção. Já tem certas atitudes 			<p>filha. Um filho a gente deixa andar, embora elas sejam mais perigosas do que eles. A gente a um filho macho deixa andar, se for uma filha a sair com o namorado para algum lado ou que já ande algum de roda ou qualquer coisa assim, é um bocado diferente. A gente pensa logo outras coisas. E depois é assim, se elas calharem com um rapazinho que goste delas, que as respeite e trate bem, é uma coisa. Agora se elas dão com um gajo qualquer... E isso também ninguém</p>
--	---	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Às vezes cá em casa é necessário a mãe tentar chamá-la à razão, em relação a determinadas situações. Não quer dizer que tenhamos problemas com ela, mas a relação com ela já é diferente. Até porque quando temos filhos com comportamentos diferentes, nós também temos de nos comportar com eles de forma diferente. Mesmo a forma de falar com um não é igual à forma de falar com o outro, porque têm feitios diferentes. 			<p>sabe, é também para isso que serve o namoro. Se elas dão com um rapaz que as trate mal, que não as respeite, isso é complicado. Nós não andamos a vida inteira a criar uma filha, para depois ela cair nos braços de um gajo qualquer, e eu estou a utilizar esta expressão, porque pessoas desse tipo não merecem outro tipo de identidade. Então é um bocado diferente ser-se pai de um filho ou de uma filha, não é a mesma coisa. Em relação à mesma questão tenho</p>
--	---	--	--	---

				<p>perspetivas diferentes.</p> <p>Porque enquanto se tem um filho que é homem e ele sai, anda para aqui, anda para o outro lado, e anda com uma ou com outra, a gente não se preocupa, porque ele é um rapaz. Em relação a uma filha, quando ela sai de casa, pensa-se como é que ela andará, como é que estará, como é que não estará. A preocupação é diferente. É aquela de “é um filho deixa andar, é uma filha espera aí, tem calma”.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • A vivência dos filhos: prevenção e/ou 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, lembro-me de uma com o meu filho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tive agora uma, que foi dolorosa, em que 		

<p>ressignificação de situações adversas concretas</p>	<p>Quando ele tinha 14 anos, saiu à noite com os amigos, com todo o pessoal. Isto aqui não tem muita gente, toda a gente se conhece, sabemos minimamente o que é este, o que é aquele, o que é o outro. O meu filho saiu lá com os ditos amigos, que não eram verdadeiros amigos, eram um grupo de conhecidos, e foram aí para a casa de um deles. Lá estavam entretidos, não sei bem a fazer o quê, mas lá estavam. E eu, como essa casa é aqui perto, pensei que já era um pouco</p>	<p>me apercebi que ele se estava a chegar mais a mim. O meu pai faleceu em janeiro último e ele, se calhar, mesmo que não tenhamos chegado a falar nisso, precisamente por sermos reservados, estava a ver o filme dele em mim. E ele aí chegou-se a mim.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ele se calhar por imaginar como seria se me perdesse, pelo menos foi o que eu pensei. Nos dias em que o meu pai esteve doente, achei-o muito mais preocupado, mais perto de mim, e com o desfecho da situação, vi 		
--	--	---	--	--

	<p>tarde, e fui lá ver o que é que os miúdos estavam a fazer. Fui devagarinho, e quando lá cheguei estava uma algazarra tremenda, eu pensei “deixa lá ver o que é que estes miúdos estão para aqui a fazer”. Encostei a cabeça à porta e ouvi que um deles estava a contar uma proeza, todo armado em campeão. Estava a dizer “há dias fui a um café, e quando lá cheguei não havia ninguém. Chamei pelo proprietário e ninguém me respondeu, porque ele devia estar na casa de banho. Olhei, não</p>	<p>que ele estava ao meu lado. Isso também nos aproximou, porque apesar de eu achar que ele ainda não cresceu, demonstra que tem uma certa maturidade. A preocupação se o pai está bem, se está a sofrer, isso deixou-me bem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foi muito bom, deu-me força para aguentar. Mesmo que essa maior proximidade não fosse pelas melhores circunstâncias. 		
--	---	--	--	--

	<p>vi ninguém, olhei para a prateleira e estava lá uma garrafa de álcool a chamar por mim. Agarrei nela, pu-la por baixo do casaquinho e ala que se faz tarde”. O miúdo estava a contar aquilo como se fosse um bom exemplo, e eu pensei em bater à porta e foi o que fiz. Vieram à janela, eu perguntei se o meu filho estava lá, e disseram que sim. Então eu disse que precisava de falar com ele, porque já se estava a fazer tarde. Quando o meu filho apareceu eu perguntei-lhe “olha lá,</p>			
--	---	--	--	--

	<p>não achas que são horas de ir para casa? O pai precisa de falar contigo”. Até chegarmos a casa estivemos a conversar e eu disse-lhe o que tinha ouvido e perguntei-lhe “olha lá, tu achas que isso são as amizades, as pessoas que tu queres para a tua vida? Achas bem essa pessoa ainda se estar a gabar daquela atitude que teve? Achas que essa atitude foi correta?”. Ao que o meu filho respondeu “Deus me livre a mim, eu só estava ali com eles, ele nem sequer costuma estar</p>			
--	--	--	--	--

	<p>connosco. Eu simplesmente estava lá em baixo no café e convidaram-me para vir, e eu vim. Além disso, embora fale com todos, essa pessoa não é alguém que eu considero meu amigo”. E a verdade é que mesmo hoje o meu filho fala a esse miúdo, mas ele não faz parte do grupo de amigos dele. É relativamente a esse tipo de coisas que uma pessoa sente necessidade de chamar à atenção. E é por isso que quando a gente fala é tudo mais fácil. Eu chamei-o à atenção e</p>			
--	---	--	--	--

	<p>nunca mais precisei de o fazer.</p> <ul style="list-style-type: none">• Sem dúvida, acabou por nos aproximar ainda mais. Essa foi uma das primeiras situações, e já o meu filho tinha 14 anos, já sabia minimamente o que fazia, que implicou uma das conversas mais sérias de pai e filho que tivemos. Simplesmente falámos e eu perguntei-lhe se era aquilo que queria para a vida dele, estar a conviver com pessoas daquelas, que roubam, porque o pai não queria isso para ele. Disse-lhe			
--	---	--	--	--

	<p>que se eu soubesse que ele fazia uma coisa dessas, não sabia como seria a minha reação. Mas ele tranquilizou-me, disse-me que nunca o fez, e felizmente sei que não. É esse tipo de conversas que é preciso a gente ter. Se eu não dava conta, se não tinha atenção às más companhias, elas poderiam desviá-lo.</p> <ul style="list-style-type: none">• Quando ela era pequenina sofreu de bullying na escola, e nós não sabíamos. As contínuas e os restantes funcionários não diziam nada, é como se tivessem			
--	--	--	--	--

	<p>feito um pacto de silêncio. Embora ela já tenha ultrapassado essa situação, foi bastante complicada. Ainda tivemos de ir à psicóloga da escola com ela. A nossa filha sempre foi muito, muito, muito inteligente, estava muito à frente dos colegas. Ainda eles estavam a aprender o “b” e ela já estava quase no fim do alfabeto. Os meninos tinham certas brincadeiras na infância que ela não aceitava porque já queria outras coisas.</p>			
--	--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none">• É complicado. Emergiram sentimentos de revolta, até porque quando nos apercebemos disso já foi numa fase muito posterior. Ficámos com uma raiva muito grande a muita gente. Até porque algumas coisas nós só ficámos a saber pela psicóloga, porque foi a única pessoa com quem ela falou. É um sentimento de raiva, de revolta muito grande, porque eu sei que se me apercebesse antes, as coisas poderiam ter sido completamente diferentes. Eu nunca			
--	---	--	--	--

	<p>permitiria que isso acontecesse à minha filha. Mas pronto, foi complicado, mas já passou e andou. Nós conseguimos superar porque estivemos sempre juntos, sempre unidos.</p>			
<ul style="list-style-type: none"> • A vivência dos filhos: emoções e pensamentos emergentes 	<ul style="list-style-type: none"> • E isso é bom, quando a gente percebe que um filho vai conseguindo trilhar um bom caminho, isso deixa-nos felizes. • O meu filho mais velho nunca me deu problemas, nunca foi uma pessoa problemática. É um miúdo espetacular e 	<ul style="list-style-type: none"> • Em termos de sensação, foi a melhor que tive em toda a minha vida • e eu acho que é uma sensação muito boa. 	<ul style="list-style-type: none"> • 	<ul style="list-style-type: none"> •

	<p>tomara muita gente ter um filho como eu tenho.</p> <ul style="list-style-type: none">• O meu filho mais velho, passa por toda a gente e diz bom dia, boa tarde, boa noite, dá-se bem com toda a gente e toda a gente diz que ele é espetacular. Mas isso é daquilo que a gente lhe passou, é muito bom quando isso acontece. É das coisas mais bonitas.• Ele começou a crescer e a escolher as amizades dele, e felizmente são espetaculares, dá-se bem com toda a gente. Graças a Deus nunca foi uma			
--	---	--	--	--

	<p>criança que chateasse as pessoas, mesmo em pequenino nunca foi uma criança chata.</p> <ul style="list-style-type: none">• No entanto, a minha filha em termos de escolaridade é espetacular, tem muito boas notas, é muito inteligente.			
--	--	--	--	--